

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Roberdan Ferreira de Oliveira

Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades
da educação nesse cenário

Goiânia
2020

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

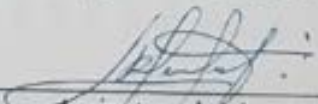
Nome completo do autor: Roberdan Ferreira de Oliveira

Título do trabalho: Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário.

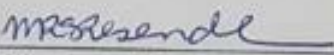
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ **SIM** ☐ **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 09 / 04 /2020

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.



Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Psicologia



iii

Roberdan Ferreira de Oliveira

Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades
da educação nesse cenário

Trabalho final de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, linha de pesquisa Processos Psicossociais e Educacionais, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Silva Resende.

Goiânia

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Roberdan Ferreira de

Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos,
desafios e possibilidades da educação nesse cenário [manuscrito] /
Roberdan Ferreira de Oliveira. - 2020.

clxxiv, 174 f.

Orientador: Profa. Dra. Maria do Rosário Silva Rezende.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, ,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Cidade de Goiás, 2020.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. famílias homoafetivas. 2. parentalidade homoafetiva. 3. educação.
4. escola. 5. preconceito. I. Rezende, Maria do Rosário Silva, orient.
II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**Ata de Defesa de****Dissertação de Roberdan Ferreira De Oliveira**

Aos 30 dias do mês março de dois mil e vinte (30/03/2020) às 14:00 reuniram-se através da plataforma virtual os componentes da Banca Examinadora: **Profª. Drª. Maria do Rosário Silva Resende** doutora em Psicologia Social pela PUC-SP, **Profª. Drª. Teresa Cristina Barbo Siqueira**, doutora em Educação pela PUC-GO, **Profª. Drª. Analice de Sousa Arruda Vinhal de Carvalho**, doutora em Psicologia pela PUC-GO, e **Profª. Drª. Susie Amâncio Gonçalves de Roure**, doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás para, sob a presidência da primeira, e em sessão pública realizada através de plataforma virtual segundo a Instrução Normativa PRPG/UFG 001, de 27 de março de 2020, procederem à qualificação da dissertação intitulada: **"Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário"** em nível de Mestrado, área de concentração em Psicologia, de autoria de **Roberdan Ferreira De Oliveira**, discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora, **Profª. Drª. Maria do Rosário Silva Resende**, que fez a apresentação formal dos membros da Banca e deu-se início à apreciação e avaliação do texto. A Banca Examinadora, após a apreciação e avaliação do texto apresentado, decidiu considerá-lo APROVADO. Os trabalhos foram concluídos e eu, **Profª. Priscilla Melo Ribeiro de Lima**, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FE/UFG, lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Maria do Rosário Silva Resende/ PPGP-UFG

Profª. Drª. Teresa Cristina Barbo Siqueira / PUC-GO

Profª. Drª. Analice de Sousa Arruda Vinhal de Carvalho/ PUC/UNIP-GO

Profª. Drª. Susie Amâncio Gonçalves de Roure/ PPGP-UFG

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Priscilla Melo Ribeiro De Lima**, Coordenadora de Pós-Graduação, em 30/03/2020, às 15:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Documento assinado eletronicamente por **Maria Do Rosario Silva Resende**, Professora do Magistério Superior, em 30/03/2020, às 15:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

08/04/2020

SEI/UFG - 1180877 - Ata de Defesa de Dissertação



Documento assinado eletronicamente por **Susie Amancio Goncalves De Roure, Professor do Magistério Superior**, em 30/03/2020, às 15:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Analice de Sousa Arruda Vinhal de Carvalho, Usuário Externo**, em 30/03/2020, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1180877** e o código CRC **CEE2D2C8**.

Referência: Processo nº 23070.003799/2020-10

SEI nº 1180877

Dedicatória

Ao meu filho Pietro Cesconetto Oliveira, meu maior amor. Dedico esta pesquisa a você, meu filho, que me inspira, me incentiva. Grande parte do que sou hoje devo a você, que, ao entrar em minha vida, alterou todo o percurso dela, trazendo a alegria e o prazer de sentir-lhe parte de mim. Tendo certeza que sempre estaremos juntos em qualquer situação. Amo muito você!

Agradecimentos

Agradeço sempre em primeiro lugar ao Deus da minha vida. Obrigado Pai pelo fôlego de vida, pelo pão que alimenta, pelo amor que não falha e por estar sempre de braços abertos para me receber e me acolher em seu colo. A ti eu rendo toda honra, glória e louvor! És meu refúgio, minha fortaleza, meu esconderijo... És meu amado, assim como sou teu!

Aos meus pais Swarci Ferreira de Faria e Coraci Maria de Oliveira Faria, que me ajudaram a chegar até aqui, sou grato pelos valores que aprendi e pelos caminhos que me ensinaram a andar. Amo vocês!

Ao meu filhote amado Pietro Cesconetto Oliveira, meu maior tesouro, meu pretinho, meu amigo, meu parceiro... Cada sorriso seu faz valer a pena todo esforço para poder lhe proporcionar um futuro melhor. Obrigado por me dar o título de pai!

Ao meu companheiro Murilo Pereira Tonhá, que esteve comigo nesta jornada, dividindo o cansado, as alegrias, as tristezas, os medos e os sonhos deste projeto. Obrigado pela parceria, pelo incentivo e pelo amor construído dia após dia. Obrigado pela família que temos.

À orientadora Maria do Rosário, que acreditou em mim e me permitiu desenvolver este trabalho com respeito, atenção e parceria. Obrigado pela paciência e por me conduzir com seu jeito assertivo de me mostrar o que eu não estava conseguindo perceber.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás, pelo processo formativo e pelas contribuições em cada disciplina, conversas, reuniões, seminários e lanches... Todo contato com vocês me levou à aprendizagem.

Às professoras Tereza Cristina e Susie Roure, pelas contribuições no exame de qualificação.

À minha mentora e amiga Analice Vinhal, que me incentivou e esteve presente em momentos decisivos e não me deixou parar.

Agradeço à Universidade Paulista na qual sou professor, em especial minha coordenadora e amiga Patrícia Philadelpho e meus colegas professores que me deram suporte e me socorreram quando precisei me ausentar em função do mestrado.

Ao meu colega Victor, que me incentivou e auxiliou no processo inicial da escolha do programa.

À colega Fernanda Nunes, que se colocou pronta em me auxiliar quando precisei, como as horas que passamos juntos fizeram diferença neste processo. Muito obrigado!

Ao meu colega Ettore pelo auxílio e momentos de conversa que ampliaram a compreensão sobre a Teoria Crítica.

Aos meus colegas Raiana e Gleyson, que dividiram comigo esta caminhada. Obrigado pelo suporte, pelas indicações, pelos socorros quando precisei. Vocês fizeram diferença!

**Uma escola que não respeita a diversidade de seus funcionários,
jamais respeitará a diferença de suas crianças.**

Rafael de Oliveira Leme

Sumário

Lista de abreviaturas e siglas	13
Lista de quadros	14
Resumo	15
Abstract	16
Introdução	17
Capítulo 1- Contexto histórico da família e os desafios da legitimação da família homoafetiva	23
1.1 Aspectos históricos da Família	23
1.2 Famílias homoafetivas e seus desafios	34
Capítulo 2 - O papel escolar na formação dos indivíduos pertencentes à famílias homoafetivas na sociedade contemporânea: os desafios da educação	42
2.1 Relação família - escola diante da responsabilidade de educar e formar	43
2.2 Formação, Educação e emancipação de professores e alunos diante da realidade social	53
2.3 Material didático utilizado para discussão de famílias no contexto da educação infantil: desafios e possibilidades	58
Capítulo 3 - Apresentação, análise e discussão dos dados: uma perspectiva crítica social	63
3.1 Participantes da pesquisa	65
3.2 Critérios de Inclusão	66
3.3 Critérios de Exclusão	66
3.4 Instrumentos	66
3.5 Procedimentos	66
3.6 Análise dos dados	67
3.7 Aspectos Éticos	68
3.8 Apresentação dos Participantes e condições da realização das entrevistas	69
3.8.1 Cláudio e Márcio	69
3.8.1 Karla e Brenda	70
3.8.1 Fernanda e Luíza	70
3.9 Análise das entrevistas	70
3.9.1 Família	71
3.9.2 Preconceito	85
3.9.3 Educação	93

Considerações Finais -----	107
Referências -----	112
Anexos -----	118
Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE -----	119
Anexo II – Roteiro de Entrevista -----	121
Anexo III – Guia de Entrevista -----	123
Anexo IV – Parecer de aprovação do projeto pelo comitê de ética -----	125
Apêndices -----	128
Apêndice A – Entrevista 1. Cláudio e Márcio -----	129
Apêndice A – Entrevista 2. Karla e Brenda -----	144
Apêndice A – Entrevista 3. Fernanda e Luiza -----	161

Lista de Abreviaturas e Siglas

ADI – Ação Direta de Inconstitucionalidade

ADPF – Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental

APGL – Associação de Pais e Futuros Pais *Gays* e Lésbicas

CNS – Conselho Nacional de Saúde

DR – Discussão de Relações

ECA – Estatuto da Criança e Adolescente

FIV – Fertilização *in Vitro*

LGBT – Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transexuais

LGBTQI+ – Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexuais e outros

MEC – Ministério da Educação

OMS – Organização Mundial da Saúde

PNDH – Plano Nacional de Direitos Humanos

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFG – Universidade Federal de Goiás

Lista de Quadros

Quadro 1 – Resumo dos mitos sobre a homoparentalidade e seus esclarecimentos a partir da análise da literatura

Oliveira, Roberdan Ferreira (2020). *Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário*. 2020, (Dissertação de Mestrado). Curso de Psicologia - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

Resumo

Nesta dissertação é proposta a discussão sobre a realidade das famílias homoparentais em relação ao contexto escolar de seus filhos, para, assim, refletir sobre as possibilidades e os desafios da educação nesse cenário. Este trabalho tem como fundamentação teórica a Teoria Crítica da Sociedade com reflexões que visam compreender as relações entre a constituição individual e a constituição da sociedade nos contextos familiar e educacional, assim como a relação entre eles pensada a partir de diferentes arranjos familiares como as famílias homoparentais. Foram utilizados autores contemporâneos para discutir temas como famílias homoparentais e homoparentalidade, uma vez que são temas considerados novos e, por isso, discutidos e conceituados em literaturas mais recentes. Foi aplicada metodologia qualitativa de investigação empírica e exploratória. Como instrumento, optou-se por utilizar entrevista semiestruturada. A análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo proposto por Bardin e sistematizada a partir das seguintes categorias: família, preconceito e educação, ou seja, o conceito de família, a experiência em relação ao preconceito e, por fim, os desafios da educação dos filhos. Como resultado é possível apontar a dificuldade das famílias homoafetivas em serem reconhecidas como família “normal”, assim como a existência do preconceito diante das generalizações e a dificuldade da escola em colocar em prática o direito da criança diante da diversidade.

Palavras-chaves: famílias homoafetivas; parentalidade homoafetiva; educação; escola; preconceito.

Abstract

In this dissertation it is proposed to discuss the reality of homoparental families in relation to their children's school context, in order to reflect on the possibilities and challenges of education in this scenario. This work has as a theoretical foundation the Critical Theory of Society with reflections that aim to understand the relationships between the individual constitution and the constitution of society in the family and educational contexts, as well as the relationship between them thought from different family arrangements such as homoparental families. Contemporary authors were used to discuss topics such as homoparental families and homoparenting, since they are considered new and, therefore, discussed and conceptualized in more recent literature. Qualitative methodology of empirical and exploratory research was applied. As an instrument, we opted to use semi-structured interviews. Data analysis was carried out through content analysis proposed by Bardin and systematized based on the following categories: family, prejudice and education, that is, the concept of family, the experience in relation to prejudice and, finally, the challenges of children's education. As a result, it is possible to point out the difficulty of homo-affective families in being recognized as a "normal" family, as well as the existence of prejudice in the face of generalizations and the school's difficulty in putting into practice the right of the child in the face of diversity.

Keywords: homo-affective families; homo-affective parenting; education; school; preconception.

Introdução

A discussão sobre famílias homoparentais ainda é pouco explorada no contexto social. A sociedade, apesar de todo avanço e conquista dos direitos dos homossexuais parece ainda resistir a essa legitimação.

A minha relação com a temática família se deu ainda no final de minha formação em Psicologia. No estágio de terapia familiar sistêmica, pude ter acesso a outro olhar acerca da psicologia aplicada a esse contexto. Ao finalizar minha formação em Psicologia, busquei a especialização em Terapia Familiar Sistêmica para poder compreender melhor sobre isso e me apropriar da abordagem sistêmica a fim de atender casais e famílias.

A relação com o tema também perpassa minha experiência de vida. Em 2011, após ter passado por uma separação conjugal em uma relação heteronormativa, vivenciei conflitos em relação a minha orientação sexual. Diante do dilema do desejo orientado tanto a mulheres quanto a homens, durante parte de minha vida, até o momento da separação, anulei o desejo orientado aos homens, permitindo-me apenas vivenciar relações heteroafetivas. Esse cenário se deu uma vez que a sociedade, minha família de origem e o contexto interiorano no qual fui criado não legitimavam uma relação homoafetiva.

Ao me separar, questionei-me se essa ruptura poderia ter decorrido de uma possível orientação sexual dirigida a homens. Vivenciei conflitos ao pensar que pudesse ser homossexual apenas. Busquei ajuda no processo psicoterapêutico e percebi que minha separação não se deu por uma questão de orientação sexual e, sim, pela incompatibilidade com a pessoa a qual eu estava casado. Embora tivesse desejo dirigido a homens, esse desejo não anulava o também desejo direcionado às mulheres. Após esse entendimento, permiti-me vivenciar as primeiras experiências afetivas no contexto homoafetivo.

As pessoas, ao conhecerem minha história e ao saberem que tenho um filho biológico concebido em um casamento hétero, ficavam surpresas e questionavam: Quando você se descobriu *gay*? Como é para sua ex-mulher saber que você é *gay*? Como é para seu filho saber que tem um pai *gay*? Como você conseguiu ficar casado com uma mulher? Você já contou para seu filho que tem um namorado? Ao responder essas questões, percebi o quanto era difícil para as pessoas de modo geral, para a sociedade compreenderem aspectos relacionados à orientação sexual, gênero e identidade de gênero.

No contexto de minha família de origem, não houve legitimação para configurações familiares que se diferissem da do modelo tradicional, composta por pai, mãe e filhos. Os

paradigmas religioso e cultural inviabilizaram essa compreensão, somada a vergonha posta por eles diante dessa realidade. Isso só me foi possível compreender a partir do processo psicoterapêutico.

Para mim também foi difícil entender que eu poderia ter uma orientação bissexual e assim dar outro sentido ao autojulgamento sobre minha orientação sexual. Percebi que eu não tinha que fazer escolha – assumir ser heterossexual ou homossexual –, mas me relacionar afetivamente e sexualmente com quem eu me sentisse bem, independente de essa pessoa ser homem ou mulher. Essa compreensão trouxe-me alívio. Contudo, até esse momento chegar, o percurso foi árduo.

Com todos os recursos disponíveis e aceitos por mim, entre leituras e psicoterapia, a trajetória não deixou de ser complexa. Entendi que eu não poderia impor a minha família a mesma compreensão que eu havia adquirido. Eu deveria, então, respeitá-la, abrir-me ao diálogo, criando um espaço propício a isso, caso ela quisesse um dia falar sobre o assunto.

Ao compartilhar minha história com outras mulheres, percebi o preconceito delas ao relatarem que não se envolveriam com um homem que já tivesse tido uma relação anterior com outro homem, mesmo sabendo que ele já tivesse sido casado com outra mulher, tendo inclusive um filho biológico. Elas questionavam a masculinidade desse homem e relatavam se sentirem inseguras nesse tipo de relação.

Já homens heterossexuais com os quais compartilhei minha história relataram não ter problema em se relacionar com uma mulher, mesmo que ela tenha tido um relacionamento com outra mulher. Para o contexto masculino, essa possibilidade muitas vezes é marcada por excitação e fetiche.

Toda essa experiência me levou a buscar estudos que falassem sobre essa realidade. No trabalho de conclusão da Pós-Graduação em Terapia Familiar, falei sobre os desafios da homoparentalidade masculina em um estudo de caso. O resultado dessa pesquisa me levou a outros questionamentos e possibilidades de novas pesquisas, dentre elas, a investigação da representação social sobre famílias homoparentais, a compreensão dos filhos dessas famílias sobre o que é família, a conjugalidade e parentalidade homoafetiva.

Ao pensar o projeto para o Programa de Mestrado em Psicologia, dentre as linhas de pesquisa existentes, o contexto escolar passou a ser um viés possível de diálogo com o tema famílias homoafetivas. Dessa maneira, decidi investigar conflitos, desafios e possibilidades encontrados por essas famílias no contexto escolar de seus filhos.

Percebi que dentre os diferentes arranjos familiares há as famílias homoparentais, nas quais o pai ou a mãe homossexual exerce a função da parentalidade no exercício de cuidar de seus filhos, sendo esse homossexual pai ou mãe, casado ou não.

Nos estudos realizados, observei que as famílias buscam na escola a formação complementar de uma educação iniciada em casa. Os pais homossexuais, embora estejam em configurações familiares diferentes do modelo heteronormativo, também buscam essa complementação para seus filhos. No contexto escolar, a distinção de configuração familiar não deveria colocar as crianças, filhas de famílias homoafetivas, como desiguais perante outras. O contexto da diferença e da desigualdade abre possibilidade para o preconceito e a discriminação daqueles que não estão de acordo com o modelo ideal de família ensinado na escola pelos professores e veiculado no material didático que referencia família como composta por pai, mãe e filhos.

No espaço educacional, a família homoparental pode enfrentar desafios e conflitos diante da realidade de seus filhos. Professores e educadores parecem ter dificuldades de trabalhar e discutir temas como diferentes arranjos familiares e homossexualidade. Diante disso, parece haver uma tensão entre todas as famílias envolvidas. De um lado, encontra-se a família heteronormativa que exige da escola uma postura contrária à educação voltada a discutir e legitimar diferentes arranjos familiares. De outro lado, as famílias homoparentais buscam reconhecimento de seus direitos e dos direitos de seus filhos de serem legitimadas e reconhecidas também como família na escola.

Esse assunto foi discutido nos governos passados, especificamente no governo Lula. Em 2009, o Plano Nacional de Direitos Humanos 3 propôs reformas no conteúdo do material didático utilizado em escolas públicas. Desse modo, os livros passariam a trazer diferentes configurações familiares, não só a família tradicional. Isso acarretou polêmica e discussão no meio social e opiniões divergentes emergiram.

Frente aos argumentos expostos, considerando a necessidade de promover um delineamento da produção acerca do tema, este estudo contribui com material empírico, trazendo a demanda de novas pesquisas sobre o tema de maneira que acrescente ao meio científico saberes adicionais para o estudo do tema famílias homoparentais e educação.

Para tanto, os objetivos específicos deste estudo consistem em: a) verificar por meio de famílias homoparentais conflitos, desafios e possibilidades da educação no cenário escolar de seus filhos; b) verificar como as famílias homoparentais consideram a formação e a capacitação dos professores em relação ao trabalho com diversidade, igualdade, preconceito e

diferentes arranjos familiares; c) investigar como as famílias homoparentais avaliam o material didático utilizado pelos professores em relação ao ensino do conceito de família.

Esta dissertação tem como fundamentação teórica a Teoria Crítica da Sociedade buscando compreender as relações entre a constituição individual e social do sujeito nos contextos familiar e educacional, bem como nos diferentes arranjos familiares como é o caso das famílias homoparentais. Busca-se, por meio do referencial teórico, compreender a crítica em sentido frankfurtiano como aquela que põe em suspenso qualquer juízo sobre o mundo, visando prévia interrogação, é própria de um pensamento que coloca a si mesmo em julgamento, investindo na autorreflexividade, porque crê que “a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 1).

Foram utilizadas ideias propostas pelos pensadores da Escola de Frankfurt como Adorno, Horkheimer e Marcuse para discutir os temas família e educação propostos neste estudo e também autores contemporâneos como Sánches e Jesus para discutir temas como famílias homoparentais e homoparentalidade, uma vez que esses temas são considerados novos, discutidos e conceituados em literaturas mais recentes. Dessa forma, ao discorrer sobre a sociologia da família, Adorno e Horkheimer apresentam distintas concepções (a naturalista, a sociológica, a pluralista, a sociologista americana) advindas de diferentes perspectivas de pesquisa.

Na busca teórica pela compreensão do tema, percebe-se que os pais no processo de educação dos filhos precisam do auxílio da escola e dos professores a fim de dar continuidade a educação iniciada em casa, e assim matriculam seus filhos em uma escola. Escola e professores, no entanto, parecem não saber lidar com a diferença dessas crianças frente as demais, oriundas de família heterossexual. Soma-se a isso o fato de que a grande maioria do material didático utilizado pelos professores ser pautado em ensinamentos heteronormativos.

Diante desse contexto, marcado por desafios inúmeros, o problema da pesquisa propôs responder a seguinte indagação: Quais os conflitos, desafios e possibilidades encontrados pelas famílias homoparentais na relação com o contexto escolar de seus filhos? Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com pais e mães em contexto de família homoparental cujos filhos, com idade superior a 4 anos, estudem ou estudaram na educação infantil em escolas públicas ou privadas na cidade de Goiânia. Os participantes foram escolhidos através da técnica “Bola de Neve”. As entrevistas foram transcritas e analisadas com base na análise de conteúdo de Bardin, discutidas com base na Teoria Crítica da Sociedade.

A dissertação aqui apresentada, resultado da pesquisa realizada, está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Contexto histórico da família e os desafios da legitimação da família homoafetiva” apresenta uma contextualização histórica sobre família e discute os desafios da família homoafetiva no contexto social.

No segundo capítulo, “O papel escolar na formação dos indivíduos pertencentes a famílias homoafetivas na sociedade contemporânea: os desafios da educação”, busca discutir a relação da escola e da família diante da responsabilidade de educar e formar. Nesse capítulo foi almejado discorrer sobre formação, educação e emancipação de professores e alunos diante da realidade social, falando também sobre o material didático utilizado para discussão de famílias no contexto da educação infantil enquanto desafio e possibilidade na escola. Se fez necessário explicitar nesse capítulo as questões de gênero, orientação sexual e identidade de gênero visando compreender melhor como a escola discute essas questões.

No terceiro capítulo, “Apresentação, análise e discussão dos dados: uma perspectiva crítica social”, apresenta-se as características metodológicas deste estudo, pautadas em pressupostos para uma investigação qualitativa, com a realização de entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de informações. Apresenta-se também os procedimentos para chegada ao campo de pesquisa e participantes, bem como os caminhos para análise de dados, realizada com base na análise de conteúdo proposta por Burdin. As categorias elencadas buscam discutir a realidade dos participantes em relação à compreensão sobre o que é família, sobre os preconceitos vivenciados por eles enquanto família homoafetiva e sobre os desafios da educação no contexto dos filhos em período escolar.

A partir da análise feita, subsidiada pela teoria utilizada, pode-se dizer que os desafios que se instauram baseiam-se no entendimento social do que é ser família diante de uma pluralidade de configurações. A discriminação e o preconceito se fazem presente no contexto escolar mesmo que de modo velado. Os participantes consideram desafiador para os professores atuarem nesse cenário, assim como deficitária a formação que esses profissionais possuem. O material didático utilizado nas escolas parece não abarcar as famílias homossexuais. Dessa maneira, as crianças com pais *gays* não se sentem legitimadas diante da literatura utilizada, embora algumas escolas têm buscado recursos complementares para exporem essas famílias.

A doutrina religiosa aparece como marcador para a legitimação ou não dessas famílias. A escola, por sua vez, reproduz o esperado pelo contexto heteronormativo ainda que de maneira sutil, como na celebração de datas comemorativas. Os pais e as mães homossexuais, em alguns momentos, reproduzem também o comportamento aprendido em

suas famílias heterossexuais de origem, isso em relação à parentalidade. As funções paternas e maternas ainda estão cristalizadas como esses pais aprenderam em casa. Para as mães participantes deste estudo, a função de pai ainda está vinculada à figura masculina, parecendo incômodo ter filho sem esse homem presente.

Entende-se que as pesquisas nesse campo precisam ser fomentadas com objetivo de esclarecer a sociedade sobre mitos que levam ao preconceito e à discriminação. Ainda se faz necessário discutir e ampliar olhares a fim de considerar a diversidade como lugar de respeito, legitimando-a.

Capítulo 1 – Contexto histórico da família e os desafios da legitimação da família homoafetiva

Na sociedade atual, é possível mapear diferentes configurações familiares. Isso significa dizer que a família tradicional, pensada a partir do padrão heteronormativo, composto por pai, mãe e filhos, não é a única existente. Críticas e debates voltados a essa configuração geram a seguinte dúvida: na sociedade atual, quando se discute família, existe um lugar em que o novo pode se interpor e que o velho pode se fazer presente?

Frente a tal contexto, na primeira parte, este estudo traça o contexto histórico da construção da família e seus diferentes arranjos, utilizando como base os textos de Morgan, como “Família antiga”; de Engels, “A família monogâmica”; de Adorno e Horkheimer, “Sociologia da Família”; de Mitchell, “Modelos familiares”, presentes no livro *Dialética da Família* (1987) bem como outras produções de autores contemporâneos a fim de apresentar a história da família e sua relação com a religião e a homossexualidade. Já na segunda versa sobre os desafios das famílias homoafetivas pensados a partir do reconhecimento legal e a prática social diante dessa realidade.

1.1. Aspectos históricos da família

As transformações de normas, valores e costumes processaram-se no decorrer da história, ou seja, no transcorrer dos anos, dos séculos. A família, desse modo, nem sempre foi da forma como a conhecemos ou a distinguimos. Com o passar do tempo, ela acompanhou o processo histórico cultural em que se encontra, assumindo novas características capazes de trazer para o indivíduo formas outras de estar em família e no mundo.

Para Roudinesco (2003), na definição de família, reside a ideia de pessoas ligadas entre si pelo casamento e filiação ou ainda pela sucessão de indivíduos marcada por linhagem, raça ou dinastia. Na Grécia antiga, Aristóteles compreendia o termo de modo mais amplo, propondo que família se estendesse à comunidade com base no entendimento de cidade. Aristóteles se baseia no conceito de *oikia* ou *oikos* para se referir à cidade como *polis*, ou seja, como grupo organizado centrado no princípio de dominação patriarcal. Situação que resulta em relação hierárquica do marido com esposa e filhos semelhante à ocorrida com senhor e escravo. A vida em sociedade seria, portanto, uma vida em família, uma vez que toda a cidade é constituída por famílias.

Em relação à conjugalidade, Roudinesco (2003) assegura que a família dita nuclear, formada por pai, mãe e filhos, é resultado de uma evolução decorrente de séculos. Dito de outro modo, a família nuclear, tal qual entendida na modernidade, não resultou de fato recente. E é ela fruto de transformações históricas. Para a autora, três fases caracterizam a evolução da família. A primeira delas, do século XV ao XVII, é marcada pela família tradicional, mantida por meio da conjugalidade, visando assegurar a manutenção do patrimônio com casamentos arranjados, sujeitos à autoridade patriarcal, tendo a vida sexual voltada à procriação. A segunda, entendida como família moderna, impõe-se no final do século XVIII até meados do século XX e é fundamentada no amor romântico, em que a relação entre os cônjuges advém da reciprocidade dos desejos intermediados pelo casamento. É possível considerar, nessa fase, a divisão do trabalho entre eles no processo de educação dos filhos. A terceira, definida como família contemporânea ou pós-moderna, ocorre a partir de 1960 e consiste na união de dois indivíduos em busca da satisfação de relações íntimas e realizações sexuais. A transmissão da autoridade, nesse caso, se torna cada vez mais problemática, aumentando a incidência de divórcio, separação e recomposição familiar, tornando-a mais aceita socialmente.

De acordo com Wirth (2015), não se pode negar a influência da religião na família. Todavia, a compreensão de família na história e as novas configurações familiares na contemporaneidade desafiam as igrejas católicas e protestantes. A religião discutida aqui é a religião de base Católica Apostólica Romana e as religiões Protestantes que têm como base de ensinamento a bíblia. Necessário mencionar essa influência uma vez que nas discussões sobre novas configurações a religião tem aparecido como base de instrução de comportamento dos sujeitos na sociedade, muitas vezes, contrária aos novos arranjos familiares.

No processo histórico que antecede à família contemporânea, a religião determinou normas de condutas e regras, estabelecendo, com isso, o certo e o errado. Na Idade Média, por exemplo, a Igreja Romana, entendida como representante de Deus na Terra, ditava normas e apontava o que era considerado pecado. Os fiéis obedeciam a esses ditames pois a preocupação em não pecar, estava voltada à necessidade de salvação da alma. Esses ensinamentos se estendiam às famílias e os representantes da igreja orientavam como a instituição familiar deveria ser composta e as regras que deveriam ser seguidas por homens e mulheres ao assumirem o matrimônio. No Período Colonial, previa-se a castidade para as mulheres e regulamentava-se o modo como elas deveriam se portar na relação conjugal e na formação da família (Wirth, 2015).

Para a autora, a família só poderia ser considerada a partir do casamento, um dos principais sacramentos religiosos em função de essa instituição ser considerada a principal base da igreja. A conjugalidade, no contexto religioso, para a formação da família, deveria ser composta por pai, mãe e filhos, devendo haver também distinção entre gêneros. A autoridade era atribuída ao homem, cabendo à mulher e aos filhos a submissão a ele. Os papéis masculinos e femininos sofreram, portanto, influência da religião. Para ser mulher e ser aceita na família filhos precisariam ser gerados, uma vez que a maternidade era vista como dom natural. A mulher infértil era, por essa razão, considerada indigna e, muitas vezes, a infertilidade era empecilho para o casal ser recebido na comunidade como família.

Wirth (2015) destaca que embora, por muitos anos, o divórcio fosse considerado ilegítimo pela igreja, uma vez que o casamento era sagrado e, nesse sentido, indissolúvel, na atualidade, as instituições religiosas não podem negar a possibilidade de diferentes configurações familiares, oriundas inclusive do divórcio. As igrejas se tornaram, assim, mais flexíveis diante de novas configurações familiares. Essas configurações não podem ser pensadas, a rigor, sem considerar a relação entre religiosidade e gênero. Contudo, apesar dos avanços, as igrejas cristãs não legitimam as configurações de famílias homoafetivas.

Percebe-se que as discussões sobre família podem ser feitas sob diferentes prismas. Diante das considerações tanto históricas quanto religiosas, para este trabalho, foi considerada também a discussão com base na dialética da família ao buscar contrapontos e contradições das práticas sociais no decorrer da história, assim como das novas configurações familiares na contemporaneidade. Neste caso flagradas não apenas no contexto homossexual, mas também nas novas configurações heterossexuais. O objetivo principal aqui não é discutir o viés religioso ou até mesmo histórico e, sim, elucidar lampejos do passado na sociedade atual. Cabe a este estudo promover uma discussão sobre essa temática de modo crítico e dialético, fundamentada em autores da Escola de Frankfurt como Adorno, Horkheimer e outros. Eles apresentam desde a família antiga até outras configurações pertencentes à sociedade atual.

Antes de se pensar a família heteronormativa monogâmica como modelo ideal tecido nos discursos sociais e políticos e se debruçar sobre os diferentes arranjos familiares, especificamente sobre as famílias homoafetivas, necessário enveredar pelos estágios que antecederam esse alcance histórico. Morgan (1987) explicita formas mais antigas, anteriores à família monogâmica. Para o autor, as críticas postas, sobretudo ao modelo familiar homoafetivo, parecem desconsiderar a existência de outros arranjos familiares e matrimoniais já existentes no modelo familiar antigo. Cinco formas diferentes e sucessivas de família são por ele apresentadas. A primeira é a família consanguínea, alicerçada no intercasamento de

irmãos e irmãs, carnavais e colaterais, no interior de um grupo. A segunda é a punaluaana, fundamentada no casamento entre várias irmãs, carnavais e colaterais, com o marido de cada uma delas, no interior de um grupo. Nesse arranjo familiar, os maridos comuns não eram necessariamente parentes. A terceira é a sindiásmica, ou de casal, marcada pelo vínculo não mais coletivo. Todavia sem obrigação de coabitação exclusiva. O casamento prosseguia enquanto ambas as partes o desejassem. A quarta é a patriarcal, fundamentada no casamento de um homem com diversas mulheres. Por fim, a quinta é a monogâmica cuja figuração consiste no casamento não coletivo e com obrigação de coabitação exclusiva.

Foge à discussão deste estudo aprofundar em tais arranjos. Eles, na verdade, são ponto de partida para melhor compreender o discurso apregoado pela sociedade conservadora cuja defesa é em prol da família tradicional monogâmica. Esse modelo, na evolução discutida por Morgan, é instigado por Engels que aponta a relação entre ele e o desenvolvimento das forças produtivas. Engels (1987) esclarece que o modelo monogâmico deriva do sindiásmico, tendo a dissolução da união não como algo facultativo a ambas as partes. Só ao homem cabia o direito de romper e repudiar a mulher. A paternidade, em tal caso, era incontestada e os filhos tinham o direito de gozar da produção dos pais.

O termo família, segundo Engels (1987), provém etimologicamente de *famulus*, que significa servo ou escravo doméstico, sendo uma expressão inventada pelos romanos para designar um novo organismo social que surge entre as tribos latinas ao serem introduzidas à agricultura e à escravidão legal. Em síntese, naquele momento, considerava-se família o conjunto de escravos ou criados de uma mesma pessoa. Ao discutir a família monogâmica, o teórico aponta que a monogamia não pode ser entendida como sinônimo de reconciliação entre homem e mulher, tampouco como maneira mais elevada de modelo familiar. Ela deve ser vista a partir de seu aspecto contraditório e em disputa entre os sexos, ou seja, como forma primeira de divisão do trabalho para o cuidado com os filhos e forma de opressão do sexo masculino sobre o feminino. A privação e a exclusividade, no entanto, esboçam contradições: instituição da monogamia e vislumbamento do adultério, mesmo considerado proibido e recaindo sobre ele penas severas.

Adorno e Horkheimer (1987), ao discorrem sobre a sociologia da família, apresentam distintas concepções – naturalista, sociológica, pluralista, sociologista americana – advindas de diferentes perspectivas de pesquisa. Argumentam que, no início da história, a família tem algo de natural em sua constituição, reunião e permanência de seus membros. A sobrevivência talvez seja fulcral nesse processo. À medida que a sociedade evolui e alcança a era moderna o sentimento de família e a experiência da intimidade passam a ter primazia. A família deixa de

ser vista como natural, passando a ser compreendida em sua dimensão social. Os autores reconhecem a contribuição da psicanálise na compreensão da família ao destacarem sua função constitutiva. Isso tanto no desenvolvimento dos indivíduos quanto no dos grupos sociais. A família é o lugar com prerrogativa na formação da estrutura da personalidade que será objetivada socialmente (Adorno & Horkheimer, 1978).

O que foi esboçado até aqui é relevante para a compreensão da família contemporânea. O que a história explicita é que as configurações familiares nem sempre foram monogâmicas, pensadas a partir da tríade pai, mãe e filhos. Isso corrobora para a defesa deste estudo que é discutir as famílias homoafetivas como uma configuração que busca legitimação na sociedade atual. Mesmo com todas as variações e a evolução da família ao longo da história e em diferentes culturas tem-se hoje formas cristalizadas como a família heteronormativa. O desenvolvimento social acarretou transformações importantes na instituição familiar, passando a legitimar outras configurações diferentes da entendida como “normal”, composta por pai, mãe e filhos. Isso ocorreu pela crise relacionada à família como, por exemplo, pelo divórcio ou mesmo pela legitimação de diferentes orientações sexuais.

Para Adorno e Horkheimer (1978), a família é uma das instituições centrais da sociedade moderna, marcada pelo ordenamento total determinado pelo sistema de troca e, portanto, pelo racionalismo individual dos homens em seu trabalho. Mesmo nesse sistema, e desde a sociedade burguesa (séculos XVI e XVII), a família assume a manutenção ideológica proveniente do sistema feudal, baseada no princípio de sangue, do parentesco natural. Importante ressaltar que os autores não estão defendendo o fato de essa família ainda estar no modelo feudal. Para eles, a família está perdida ou deslocada no tempo. Isso advém da construção ideológica das relações sociais que impõe o modo como a sociedade estabelece o lugar da família para que, na assunção desse lugar, a reprodução ocorra.

Assim, perpetuava-se um elemento irracional dentro da sociedade industrial, orientada pela ordem racionalista, pelo domínio exclusivo do princípio de calculismo em todas as relações, que não tolerava qualquer outro parâmetro de controle senão a oferta e a procura. Entretanto, essa irracionalidade pode ainda atuar como instância do processo de adaptação do homem à sociedade. Isso é possível porque somente a autoridade irracional que adquiriu corpo na família pôde, no decorrer do tempo, estabelecer nos homens as forças que lhes eram indispensáveis para reproduzir, nas condições de assalariados separados do poder de controle dos meios de produção, a força de trabalho e, por conseguinte, a própria vida. Só a família foi capaz de provocar nos indivíduos a identificação com a autoridade decorrente do trabalho, que substituiu funcionalmente o domínio imediato do senhor sobre os serviços da época

medieval (Adorno & Horkheimer, 1987). Para os autores, “Precisamente a esfera da intimidade, que pareceria decisiva para a definição de família, é de natureza social e não se deixa separar do princípio do trabalho assalariado que consolidaria o seu triunfo [...]” (Adorno & Horkheimer, 1978, p. 137-138).

A intimidade na família é algo do tempo moderno, quando a sociedade converteu a interioridade (preferência e prevalência da vida interior com os valores pessoais e disciplina rigorosa sobre o que é corpóreo) em intimidade, o que passou a ser o desejável. Se antes bastava obedecer ao patriarca, agora era preciso desejar a obediência. Nesse sentido, a severidade para consigo mesmo e para com os outros devia se tornar a segunda natureza dos indivíduos (Adorno & Horkheimer, 1978). Tudo que o indivíduo precisava aprender para viver em sociedade era ensinado e demonstrado na família. Exigia-se que os filhos aprendessem e reproduzissem ensinamentos e comportamentos não apenas no contexto familiar, mas fora dele. Junto ao respeito pelo poder do pai, os filhos aprendiam, na constituição de sua consciência e moral, a respeitar também a autoridade social. A família assumia a posição de agente a serviço da sociedade, lugar em que os filhos aprendiam a adaptar-se socialmente; ela os preparava para cumprir as tarefas impostas pelo sistema social de trocas e competições no qual se definia a sociedade moderna (Adorno & Horkheimer, 1978).

Para os autores, a família racionalizava o elemento irracional da força, cujo poder não podia dispensar a razão. Na irracionalidade da família, refletia-se, pois, a de uma sociedade em que, aparentemente, tudo acontecia de acordo com a razão e na qual, entretanto, dominava ainda a irracionalidade das relações que eram cegas, subtraídas à liberdade da razão. Foi por isso que a família criou uma ideologia cujo elemento irracional específico se fez presente, adotando à medida do possível roupagens feudais. A sociedade burguesa só poderia se perpetuar reforçando a coerção do princípio de troca com outras formas de dependência direta; a família foi seu instrumento de ação, mesmo no sentido de que o poder absoluto paterno agiu da maneira desejada, tanto mais eficazmente quanto mais o próprio pai se encontrava submetido a pressões econômicas.

Segundo Mitchell (1987), as alterações dos modelos familiares estão relacionadas ao processo de procriação e educação dos filhos. Para o autor, o período em que a mulher se dedicava à gravidez e à amamentação, por volta dos anos 1890, ocupava em média quinze anos da vida dela; por volta de 1960, tal período reduziu a uma média de quatro anos. Paralelamente a essa compreensão, na atualidade, pode-se dizer que esse período está próximo a um ano e meio, uma vez que cada vez mais há uma tendência a ter apenas um filho.

A dinâmica escolar altera também o processo de educação dos filhos e, por consequência, reduz a função materna de educar prevista até então. O período considerado vulnerável na infância e o processo de socialização passam a ser ampliados na ideia de que mãe biológica e mãe social não devem necessariamente coincidir. Nesse cenário, emergem discussões sobre as funções paternas e maternas¹ nos atuais modelos de família pensados na contemporaneidade. Para Zambrano (2006), a parentalidade diz respeito ao exercício da função parental, independente do gênero ou do formato da relação, ou seja, os cuidados básicos com alimentação, vestuário, educação e saúde do(s) filho(s) são reproduzidos por pais e mães em contexto tanto heteroafetivo como homoafetivo em igual responsabilidade no cotidiano das famílias.

As alterações nos modelos familiares, para Mitchell (1987), fundamentam-se na busca pela igualdade dos sexos. Todavia, impossível pensar em igualdade já que se percebe discrepância entre os sexos, apesar de mulheres obterem conquistas e avanços na produção, com a possibilidade de estudar e formar, de ter a sexualidade explorada para o prazer, não apenas para reprodução, através do uso de métodos contraceptivos. O processo de formação continuada para as mulheres ainda é restrito, até os quinze anos homens e mulheres possuem a mesma educação, a partir dessa faixa etária os rapazes que continuam a estudar são em número triplicado ao das moças (Mitchell, 1987).

Embora o cenário descrito pelo autor apresente avanços no quesito de igualdade entre os sexos, na sociedade atual, quando se fala em educação em nível superior, é possível perceber o grande aumento do ingresso das mulheres nas universidades. Esse número até se equipara ao dos homens, ultrapassando-os em alguns cursos. Mitchell ainda defende que, em conformidade com a busca pela igualdade dos sexos proposta pelo modelo socialista, está a legalização da homossexualidade que também é uma forma de sexualidade não reprodutiva e deve ser defendida. Na sociedade atual, encontram-se diferentes arranjos familiares não contemplados na família tradicional, pensada a partir do padrão heteronormativo monogâmico, composto por pai, mãe e filhos, dentre eles é possível vislumbrar as famílias

¹ A função paterna e a função materna podem ser compreendidas à luz da psicanálise. Freud quem estabeleceu o termo *função paterna*, que desvinculava a função biológica da mera reprodução, quando instituiu a identificação como fundante psíquico. Freud entendeu que havia a substituição de um objeto por um símbolo e de uma ação por uma representação simbólica, dando origem ao complexo de Édipo. O pai e a mãe, nesse sentido, seriam simbólicos, independentemente do sexo que possuam (Ribeiro, 2017). Para Bion (1966), a função materna auxilia na continência das angústias e das vivências de desamparo da criança cujo aparelho psíquico em formação não tem capacidade de conter, elaborar e pensar. A função materna estabelece condições apropriadas para o bebê se desenvolver. Para esse autor, a função paterna está ligada à inserção da criança na cultura, interdição, separação, coerção e enquadramento, tendo também a função de “cortar” o vínculo simbiótico entre mãe e bebê, incluindo o pai na diáde como terceiro. Ambas as funções podem ser exercidas independentemente do sexo: a função materna no campo imaginário; a paterna na esfera simbólica.

homoafetivas. Mitchell (1987, p. 273) descreve a complexidade pensada a partir da proposta socialista do entendimento sobre família afirmando que:

O socialismo deve significar não tanto a abolição da família, mas sim a diversificação das relações socialmente conhecidas, que hoje são comprimidas na família de modo forçado e rígido. Isso significa criar uma pluralidade de instituições, onde a família seja uma das formas possíveis, não necessariamente algo a abolir. Casais que vivam juntos ou não, relações a longo prazo com os filhos, pessoas que se ocupam de crianças, crianças socializadas por genitores convencionais e não biológicos, comunidades familiares extensas, etc. tudo isso pode ser compreendido numa série de instituições harmonizadas com a livre invenção e a variedade de homens e mulheres.

Corroborando com o que defende Mitchell em relação à legalização e à legitimação da homossexualidade, depreende-se a necessidade de se entender de que maneira as famílias no contexto histórico atual lidam com a homossexualidade dos filhos com base na obra *Homossexualidade e Família: novas estruturas* de Félix López Sánchez. Sánchez (2009) relata a relação entre homossexualidade e família como duas realidades que nem sempre foram compatíveis. Para o autor, conflito e desconforto em famílias heterossexuais ocorriam com o nascimento de homossexuais; os pais, em muitos casos, acabavam se sentindo responsáveis pelo comportamento do filho. A homossexualidade era vista como erro de natureza, filhos homossexuais eram rotulados como doentes, pervertidos e com comportamentos inadequados. A homossexualidade era apresentada como causadora da frustração das famílias.

Isso tudo gerava, como processo de enfrentamento desse homossexual, no contexto da família, omissão da sexualidade. Essa omissão era causadora de adoecimento do sujeito, que se via obrigado a se afastar da família e ter que se esconder e fugir para outros contextos e realidades distantes da casa dos pais. A mudança de cidade, quando possível, era, não raras vezes, o recurso encontrado pelo homossexual para poder viver essa realidade, marcada por ambivalência e contradição, ou seja, por uma vida dupla, sem possibilidade de mostrar quem realmente é para a família (Sánchez, 2009). Sanchez (2009) pontua que os pais, ao descobrirem a homossexualidade dos filhos, tinham reações diversas. Num primeiro momento, grande parte delas era de conflito, rejeição e crítica. Posteriormente, depois de muito sofrimento tanto para família quanto para o homossexual, abria-se a possibilidade de diálogo e “aceitação” por parte da família. Além da dificuldade de aceitar o filho, um longo caminho necessitaria ser percorrido para aceitação dos parceiros desses filhos.

Na relação das famílias e homossexualidade, os homossexuais, para poderem se fazer presentes ao lado de pais e parentes, eram privados de ter ao lado deles seus parceiros. Num contexto assim, o homossexual acaba tendo que escolher entre as limitações impostas pela família para poder ficar próximo a eles ou ter que ignorá-los para poder estar junto de seus parceiros na sociedade. Essa realidade, segundo Sánches (2009), em pesquisas realizadas, é comum em comemorações de datas festivas como aniversários, natal e outras. Para os pais, após grande sofrimento, diante do conflito entre aceitar o filho ou abrir mão dele, passam a negociar a maneira como o filho deve se comportar quanto estiver perante eles, no caso em família. Não é concedido a esses filhos os mesmos direitos de um filho heterossexual como, por exemplo, receber o parceiro em casa, tampouco permitir que eles durmam juntos.

Para Sánches (2009), vários são os motivos que levam as famílias a terem dificuldade em aceitar os filhos homossexuais. Esses motivos estão relacionados ao contexto social em que os pais e avós viveram e os ensinamentos que receberam. Muitos viveram o regime da ditadura e foram educados a partir de ideias errôneas e até mesmo perversas em relação à homossexualidade. No contexto social dos pais e avós, pessoas assim eram malvistas na sociedade, portanto, discriminadas. Isso acarreta medo de que os filhos homossexuais sofram a mesma discriminação presenciada por eles. Antes de conseguirem enfrentar os pais e falar sobre a homossexualidade, os filhos já sabem o que os pais pensam, crescem ouvindo comentários preconceituosos dirigidos aos homossexuais. Isso faz com que a insegurança e o medo aumentem, aniquilando a coragem do estabelecimento de diálogo sobre a realidade vivenciada por eles (Sánchez, 2009).

Outro aspecto apontado por Sánchez (2009) como empecilho para o filho homossexual assumir-se para a família está voltado ao contexto educativo e familiar, em que os pais educam os filhos como se não houvesse outra realidade possível a não ser a heteronormativa. Cria-se, assim, uma expectativa em relação à heterossexualidade dos filhos, gerando neles conflito ao se perceberem homossexuais. A tensão na família ocorre tanto pela frustração dos filhos em não corresponderem às expectativas dos pais quanto dos pais em ver no filho expectativas não correspondidas. Grande parte do sofrimento dos filhos não está no fato de serem homossexuais e sim de não terem a aprovação de sua orientação sexual diante da família.

No processo de dor dos pais, muitas vezes, eles se lançam em uma busca incansável por encontrar a origem da homossexualidade do filho. Tendem a buscar culpados, culpabilizando-se ou, como muitas vezes ocorre, atribuindo a culpa ao cônjuge; buscam ainda tratamentos psiquiátricos, religiosos e outros. Para Sánchez, o que se sabe é que não existe

estudo comprovado que explica a origem de qualquer orientação relativa ao desejo sexual, seja ela hétero, homo ou bi:

Os pais que não aceitam seus filhos homossexuais fracassam como pais, e pelo mesmo motivo, não cumprem suas funções. É certo que em um ou em outro momento se sentirão fracassados, desorientados e, talvez, culpados. Eles se verão obrigados a esconder “a vergonha de seus filhos e sua própria vergonha”, não poderão falar normalmente de todos os assuntos relacionados aos filhos, à sexualidade e às relações. (Sánchez, 2009 p. 57, grifos do autor)

Diante de tantas dificuldades e conflitos, é relevante a reflexão do que se deve esperar das famílias diante da orientação sexual homoafetiva dos filhos. Questiona-se qual deveria ser a postura dos pais a fim de auxiliar os filhos no processo de autoafirmação de sua sexualidade. Sánchez (2009) expõe, como princípio básico aos pais, aceitar os filhos incondicionalmente, sem impor a eles condição, sem ditar se o filho será menino, menina, alto, baixo, negro, branco, hétero, homo, bi, gordo, magro e outros; sem exigir que eles sejam como os pais sonharam e projetaram. Os filhos devem ser amados. Os pais precisam olhar e respeitar a singularidade do filho e aceitá-lo tal como ele é. Impor condição é uma maneira grave de rejeição e chantagem emocional destrutiva aos filhos. A exemplo disso, o autor apresenta o relato de um pai que diz: “[...] amo você se for como eu projetei, te amo de uma maneira ou de outra se for ‘tão macho quanto eu’” (Sánchez, 2009, p. 60)

Outro aspecto importante a ser considerado diz respeito à manutenção do afeto na relação entre pais e filhos. Afeto semelhante ao tempo em os filhos eram crianças, mesmo quando a homossexualidade é descoberta. Isso faz com que eles se sintam seguros, protegidos, aceitos, queridos e valorizados (Sánchez, 2009). O autor considera cinco fases importantes no processo de desenvolvimento da sexualidade e orientação sexual. A primeira é a fase de confusão, onde o sujeito se sente diferente, confuso e se surpreende consigo mesmo diante de desejos e fantasias sexuais com pessoas do mesmo sexo. A segunda é a tomada de consciência do que ele aprendeu socialmente do que é ser homossexual ou bissexual. A terceira fase é a do reconhecimento e tentativa de explicação ou diagnóstico desse conflito. A quarta é o momento de aceitação da homossexualidade. A maneira como a família lida com essa situação até a terceira fase é fundamental para que o sujeito consiga vivenciar a quarta fase. A quinta fase, não vivenciada por todos, é a da exposição social ou do chamado “sair do armário”; é o momento em que o sujeito assume sua orientação sexual para sociedade. Muitos, no entanto, preferem ocultar isso, não deixando transparecer ou assumir socialmente essa orientação com medo do preconceito e da discriminação que podem recair sobre eles.

Conhecer o processo de descoberta e aceitação das famílias diante da homossexualidade dos filhos permite, neste estudo, entender como pode ser difícil para os homossexuais alicerçarem-se num conceito de família baseada no afeto, cuidado e amor. Frente ao abandono e a não aceitação dos pais, os homossexuais, ao buscarem outros lugares para viver, conhecem formas de relações diferentes da experiência familiar de origem e que eles passam a chamar de família. A relação de sangue nem sempre parece suprir o desejo de se sentir bem em família; pais biológicos, muitas vezes, negligenciam os lugares que deveriam assumir. Conceituar família, desse modo, torna-se desafiador em função das diversas vertentes expostas pelos autores citados, bem como diante das experiências dos homossexuais com seus pais biológicos.

O que se sabe e se compreende é que a instituição denominada família existe desde os primórdios da humanidade, uma vez que o homem é um ser dependente de cuidados intensivos nos primeiros anos de vida. As relações, então, se estabelecem através de união de afeto e se estendem às novas configurações, denominadas diferentes configurações e estruturas familiares. A partir desse panorama, cabe afirmar que o conceito de família se diversificou. Os estudos sinalizam a necessidade de tratar o termo família no plural, pois não é possível que um único conceito dê conta dessa complexidade (Musitu, 2001).

A relação entre configurações e estruturas familiares diversas amplia o conceito de família e suas interferências na sociedade, impulsionando a necessidade de conhecer, respeitar e conviver com o diferente. Para compreender a dinâmica de uma família, é necessário conceituar esses dois termos: configuração e estrutura familiar. O conceito de configuração familiar, para Wagner, Tronco e Armani (2011), refere-se ao conjunto de elementos/personagens que compõe o núcleo familiar. Nesse caso, conforme o desenho, a configuração da família se define por:

Dessa forma, já não é tão simples identificar e classificar aqueles que “são da família”. A variável consanguinidade, por exemplo, considerada historicamente como a principal e mais importante na definição da composição do grupo familiar, passa a dar lugar a outras, tais como o parentesco, a coabitação, a afinidade, etc. Pode-se dizer que a composição do núcleo familiar, atualmente, alicerça sua definição além dos fatores biológicos e legais. Aspectos da subjetividade que integram os significados da convivência, por exemplo, têm tido um peso explicativo importante na definição da configuração familiar. (Wagner, Tronco & Armani, 2011, p. 21, grifo dos autores).

A configuração familiar abrange os membros que compõem a família. Dessa forma, a estrutura familiar está relacionada à dinâmica entre os membros familiares, como essa família se organiza. São as variáveis implícitas que organizam as maneiras pelas quais os membros da família interagem; é o conjunto de normas que direciona as relações da família (Minuchin, 1982; Colapinto & Minuchin, 1999). A partir dos conceitos de configuração e estrutura familiar, é possível conhecer o que está relacionado às normas, poder, limitações e acordos de convivência. Pode-se compreender a diversidade e pluralidade dos núcleos familiares na atualidade e, então, desmistificar a noção de que a configuração determina a estrutura das famílias. A diversidade de configurações familiares se faz possível nesse cenário, com famílias monoparentais, recasadas, extensivas, homoafetivas, entre outras, tendo assim a dinâmica singular relacionada a sua composição. (Wagner, Falcke, Silveira & Mosmann, 2002).

1.2 Famílias homoafetivas e seus desafios

Até este ponto do trabalho discutiu-se os aspectos da evolução da família de maneira geral. No entanto, as discussões da evolução da família, da antiga à atual, estão pautadas, como já dito, em modelos heteronormativos. Paralelo a essa realidade, o modelo homoafetivo, mesmo não legitimado, também se faz presente na sociedade. Estudos antropológicos mostram que a homossexualidade existiu desde os primórdios da humanidade. Isso em diferentes culturas, sendo considerada, em muitas sociedades, uma forma normal de vínculo amoroso.

Em tempos mais recentes, especificamente a partir da segunda metade do século XIX, o homoerotismo foi condenado por razões variadas, sendo considerado crime, doença, desvio de norma e até perversão sexual. Só em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria retirou o homossexualismo da lista dos distúrbios psiquiátricos. Entretanto, apenas em 1995, a Organização Mundial da Saúde (OMS) deixou de considerar a homossexualidade uma doença. Essas alterações, mesmo que lentamente, possibilitaram ao indivíduo relações afetivas e sexuais com outro do mesmo sexo, passando a ser visto como alguém com orientação sexual diferente da maioria.

Rodrigues, Américo e Guimarães (2016) esclarecem que a homossexualidade tem como característica o sentimento de amor romântico por uma pessoa do mesmo sexo. Tecnicamente, pode ser definida como atração erótico-afetiva que alguém sente por uma pessoa do mesmo sexo. De modo semelhante, a heterossexualidade define-se pelo sentimento

do amor romântico/atração erótico-afetiva por pessoa do sexo oposto. O termo homossexualidade foi criado pelo médico húngaro Karoly Benkert e introduzido na literatura técnica no ano de 1869, sendo formado pela raiz da palavra grega *homo*, que quer dizer semelhante, e pela palavra latina *sexus*. Junção que resultou em “sexualidade semelhante”, exprimindo tanto a ideia de semelhança, igual, análoga, ou seja, homóloga, ou semelhante ao sexo que a pessoa deseja ter, como também sexualidade exercida com pessoa do mesmo sexo.

É importante ressaltar que o homossexual é aquele que ama romanticamente uma pessoa do mesmo sexo. No que tange à questão terminológica, foram cunhados os termos homoerotismo, homoafetividade, e homoessência como forma de se retirar a carga pejorativa existente no termo homossexualismo. O termo homoafetividade é o que realmente descreve com igual perfeição aquilo que se quer aqui demonstrar: as relações entre pessoas do mesmo sexo, pautadas pelo amor familiar, isto é, pelo amor romântico que visa a comunhão plena de vida e de interesses de forma pública, contínua e duradoura (Rodrigues, Américo & Gruimarães, 2016)

De acordo com Dias (2009), os homossexuais buscam a legitimação como possível configuração familiar. Nessa discussão, deve-se considerar os aspectos culturais e religiosos presentes em cada época. No cenário do mundo ocidental, tanto o estado como a igreja buscam limitar o exercício da sexualidade ao casamento. Diferente de ser colocado como contrato ou instituição, o casamento é regulamentado: impedimentos, celebrações, efeitos de ordem patrimonial e obrigacional. A própria postura dos cônjuges é determinada por lei, que impõe deveres e assegura direitos de natureza pessoal como, por exemplo, o dever de fidelidade. O casamento, assim como a família, era indissolúvel. A família, consagrada pela lei, baseava-se num modelo conservador: entidade matrimonial, patriarcal, patrimonial, indissolúvel, hierarquizada e heterossexual. O vínculo que nascia da livre vontade dos nubentes era mantido independentemente e até contra a vontade dos cônjuges. Mesmo após o advento da Lei do Divórcio a separação e o divórcio só são deferidos quando decorridos determinados prazos ou mediante a identificação de um culpado. Para Dias (2009, p. 41):

A sacralização do casamento e a tentativa de sua manutenção como única estrutura de convívio lícita e digna de aceitação fez com que os relacionamentos chamados de marginais ou ilegítimos, por fugirem do molde legal, não fossem reconhecidos, sujeitando seus atores a severas sanções, nestes incluem as uniões homoafetivas. Os vínculos afetivos extramatrimoniais, por não serem admitidos como família, eram condenados à invisibilidade. Ainda assim, existiam. Chamada a Justiça para solver as questões de ordem patrimonial, apenas com a preocupação de não conceder o enriquecimento sem causa.

Sánchez (2009) explicita o que é considerado pelo viés religioso e muitas vezes colocado como resistência da igreja é que, diante da religião, a homossexualidade contraria a lei divina e o mandamento de “crescer e multiplicai-vos”. A homossexualidade para religião, por sinal, é vista como desvio e grave pecado. A Igreja Católica Apostólica Romana na contemporaneidade posicionou-se flexível em aceitar os homossexuais. Contudo, considera-os como pessoas que possuem “problema”, apesar de não serem culpadas por ele, mas rejeita a prática homossexual, não a legitimando em termos de matrimônio e parentalidade.

Não só pelo viés religioso, mas também pelo científico, por anos seguidos, ao homossexual foi atribuído um comportamento patológico e desviante do esperado e tido como natural. Até mesmo no século XXI, pela medicina, como por outras ciências, tratamentos e terapias desumanas de reversão da orientação sexual homoafetiva eram propostos. Diante de muita luta e sofrimento, de tentativas sociais, religiosas, políticas e científicas de fazer dos homossexuais sujeitos “normais”, direitos e reconhecimentos por eles foram buscados na defesa de se mostrarem sujeitos capazes de amar e de ter não só família, mas também de exercer a parentalidade.

O Direito das Famílias², ao receber o influxo do Direito Constitucional, foi alvo de profunda transformação, ocasionando verdadeira revolução ao banir discriminações no campo das relações familiares. “Num único dispositivo o constituinte espancou séculos de hipocrisia e preconceito” (Veloza, 1999). Foi modificada toda a legislação que hierarquizava homens e mulheres, bem como a que estabelecia diferenciações entre os filhos pelo vínculo existente entre os pais. Também se alargou o conceito de família para além do casamento. A sociedade que se proclama defensora da igualdade é a mesma que ainda mantém posição discriminatória nas questões da homossexualidade. Nítida é a rejeição social à livre orientação sexual. A homossexualidade existe e sempre existiu, mas é marcada pelo estigma social, sendo renegada à marginalidade por se afastar dos padrões de comportamento convencionais. Como diz Dias (2005, p. 17): “fato diferente dos estereótipos, o que não se encaixa nos padrões é tido como

² O Direito de Família, ramo do Direito Civil com características peculiares, é composto pelo conjunto de normas que regulam as relações jurídicas familiares, orientado por elevados interesses morais e bem-estar social. O Código Civil, de 2002, procura fornecer uma nova compreensão da família, adaptada ao novo século, embora tenha ainda alcançado passos tímidos nesse sentido. Seguindo o que já determinara a Constituição de 1988, o atual estatuto procura estabelecer a mais completa igualdade jurídica dos cônjuges e dos companheiros, do homem e da mulher. Da mesma forma, o vigente diploma civil contempla o princípio da igualdade jurídica de todos os filhos, independentemente de sua origem (Venosa, 2013).

imoral ou amoral, sem buscar-se a identificação de suas origens orgânicas, sociais ou comportamentais”.

As famílias homoparentais, compostas por duas pessoas do mesmo sexo com ou sem filhos, foram legitimadas com o reconhecimento da união homoafetiva decorrente da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI), n.º 4277-DF (2011), e da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF), n.º 132-RJ (2011). Esse reconhecimento possibilitou a legalização dos direitos de os filhos dessas famílias serem registrados e possuir no campo denominado filiação o nome de duas pessoas do mesmo sexo. Isso trouxe inúmeras implicações psicológicas, sociais e culturais, tanto do ponto de vista individual quanto familiar. Em primeiro lugar, “tiraria das sombras” o reconhecimento homoafetivo que ainda hoje é vivenciado por muitos indivíduos na penumbra; muitos indivíduos e casais optam por serem invisíveis para a sociedade, para o grupo cultural e profissional a que pertencem e à própria família. Isso ameniza os efeitos danosos do preconceito.

A Constituição Federal ao outorgar a proteção à família, independentemente da celebração do casamento, estabeleceu novo conceito de entidade familiar e acolheu outros vínculos afetivos. Mas é meramente exemplificativo o enunciado constitucional ao fazer referência expressa à união estável entre um homem e uma mulher e às relações de um dos ascendentes com sua prole. “O caput do art. 226 é, conseqüentemente, cláusula geral de inclusão, não sendo admissível excluir qualquer entidade que preencha os requisitos de afetividade, estabilidade e ostensibilidade” (Lobo, 2002, p. 95).

O conceito de família pluralizou-se, não mais se identificando pela celebração do matrimônio. Não há como afirmar que o art. 226, § 3º, da Constituição Federal, ao mencionar a união estável, formada entre um homem e uma mulher, reconheceu somente esse vínculo como digna da proteção do estado. O que existe é uma simples recomendação em transformá-la em casamento. Em nenhum momento foi dito que não existem entidades familiares formadas por pessoas do mesmo sexo. Exigir a diferenciação de sexos no casal para haver a proteção do estado é fazer “distinção odiosa” (Suannes, 1999, p. 32), postura nitidamente discriminatória que contraria o princípio da igualdade e ignora a existência da proibição de diferenciar pessoas em razão de seu sexo.

Assim o modelo de família se modificou e hoje se usa a nomenclatura “pluralidade das famílias”, uma vez que surgiram múltiplos arranjos e configurações familiares, pois a família nuclear deixou de atender as demandas da família contemporânea; essa composição vai além, como é dito por Losacco (2008). A família, no cenário atual, é dotada de especificidade, não se ajustando ao modelo tradicional. A pluralidade familiar, marcada pelo amor e afeto,

compõe a família contemporânea. É preciso fortalecer o fato de que o principal elemento a ser considerado entre os envolvidos na família é o amor familiar quando se visa o reconhecimento de uma relação, ou seja, o elemento formador da família contemporânea é o amor, porém deve-se entender que o Direito de Família que inclui famílias homoafetivas necessariamente merece ser analisado sob o prisma da Constituição Federal. Os princípios da igualdade e liberdade estão consagrados já no preâmbulo da norma maior do ordenamento jurídico ao conceder proteção a todos, ao vedar discriminação e preconceito por motivo de origem, raça, sexo ou idade, assegurando o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos (Losacco, 2008).

A discussão se alarga quando Losacco (2008) afirma que o elemento formador da família contemporânea é o amor. Sabe-se que o amor é de suma importância quando se pensa em família, mas há outros elementos que fazem com que a família se mantenha. Mesmo não existindo mais amor, a dependência afetiva, financeira, o medo da responsabilidade de cuidar sozinha dos filhos e outros podem gerar a manutenção da família. O casamento na sociedade atual implica em um contrato em que se explicitam os interesses das partes e, nessa explicitação, nem sempre aparece, de modo explícito, a manutenção ou a condição ao amor para preservar-se casado. Contudo, para o autor, não se pode negar o amor como propulsor para a formação e a constituição familiar.

É nesse cenário que as famílias homoafetivas estão inseridas, nesse novo paradigma da família contemporânea. Sabe-se que a homossexualidade é uma realidade que sempre existiu e é tão antiga quanto à heterossexualidade, mesmo assim tem sido objeto de exacerbado preconceito ao longo da história. Ainda hoje famílias homoafetivas sofrem com o preconceito. Embora direitos tenham sido alcançados, o estigma continua arraigado na sociedade e muitas pessoas acreditam que construir uma família baseada no amor e no afeto não cabe a homossexuais. A conquista pelo direito de se estabelecer como família continua sendo parte da luta dos homossexuais, já que conceitos e definições de família embasados no modelo nuclear tradicional patriarcal, considerado “natural”, passa a ser questionado (Grossi, 2003; Mello, 2005; Moris, 2008; Souza, 2006). As noções de família e sexualidade são construídas com base nas categorias socialmente instituídas, resultantes da história que acompanham os processos sociais, culturais e políticos. A homossexualidade é uma das categorias que tem gerado polêmica e discussão de forma a produzir diferentes conceitos e sentidos na contemporaneidade (Andrade & Ferrari, 2009; Mello, 2005). Um dos questionamentos mais

propagados, sobretudo nas últimas décadas, no contexto da homossexualidade é o do conceito tradicional de família.

Mesmo diante de novos arranjos familiares, a ideia tradicional da família formada a partir da união heterossexual, monogâmica e procriadora ainda se faz presente no imaginário coletivo, sendo os demais arranjos familiares pensados a partir desse referencial (Uziel et al., 2006). Conforme Perroni e Costa (2008), qualquer forma que se distancia ou se faz diferente do modelo único de família considerado "natural" e "correto" passa a ser contestada como prerrogativa de conflitos, preconceitos e estigmatizações. Diante dessa compreensão, com tantos avanços nas lutas e nos movimentos sociais em busca da legitimação, Souza (2006) afirma que a homossexualidade vem sendo contestadora do caráter natural da heterossexualidade e também um modelo idealizado.

A homoparentalidade, em consequência da homossexualidade, visto por Derrida e Roudinesco (2004) é descrita como situação na qual ao menos um indivíduo homossexual, homem ou mulher, assume a responsabilidade da função parental por uma criança, quer no contexto de filho biológico, quer no de adoção. O termo homoparentalidade é originalmente francês e foi criado em 1997 pela Associação de Pais e Futuros Pais *Gays* e *Lésbicas* (APGL).

Em relação às configurações das famílias homoparentais, consideram-se as seguintes formas de parentalidade em relação aos homossexuais: a recomposição na qual uma das pessoas, homem ou mulher, que formam um casal traz para sua relação homossexual o(s) filho(s) de uma relação heterossexual anterior; adoção de uma criança por apenas um parceiro (a) ou pelo casal homoafetivo; utilização de novas tecnologias reprodutivas (inseminação artificial para lésbicas e barriga de aluguel para *gays*) ou ainda coparentalidade, situação na qual uma mãe lésbica ou um pai *gay* elabora o projeto de ter e criar uma criança com um parceiro. Dessa maneira, um é o pai ou a mãe biológico (a) e o outro o pai ou a mãe social que cria a criança entre lésbicas e *gays* (Grossi, 2003).

Conforme Cassettari (2015), além das configurações familiares mencionadas por Grossi, o direito de família atualmente reconhece e legitima as famílias chamadas multiparentais, que prevê três ou mais pessoas no registro de nascimento. O autor esclarece que a multiparentalidade não significa ter duas mães ou dois pais em seu assento de nascimento. Ele faz essa distinção para os filhos dos casais homossexuais e utiliza o termo bipaternidade ou biparentalidade paterna para famílias com dois pais do sexo masculino apenas; bimaternidade ou biparentalidade materna para famílias com duas mães do sexo feminino apenas. O termo multiparentalidade pode ser utilizado tanto para contexto de famílias heteronormativas quanto homoafetivas, o que é levado em consideração não é a

orientação sexual dos pais e, sim, a relação socioafetiva e biológica deles com a criança. Para que seja possível somar a parentalidade biológica e a socioafetiva sem que uma exclua a outra é que se usa o termo multiparentalidade. Acredita-se que a parentalidade afetiva prevalece sobre a biológica. A partir desse entendimento, Tribunais de Justiça vêm concedendo o direito de constar no registro de nascimento o nome de três ou mais pessoas (Cassettari, 2015).

Nas diferentes configurações familiares das famílias homoparentais se faz necessário enfatizar especificidades em relação à configuração por recomposição e as demais. Sánchez (2009) aborda esse tema e discute a nova configuração familiar formada a partir da mudança de orientação ou do desejo de um dos progenitores. Dessa forma, a criança concebida pelo casal no contexto heteronormativo passa a ter um pai ou uma mãe heterossexual (em sua família de origem) e um pai ou uma mãe homossexual como parte também de sua família. Essa configuração se diferencia das demais, pois nas outras a criança não terá a referência de heterossexualidade por um dos pais ou mães, ela será criada no contexto em que ambos são homossexuais. Segundo Sánchez (2009, p. 122),

Explicar essa diversidade e, sobretudo, encontrar apoio e colaboração do pai ou da mãe heterossexual nem sempre é fácil, por que aos problemas da separação também pode se unir a homofobia. Esses pais ou essas mães heterossexuais podem estar tentados a usar o poder da rejeição social pela homossexualidade contra seu ex-parceiro, colocando a criança diante de graves problemas e dificuldades especiais, submetendo-a a uma dupla pressão, com versões muito diferentes sobre homossexualidade.

Independente da configuração e estrutura familiar, a família sempre esteve em crise. As relações nas instituições familiares perpassam por interesses políticos, financeiros, religiosos, amorosos, afetivos e outros. Fatores como as conquistas das mulheres no mercado de trabalho, a liberdade da sexualidade e as propostas de diversas formas de se relacionar e de amar são aspectos que modificaram a estrutura e a configuração familiar. A família homoafetiva é apenas um recorte dos diversos modelos familiares pensados e que se diferenciam do modelo heteronormativo monogâmico. Impõem-se como desafios às famílias homoparentais lidar com o preconceito, a discriminação, a abominação do olhar religioso, a hegemonia do discurso político atual em defesa da família considerada tradicional, como se as famílias homoafetivas fossem uma espécie de ameaça à humanidade. Embora muito já se têm reconhecido e legitimado em lei, ainda se percebe medo e dificuldade dos homossexuais assumirem suas famílias e desempenharem papéis sociais como a parentalidade na sociedade heteronormativa.

Tendo em vista o esboço traçado, faz-se oportuno inquirir um fato que marca o contexto político brasileiro atual: o que esperar de uma sociedade que elege o atual Presidente da República cujo discurso político se assenta em dizeres como preferir um filho morto a um filho *gay*; que nomeia uma ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos que no discurso de posse diz que menino tem que usar azul e menina rosa. Questionamento assim se fazem necessários diante da realidade atual e da legitimação dos discursos homofóbicos e de desrespeito à diversidade. Em reportagem publicada no *site* Terra³, em 8 de junho de 2011, com o título “Prefiro ter um filho morto em acidente a um homossexual”, o ainda deputado e candidato à Presidência da República, em entrevista, faz declarações homofóbicas. Além de declarar sua rejeição em ter um filho homossexual, ainda menciona: "se um casal homossexual vier morar do meu lado, isso vai desvalorizar a minha casa! Se eles andarem de mão dada e derem beijinho, desvaloriza".

Se a igreja, os profissionais da saúde e os líderes políticos expõem discursos de discriminação e preconceito, torna-se difícil esperar outro comportamento da sociedade e das famílias. A boa educação e formação no contexto escolar passam a ser uma das esperanças para que as próximas gerações consigam fomentar, de modo diferente, o dizeres em relação à diversidade. Os esclarecimentos devem chegar à sociedade através das contradições capazes de ampliar o entendimento sobre o que se tem impregnado no cenário atual acerca das questões voltadas à diversidade, sejam elas oriundas do contexto familiar, sexual, político, educacional e outros. Os mitos construídos e reproduzidos precisam ser questionados, ampliando o leque de discussão sobre outras possibilidades do pensar. A escola, juntamente com a família, passa a ocupar um papel fundamental no processo de esclarecimento e de formação das crianças a fim de se alcançar um pensar amplo, não reduzido a dogmas.

³ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcc0aRCRD.html>. Acesso: 01 jul. 2019.

Capítulo 2 – O papel escolar na formação dos indivíduos pertencentes a famílias homoafetivas na sociedade contemporânea: os desafios da educação

Escola e família podem ser consideradas as principais instituições responsáveis pelo processo de formação da criança. A família é o local em que acontece os primeiros ensinamentos da criança; a educação ali proposta é chamada de informal. No processo de desenvolvimento da criança, a escola passa a ser a segunda instituição na qual ela é inserida. Muito se discute sobre o papel da escola no processo de formação da criança, que tem na educação formal alicerce. A escola, por sua vez, torna-se responsável não só pelo processo educacional, mas também pelo percurso de socialização das crianças.

As primeiras relações das crianças, para além da família, são construídas no espaço escolar. O contato com o novo, as regras, as normas e as disciplinas permitem que a criança conheça seus limites e se reconheça em interação com colegas e professores. No percurso de educar e formar, a escola, ao receber a criança, deve garantir a ela direitos de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Diante da legitimação jurídica das famílias homoparentais e da possibilidade de homossexuais exercerem a parentalidade, qualquer discussão, no contexto escolar, que não legitime a família da criança que vive numa configuração familiar homoafetiva viola seus direitos.

Este capítulo, desse modo, propõe analisar a relação família e escola, além de discutir a formação dos professores para lidar com esse contexto. Busca ainda estabelecer uma discussão sobre a sistemática educacional brasileira no tratamento heteronormativo no interior das salas de aula e a violação dos direitos fundamentais do menor, tendo em vista a relação controversa e discriminatória que há entre essas duas instituições. Há interesse em saber se os conceitos de homoparentalidade e homoafetividade são trabalhados e problematizados no espaço escolar por práticas curriculares, bem como quais discursos são utilizados por professores ao abordarem a instituição família.

Nessa parte do estudo, aspectos relacionados à formação e educação terão como eixo norteador a teoria discutida por Adorno em *Educação e Emancipação* (1995), assim como a contraposição das discussões com outros autores sobre o papel de escolas e universidades na formação e os resultados disso para o aluno e para o professor diante de sua relação com o trabalho de educar.

2.1. Relação família e escola diante da responsabilidade de educar e formar

Para compreender a relação entre família e escola no desafio educacional da criança é necessário recuperar, de modo breve, o processo histórico e contextualizar como essas instituições se aproximaram e se tornaram as principais responsáveis por esse objetivo. No desenvolvimento da criança, a escola tem como papel fundamental ao proporcioná-la um ambiente que a permita ampliar o leque de socialização. Elias (1994) descreve o que ele vai chamar de processo civilizatório e afirma que os padrões de comportamentos, normas e regras estão presentes na sociedade. A escola, nesse sentido, tem o compromisso de apresentar à criança o caminho para essa civilização. Dessa maneira, o sociólogo descreve esse processo com base na capacidade de o indivíduo absorver a cultura e os comportamentos apresentados a ele por outros sujeitos que vivenciaram e aprenderam isso anteriormente.

Berger e Luckmann (2014) destacam a importância do conhecimento para a formação do sujeito. Para os autores, o indivíduo é um ser social capaz de interiorizar a realidade por meio do que eles descrevem como socialização primária e secundária. Na socialização primária, a criança entra em contato com os primeiros ensinamentos provenientes da família; é apresentado a ela o mundo ideal e esse ambiente familiar a prepara para a socialização secundária. A partir dessa segunda socialização, no contexto da escola, a criança inicia os questionamentos sobre as hierarquias dos saberes da socialização primária, desencadeando o processo de construção de uma nova realidade. Por esse motivo, a socialização secundária precisa ser coerente com a socialização primária. É importante legitimar o conteúdo já internalizado pela criança na família (Berger & Luckmann, 2014).

Para os autores citados, a criança já está inserida na sociedade desde as experiências na família, ela já é um ser social desde então; por meio da socialização primária cria-se, na consciência da criança, uma abstração progressiva dos papéis e atitudes dos outros, do particular ao geral, ou seja, ela passa a compreender atitudes individuais como sendo da sociedade, de outros indivíduos. Os autores afirmam que a socialização nunca é total, nem jamais terá fim. No entanto, a socialização primária termina quando o conceito do outro foi estabelecido na consciência do indivíduo e o mundo é percebido de forma mais universal. A partir dessa realidade, a criança se percebe preparada para estar no contexto da socialização secundária, e a escola é um deles. A criança é inserida numa dimensão social mais ampla e passa a interiorizar conhecimentos gerados no seio da sociedade e por esses contextos.

Para Elias (2012), a criança tem a capacidade de aprender conceitos, regras e normas, e pela apropriação desses conhecimentos ela consegue se orientar e se sentir pertencente à

sociedade. Historicamente, a função de educar não era apenas dos pais, mães e escola. Até o século XVII todos participavam desse processo. Sarat (2009) relata que a responsabilidade da educação era feita coletivamente e compartilhada por familiares, amigos, vizinhos e, até mesmo, pela igreja, com objetivo de ensinar normas, regras e valores presentes na comunidade. Só a partir do século XVII e XVIII que a responsabilidade de educar ficou limitada à família e à escola, deixando, portanto, de ser compromisso do coletivo. Dessa forma, família e escola se tornaram as principais responsáveis por essa educação, que visava transmitir ensinamentos voltados aos valores, padrões de condutas e comportamento.

A partir do século XIX a instituição escolar assume o papel fundamental do processo de civilização do sujeito por meio de um modelo tradicional mantido até os dias atuais. Para Santos (2009), a criança inicia seu processo de socialização por meio da socialização primária no seio da família, aprendendo a distinguir o seu comportamento e o que se espera dela para um convívio social adequado. Posteriormente a esse primeiro momento da vida da criança, a escola, como maneira de estender esses ensinamentos, torna-se responsável pela socialização secundária e, assim, transmite à criança noções de comportamentos básicos e convívio social para que ela possa participar da sociedade, sabendo se comportar.

Na relação família e escola, há culpabilização de uma a outra quando o processo de aprendizagem e educação ou, até mesmo, de socialização e civilização da criança fracassa. O conflito, em muitos casos, se estabelece uma vez que a escola responsabiliza a família pela ausência da educação primária. Segundo a escola, essa lacuna, se não preenchida, dificulta o processo de aprendizagem e a escola não se sente responsável por essa educação primária. A família, contrária a isso, imputa a responsabilidade da educação para a escola, acusando-a, alegando que a aprendizagem não ocorre porque a escola não ensina, o professor não explica como deveria ser explicado, as salas estão lotadas e há escassez de recursos didáticos. A escola, diante das acusações, alega a negligência dos pais e mães em não acompanharem os filhos nas tarefas de casa. Nessa arena, o objetivo comum entre escola e família de socializar e educar a criança acaba comprometido (Santos, 2009).

A partir disso, é possível compreender que a relação família e escola, embora necessária, pode resultar no fracasso ou no sucesso da formação da criança. Ambas devem ser corresponsáveis e atuarem em parceria para que haja o bom desenvolvimento do sujeito. Por isso, discussões e debates sobre família se fazem necessários. No cenário de conflito, as transferências de responsabilidade não se limitam apenas ao conteúdo didático, mas também à formação da criança como cidadão. Discutir família e diferentes configurações familiares é responsabilidade das famílias e da escola. No que diz respeito à educação e às famílias

homoparentais, de acordo com Cadete, Ferreira & Silva (2012), a escola como segunda instituição educativa mostra-se intrinsecamente envolvida, participando ativamente do processo de formação do sujeito em seus aspectos cognitivo, afetivo e social, além de ser uma das responsáveis por promover e disseminar valores vivenciados culturalmente. Esses valores são construídos e reconstruídos a partir da relação com o outro, na troca de saberes e na elaboração de sentidos e significados produzidos por esses atores no espaço privilegiado que é a escola. A escola, nesse sentido, não pode negar a existência das diferentes configurações familiares, de sujeitos e subjetividades que não correspondem à norma heterossexual que por ela passam.

Segundo Costa, Fossatti e Neto (2010 apud Oliveira 2015, p. 06) é perceptível um conjunto de dispositivos (discursos, valores e práticas) existente na escola por meio do qual a heteroparentalidade é vivenciada e instituída como possibilidade legítima de expressão de família. É fato que prevalece na escola o princípio da heteroparentalidade presumida, que faz crer não existir famílias homoparentais no ambiente escolar. O modelo de família referenciado pelos profissionais da educação da cultura brasileira é o da família tradicional, formado por homem e mulher casados, com envolvimento afetivo-sexual, sendo exercido exclusivamente no par conjugal e com filhos que coabitam. Todas as outras formas de arranjos familiares são percebidas como “desestruturadas” e “desajustadas”. No processo de formação da criança, tanto a instituição familiar, quanto a instituição escolar são corresponsáveis e devem buscar objetivos comuns no processo de adaptação da família na escola e da escola na família quando a criança inicia o processo de educação escolar. Ambas buscam e prezam pelo bem-estar e desenvolvimento psicológico, social e cognitivo da criança (Lima, 2011).

Para Lima (2011), os estereótipos do modelo masculino e feminino pensados a partir dos conceitos heteronormativos se fazem presentes na realidade escolar. Em consequência disso, as crianças expressam e se comportam com base nos ensinamentos impostos a elas. Dessa maneira, nem sempre elas têm oportunidade de entrar em contato com modos diversos e ampliados de se pensar gênero e sexualidade. Apenas um modelo correto e esperado é apresentado a elas, sendo ele o modelo heteronormativo. É importante destacar que o contexto escolar tende a reproduzir o discurso heteronormativo na discussão sobre gênero, identidade de gênero e orientação sexual. Da mesma maneira, relaciona as funções materna e paterna no exercício da parentalidade ao homem e à mulher necessariamente. Todavia, sobre as questões de gênero, conforme colocado por Louro (2000), as funções paterna e materna não estão atreladas necessariamente ao sexo masculino e feminino, essas funções independem disso.

Como exemplo, um homem que tem orientação sexual homoafetiva não significa entender que ele será mulher e, assim, exercerá a função materna ao cuidar de uma criança no contexto da família homoparental, tampouco será necessário nomeá-lo como mãe. A orientação sexual não está relacionada à identidade de gênero.

A sociedade, de acordo com Lima (2011), tem a representação e a concepção de que a função paterna e a função materna são exercidas necessariamente pelas pessoas do sexo masculino e do sexo feminino. Essa concepção hegemônica expressa os papéis de gêneros baseadas em normativas hétero. Não sem razão, para Lima (2011), a escola reproduz o que a sociedade propõe como representação do que é ser homem, ser mulher e o que é família a partir do ideal heteronormativo. Essas representações são expressas no próprio calendário escolar diante de festas e datas comemorativas como dia dos pais e dia das mães, com a tentativa de discriminar, por meio do sexo dos pais, as funções citadas.

Os termos utilizados para se referir ao contexto e às relações de lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais, *queer* e intersexuais, assim como a compreensão social do que representa essa diversidade, parecem ser confusos e utilizados indevidamente. Para melhor compreensão de alguns desses termos, apresenta-se nesse ponto do trabalho alguns conceitos relacionados a sexo, gênero, identidade de gênero e orientação sexual, visando flagrar como eles têm sido discutidos no contexto escolar e como as crianças podem estar sendo instruídas no cenário de uma sociedade com concepções heteronormativas.

Jesus (2012) discute gênero e orientação sexual por meio de uma linguagem acessível e de fácil compreensão. Por esse motivo, os conceitos apresentados a seguir serão embasados no *Guia Técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. Para compreender o desenvolvimento da sexualidade é importante retornar aos primeiros anos de vida do sujeito. A criança quando nasce, no seio da família, é ensinada a agir e a se comportar de acordo com o sexo biológico que possui. Pelo sexo, é determinado a ela que tipo de roupa usar, a cor de preferência que deve ter, como deve se comportar e o que se espera dela como portadora desse sexo.

No contexto escolar, lugar de ampliação da educação da família, são reforçados comportamentos de acordo com o que se espera do sexo biológico que a criança possui, sexo determinado até mesmo antes do nascimento, já que os pais podem conhecê-lo através do exame de ultrassonografia. A sociedade, então, legitima os comportamentos desde que eles estejam em conformidade com regras e normas estabelecidas no contexto social e cultural para o que se espera do sexo em relação a ser homem e a ser mulher nessa cultura (Jesus 2012).

A diferenciação do que é ser homem e ser mulher, embora socialmente construído, não está relacionado, de maneira direta, ao sexo que o indivíduo possui. Ao alargar essa compreensão, é possível perceber que o sentido de ser homem e de ser mulher está ligado muito mais ao contexto social do que necessariamente às diferenças apontadas como fatores naturais e biológicos. Muito embora a sociedade insista em afirmar que essa diferença esteja voltada aos órgãos genitais, entende-se que isso não é um fato biológico e, sim, construção social. Uma primeira diferenciação, conforme Jesus (2012), sobre isso envolve sexo e gênero. Sexo é o fator biológico definido a partir de macho e fêmea. Gênero é pensado a partir do contexto cultural, ou seja, o quesito que define alguém com comportamento feminino ou masculino é o esperado do homem e da mulher na cultura. No tocante a isso, o que é considerado masculino e feminino varia de acordo com o contexto social. Ser masculino, feminino, homem ou mulher é uma questão de gênero, está para além do sexo. Gênero, portanto, é definido a partir da maneira como o sujeito se percebe, assim com a forma como ele se expressa na sociedade.

Ainda, para Jesus (2012), salutar destacar que o sexo biológico nem sempre é condizente com o gênero esperado. Quando isso ocorre, não significa dizer que exista transtorno, desvio de comportamento ou qualquer patologia. Esse fato se relaciona à identidade de gênero que pode ser classificada como cisgênero ou transgênero. Por cisgênero entende-se que são pessoas que se identificam com o gênero atribuído a ela no ato de seu nascimento, necessariamente relacionado ao seu sexo biológico. Na contracorrente a isso, o transgênero é a pessoa que não se identifica com o gênero atribuído a ela ao nascer, tampouco com seu sexo biológico. Há ainda um termo utilizado para as pessoas que não se identificam com nenhum gênero, independente do gênero atribuído a ela ao nascer. Para essas pessoas, é utilizado o termo *queer* que, por muito tempo, foi conhecido como andrógeno. Reforça-se que o entendimento dessas nomenclaturas não é consensual nos grupos ativistas no Brasil, também conhecidos como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexuais e outros (LGBTQI+), conforme considera Jesus (2012).

Embora não seja o foco deste trabalho discutir questões voltadas a transgener(al)idades, considera-se relevante expor o que a sociedade heteronormativa propõe e a realidade daqueles que vivenciam histórias diferentes do modelo hétero, como ocorre com os homossexuais. Considera-se como forma “natural” na sociedade atual que a pessoa se identifique com o sexo e o gênero atribuídos no nascimento, bem como que tenha comportamento assegurados a eles no contexto cultural. O indivíduo considerado “adequado”

é o que responde às expectativas sociais. Contrário a isso, é nomeado “anormal”, tornando-se não aceito na sociedade (Jesus, 2012).

As engrenagens sociais, então, predizem a maneira como o sujeito deve se comportar, utilizando, assim, normas e regras construídas culturalmente. Contudo, para Jesus (2012), as experiências humanas podem levar a comportamentos não esperados. Em concordância com o conceito transgênero, é possível haver homens com vagina e mulheres com pênis, embora o comportamento dessas pessoas seja visto como algo a contrapelo do “natural” ou do esperado. Na compreensão de gênero, é no contexto social que o sujeito se identifica com o que é ser homem e ser mulher. A identidade de gênero se relaciona a essa identificação, isto é, à maneira como o sujeito se percebe enquanto homem ou mulher. Não é correto, então, pensar que é natural esperar que todo sujeito seja cisgênero, entendendo que sua identidade de gênero corresponde à identificação com o gênero masculino ou feminino e não necessariamente estará relacionado com o sexo e o gênero no tempo de seu nascimento.

A orientação sexual está voltada à atração afetivo-sexual que o sujeito sente por algum gênero específico ou alguns gêneros, podendo ser classificado como bissexual, heterossexual e homossexual. Essa nomenclatura está ligada à identidade de gênero. A partir dessa identidade é que será determinada a orientação sexual do sujeito. Pode-se citar o sujeito que possui sexo masculino, identidade de gênero feminina e desejo afetivo-sexual direcionado a uma mulher. Essa relação é considerada homossexual. Mas há o sujeito que possui o sexo masculino, identidade de gênero masculina e se relaciona de maneira afetivo-sexual com uma mulher. Essa relação é uma relação heterossexual. Há ainda a pessoa que, independentemente do sexo e identidade de gênero, sente-se atraída afetivo-sexualmente por homens e por mulheres. Essa pessoa terá orientação sexual bissexual (Jesus, 2012).

Ainda segundo a autora, é importante frisar que nem todas as pessoas transgêneras são necessariamente *gays* ou *lésbicas*, até porque esses termos estão relacionados à orientação sexual homoafetiva, não necessariamente à identidade de gênero. Diante dessa complexidade, não é correto dizer que transgênero, transexual, cisgênero e cissexual sejam a mesma coisa. O termo transgênero é utilizado para conceituar, de modo mais amplo, as pessoas que não se identificam em graus diferentes com o gênero e o sexo atribuídos a elas ao nascerem. O transexual está contemplado no transgênero, contudo em um grau que ele, diante de sua não identificação com o sexo e o gênero, reivindica o seu papel social e legal como sujeito pertencente ao gênero que ele se identifica. Transexual é uma questão de identidade. No século XXI, o avanço da medicina viabilizou essa reivindicação por meio de cirurgias e tratamentos hormonais capazes de permitir a esse sujeito adquirir uma forma física de acordo

com gênero que ele se identifica. Como exemplo, pode-se citar que o homem transexual reivindica seus direitos legais e sociais como homem (Jesus, 2012).

A despeito da variedade de conceitos e nomenclaturas apresentadas considera-se pertinente esclarecer o contexto da família homoparental ou família homoafetiva como constituída a partir da orientação sexual homoafetiva e que, para determinar a orientação sexual, é preciso conhecer a identidade de gênero. No espaço escolar, quando se pensa no processo de educar e formar, essas diferenciações deveriam estar clarificadas para educadores e alunos no desenvolvimento do ensino, até mesmo porque o papel de homem e de mulher, as funções materna e paterna independem do gênero e da orientação sexual. A função materna não será desempenhada necessariamente por alguém do sexo feminino e/ou com identidade de gênero feminina. O que é ser homem ou mulher está relacionado à formação cultural, sendo incorreto promover generalização quanto a isso, atribuindo como forma correta e esperada a relação direta de que função paterna só pode ser exercida pelo homem com sexo masculino. Pode-se também refletir sobre os conceitos de pai e mãe e os sentidos direcionados nas comemorações escolares, questionando o que realmente se celebra ali e quem as crianças devem homenagear em cada data quando fazem parte de uma família homoparental. Embora a criança pertença a uma família com pais e mães do mesmo sexo, as funções paternas e maternas não deixarão de ser exercidas diante da parentalidade praticada pelos pais.

A dificuldade de compreender a realidade de famílias homoparentais tem gerado especulações e mitos que, no contexto escolar, também são questionados quando se trata de criança e desenvolvimento psicossocial. Para Farias (2015), na relação escola e famílias homoparentais, diante dos mitos sociais, a escola negligencia a existência dessas configurações familiares e prefere o anonimato em vez de legitimá-las diante das famílias heteronormativas. Grande parte desses mitos foi apresentado nos estudos de Farias e Maia (2009). O quadro a seguir lista mitos e explicações da literatura para melhor compreender os discursos utilizados na sociedade e presentes na escola que negam a legitimação das famílias homoparentais:

Quadro 1 – Resumo dos mitos sobre a homoparentalidade e seus esclarecimentos a partir da análise da literatura

MITOS	ESCLARECIMENTOS: DADOS DA LITERATURA
1) “Os homossexuais são pessoas desajustadas ou sofrem de distúrbios e por isso não	Desde a década de 1970, a homossexualidade deixou de ser considerada doença ou distúrbio, passando a ser considerada um modo de ser. Além disso, outras pessoas

poderiam criar uma criança.”	que não são homossexuais podem apresentar distúrbios sem que isso tenha relação com a orientação sexual.
2) “Os homossexuais tendem a abusar sexualmente das crianças.”	Não há nenhum indício de que pessoas com orientação sexual homossexual abusem mais de crianças do que pessoas com orientação sexual heterossexual.
3) “Se a criança for criada por homossexuais, ela também será homossexual.”	Não há relação direta entre a orientação sexual dos pais, seja homossexual, bissexual ou heterossexual, e a que os filhos terão na vida adulta.
4) “A criança perderá a noção de diferença entre os sexos por ser criada por dois pais ou duas mães.”	A criança poderá construir a noção de diferença entre os sexos por meio das relações sociais em geral; os modelos de feminino e masculino não se restringem apenas às figuras físicas de pai e de mãe.
5) “É prejudicial para o desenvolvimento da criança o contato exclusivo com apenas um tipo de papel sexual: paterno ou materno.”	Como já foi dito, os exemplos de papéis sexuais extrapolam os modelos de pai e mãe. Além disso, os papéis sexuais maternos ou paternos independem de sexo biológico e podem ser assumidos tanto por homens quanto por mulheres na sociedade.
6) “As crianças vão ter problemas em seu desenvolvimento.”	Não há diferenças significativas no desenvolvimento físico e psicossocial entre filhos criados por pessoas <i>gays</i> e lésbicas e filhos criados por pessoas heterossexuais. Possíveis diferenças podem até ser identificadas, mas não são atribuídas às características da orientação sexual dos cuidadores e, sim, a condições diversas como: orgânicas, econômicas, educacionais, sociais etc.
7) “As crianças criadas por casais homossexuais irão sofrer mais por terem que lidar sempre com a questão do preconceito social.”	O sofrimento diante da discriminação social em relação a algum tipo de preconceito não se restringe à orientação sexual, mas a diversos outros fatores igualmente estigmatizantes como raça, etnia, deficiência, pobreza etc.

Fonte: Baseado em Farias e Maia (2009, p. 87-88).

Mesmo diante dos esclarecimentos da literatura referente aos mitos disseminados na sociedade a respeito da família homoparental, a sociedade reproduz os mesmos princípios de discriminação assegurando a manutenção do preconceito e limitando possibilidades de lidar com a diversidade. Para a garantia da soberania do modelo heteronormativo é necessário haver o preconceito e a desqualificação da família homoparental. O ideário de família “perfeita” como sendo a única capaz de educar os filhos é abalado quando a família homoparental apresenta proposta semelhante, mostrando capaz de também cuidar dos filhos. Essa realidade ameaça toda uma sociedade hegemônica heteronormativa (Farias, 2015).

Diante disso, para melhor compreender o termo preconceito dirigido às famílias homoafetivas a recorrência é a Crochik (1996). Para o autor, o preconceito é um juízo preconcebido, sem fundamento e, geralmente, prejudicial, podendo atingir grupos sociais, religiosos, étnicos e outros, podendo também ser considerado desvio da razão. À medida que

a contradição entre indivíduo e sociedade aumenta, a condição do indivíduo também amplia. Dessa maneira, onde há preconceito há prevalência unilateral e hegemônica presente nas relações sociais. O indivíduo que sofre preconceito se sente desconfortável frente a superioridade do preconceituoso. O preconceito é reflexo da relação sujeito e objeto. Toda compreensão do sujeito voltada ao objeto parte de um conhecimento prévio adquirido. O objeto ao ser conhecido deixa alguma marca nova no sujeito e permite que algo novo seja atribuído a ele. Contudo, quando o sujeito não se abre para compreendê-lo e se limita apenas aos seus conhecimentos pré-adquiridos, ou quando realiza o movimento inverso, abrindo-se muito ao objeto, sem refletir sobre isso a partir de opinião própria, estabelece-se o preconceito (Crochik, 2006).

No caso em questão, retoma-se a relação dos sujeitos – sociedade e famílias heteronormativas – em relação ao objeto – famílias homoafetivas. Quando a família heteronormativa tenta desqualificar as homoafetivas, passa a existir uma relação de preconceito. De acordo com Antunes e Zuin (2008), o preconceito acaba sendo exercido pela sociedade e também pelas instituições nela presentes, como a escola, fazendo-se campo propício para essa disseminação. Os estudos de Adorno ampliam ainda mais a compreensão sobre o preconceito. O autor descreve a realidade conhecida como barbárie e a partir dela estabelece a vinculação com o preconceito. Em *Educação após Auschwitz*, Adorno (1995) discorre sobre a barbárie. Para isso, descreve a educação na primeira infância e o processo de esclarecimento da população capazes de criar um clima cultural e social como obstáculo para a repetição da barbárie, entendida, naquele contexto, como sinônimo das crueldades cometidas nos campos de concentração em Auschwitz. Adorno critica a tese que aponta para a necessidade de recuperar a autoridade ou a realização de um compromisso, não se trata de limitar-se ao caso alemão, que pode até contribuir para a explicação do fenômeno nazista, mas não tem um papel relevante para evitar o retorno da barbárie.

Adorno (1995) revela que o único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria a conquista da autonomia por parte do educando e o poder para autorreflexão e autodeterminação de não participar da barbárie, ou seja, de não reproduzir o preconceito. Agir de forma heterônoma, curvando-se diante de normas e compromissos de obediência “cega” à autoridade gera condições favoráveis à barbárie. O não confronto com a barbárie passa a ser a condição para que tudo de novo aconteça. Os algozes do campo de concentração de Auschwitz eram, em sua maioria, jovens filhos de camponeses, o que pressupõe vislumbrar o insucesso da desbarbarização ainda maior na zona rural. Evitar Auschwitz implica em resistir

ao poder cego de toda espécie de coletivo, de brutalidade e de violências justificada por costumes e ritos (Adorno, 1995).

A compreensão do preconceito com base na descrição da barbárie que Adorno relata nos campos de concentração em Auschwitz ajuda a compreender o movimento de uma sociedade diante da ignorância e tentativa de imposição da autoridade para manutenção de um comportamento hegemônico. A realidade das famílias heteronormativas, perante diferentes configurações familiares, reproduz esse cenário. O esclarecimento se faz necessário por meio da educação para que não se propague a barbárie. A primeira exigência da educação para Adorno (1995) é que Auschwitz não se repita. Qualquer debate sobre educação que não leve em consideração esse princípio perde o sentido, carece de importância. Desse ponto de vista, a educação deve desenvolver uma sensibilidade contrária à violência, sensível aos oprimidos, carentes e necessitados; uma educação que retrate os mecanismos de opressão da sociedade dominada por políticos e que pense a violência e a barbárie cometidas pelo mundo ocidental. Assim, “a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência” (Adorno, 1995, p. 183).

Adorno aborda a “barbárie” relacionando-a com o contexto histórico vivido pela Alemanha no século XX, que, para ele, simboliza a mais horrível explosão de barbárie de todos os tempos. No entanto, ele afirma que esse fato está presente em todo o mundo. O autor define a barbárie da seguinte forma:

Suspeito que a barbárie existe em toda a parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista portanto a identificação com a erupção da violência física. Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode sem mais nem menos ser condenada como barbárie. (Adorno, 1995, p. 159-160).

O grande desafio da educação é a desbarbarização. Por meio dela, ao promover a possibilidade do esclarecimento aos alunos, torna-se possível questionar e refletir sobre a barbárie. Adorno pensa que a barbárie não é uma concepção que se mostra às pessoas pela obviedade, mas é algo realizado a partir de um conjunto de imposições, compromissos e valores dogmaticamente impostos. A escola pensada como local de formação do sujeito perde seu objetivo quando permite a propagação do preconceito. Essa realidade leva ao

questionamento de qual tem sido o real propósito da educação, uma vez que ela deveria extinguir o preconceito através da formação para emancipação e autonomia dos sujeitos visando transformar a sociedade. Assim se torna relevante discutir a educação para emancipação com base em Adorno (1995).

2.2. Formação, educação e emancipação de professores e alunos diante da realidade social

Para discutir o processo de formação das crianças, importante antes refletir sobre o processo de formação do professor-educador. O resultado do trabalho do professor diante dos alunos reflete não só o que ele aprendeu em sua educação escolar universitária, mas também crenças e valores que ele construiu como sujeito social nas relações sociais estabelecidas. Ferreira (2016) defende a necessidade de discutir sobre capacitação e formação dos professores e profissionais que trabalham com a educação infantil para poderem lidar com temas diversos como a sexualidade. Felipe (2008) descreve o relato dos professores que dizem ter dificuldade em lidar com temas como esses frente aos questionamentos das crianças. A criança, em sua espontaneidade, expressa dúvidas e curiosidades. No entanto, a ausência de resposta, respostas fornecidas superficialmente ou incorretas podem resultar em discriminação. Isso em relação às outras crianças que se diferem do modelo a qual a criança que questiona pertence.

Costa (2003) considera que o professor, no processo de aprendizagem, não raro, é visto como ser de autoridade em sala de aula, como único detentor do conhecimento, sendo os alunos compreendidos como sujeitos passivos, receptores do conteúdo imposto. Quando colocado dessa maneira, esse professor assume toda a responsabilidade tanto do sucesso quanto do fracasso na formação do aluno. Em relação à responsabilidade da educação, o que não é pensado é que esse professor apenas reproduz em sala de aula o que aprendeu em sua formação escolar. Ele é formado no mesmo contexto em que ele realiza seu trabalho. Pode-se dizer, com isso, que o professor é, ao mesmo tempo, vítima e vilão. Vítima por não ter a oportunidade de ser formado num contexto crítico e de reflexão. Vilão por reproduzir os mesmos princípios de ensinamento aprendidos em sua formação.

Para Costa (2003), as instituições formadoras de docentes não formam, muito menos capacitam esse sujeito para educar. De maneira crítica, para se pensar em real formação e aprendizagem do aluno, o professor deveria deixar de ocupar o lugar de detentor único do saber, ocupando, pois, o lugar de facilitador da aprendizagem. Em sua formação, ele não teve

a oportunidade de ser ativo na construção do conhecimento, consequentemente não consegue desenvolver esse processo de deslocamento em sala de aula. Antes de apresentar qualquer crítica ao trabalho do professor na educação infantil se faz necessário pensar na formação advinda das universidades. Cabe, portanto, discutir qual tipo de formação é proposto a ele e qual objetivo defende a educação superior. O que se espera como ideal de formação é a autonomia e não a heteronomia. Isso para que o professor não se limite apenas a ensinar, mas criar condições para que o aluno aprenda.

A universidade deveria ser lugar de reflexão e questionamento do próprio conhecimento ali produzido. Nesse cenário, o ideal de autonomia do pensamento é buscado, porém o que se vê é um pseudodiscurso de autonomia. Autonomia não é ausência de normas, mas reconhecimento das normas, refletindo e se posicionamento em relação a elas, levando, inclusive, em conta o outro (Brito & Cunha, 2009). O modelo de formação nas universidades atuais provoca o questionamento quanto à qualidade do ensino. Frente as exigências do mercado, as universidades têm se tornado fábrica de diploma, deixando de prezar pela qualidade na formação. Isso impacta na formação do professor que atua na educação infantil. Lugar que deveria ter os melhores professores, pois é o tempo de constituição da base da formação do sujeito. A contragosto, na educação infantil parece servir qualquer professor, inclusive com discrepância salarial em relação a outros níveis de ensino (Coêlho, 2006). É preciso formar não só para o mercado, mas para além dele, possibilitando, inclusive, que o sujeito domine o mercado. A autonomia defendida é de pensamento crítico, não alicerçado numa crítica superficial, mas numa crítica aprofundada, com domínio do saber (Coêlho, 2006).

A formação nas universidades que não atende a formação de um pensamento crítico acaba por não garantir uma postura diferente dos educadores infantis se não a reprodução e transmissão de informações, em vez de trabalhar a construção do conhecimento, sobretudo diante das discussões pautadas em temas como diversidade, sexualidade, famílias, raças e outros. O professor, em seu processo de formação, parece não ter tido a oportunidade de se apropriar do conhecimento e de estratégias para estabelecer diálogo entre escola e família. Discutir a educação como processo de emancipação parece distante da realidade das escolas hoje. Em função disso, este trabalho promove a discussão sobre educação e emancipação como necessária ao entendimento dos entraves e das dificuldades da escola em lidar com filhos de famílias homoparentais em seu percurso de educação e emancipação.

Theodor Adorno, ao escrever sobre *Educação e Emancipação* em obra publicada em 1995, identificou que a formação no mundo contemporâneo reproduz os valores, o imaginário

e as condições sociais dominantes do sistema cultural. Para ele, a educação deve ser simultaneamente autônoma, racional e possível de ir além da mera adaptação, chegando à emancipação. Adorno critica a indústria cultural vista como responsável pela incapacidade humana de agir com autonomia. Ressalta a importância da educação em não ser um instrumento disciplinador de condutas feito pela repreensão, costume que predominou durante anos através de castigos físicos e morais, e hoje permanece de maneira acobertada pela repressão psicológica. Para o expoente da Escola de Frankfurt, há falta de consciência crítica frente à realidade política, econômica e social. Esta, por sua vez, determina o indivíduo em seu íntimo, naquilo que deveria ser entendido como autonomia. O sujeito, então, passa a ser determinado pelas imposições normativas da sociedade e perde a liberdade para deliberar sua vontade com autonomia. Adorno destaca a falta de esclarecimento da sociedade que vive pressionada, “pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planejado até mesmo de toda a realidade interior pela indústria cultural” (Adorno, 1995, p. 181).

A formação social das pessoas passa por várias mediações e a partir daí elas absorvem e concordam com os termos desse arranjo alienado. A formação finca-se em uma perspectiva de adestramento e replicação de fazeres em todos os âmbitos da vida. A decomposição do sujeito autônomo também é tema de discussão de Adorno. Há uma convenção social que valida os sujeitos a serem impedidos de saberem-se sujeitos. A cultura e a indústria ofertam a informação como uma avalanche e o sujeito é tomado por ela sem perspectiva de controle. O conceito de educação, para Adorno, não era algo estático ou seguia modelo ideal impondo-se como verdade, mas algo que muda com a história. A educação tem papel diferente em cada sociedade, em cada tempo histórico. É preciso entender que ela não ocorre apenas na escola, mas abrange todas as relações sociais, as práticas cotidianas, a vida do indivíduo. E nesse percurso, seja pela influência que ele recebe de outros, seja pelos pressupostos da indústria cultural, da cultura, dos hábitos, a todo o momento o indivíduo é alvo de informações.

Os meios de comunicação, em nossa época, representam a degradação da formação da cultura, levando à perda da autonomia do sujeito. Para Adorno, a formação cultural se traduz em semi formação, semicultura, advinda de apenas uma dimensão na relação com a sociedade, assim limitada. A semi formação é entendida como forma dominante da consciência; mais tarde a semi formação socializada atende a determinação da indústria cultural. Na avaliação do autor, a organização social continua sendo heterônoma, uma vez que ninguém mais pode existir na sociedade conforme suas próprias determinações. Por essa razão, somente a educação pode emancipar os sujeitos. Mas, para isso, é imprescindível uma educação política,

que desenvolva nos sujeitos a consciência de que os homens são, permanentemente, ludibriados. Ele acredita que se todos adquirissem consciência em relação a essas questões, a criticidade seria imanente na sociedade. Necessário para o autor, não negar as contradições sociais, a defesa que faz é por uma educação política, como já dito, voltada à crítica da ideologia disseminada pela indústria cultural. Assim, a capacidade de informação e entendimento para análise e avaliação da sociedade deve ser desenvolvida pelo processo pedagógico, que deve preparar os sujeitos para a não aceitação, para a manifestação, para o afrontamento e a revolta, ensinando a romper com maneiras de ver, sentir e compreender as coisas.

Para que os indivíduos se emancipem, é necessário que eles compreendam os mecanismos que produzem a consciência alienada, ou seja, para compreender o mundo é necessário o esclarecimento sobre os mecanismos pelos quais a cultura se converte em mercadoria e a sociedade, em seu processo de reprodução material, determina, no movimento de transformar conceitos abstratos em realidades concretas, as condições objetivas da subjetividade. Assim, a emancipação é forma de conscientização do sujeito. Os indivíduos precisam ser capazes de refletir na sociedade contemporânea. Para isso, devem ter a capacidade de selecionar e discernir informações, analisando e avaliando a realidade em que vivem. É pela escola que se deve fomentar o discurso político capaz de desenvolver nos sujeitos a consciência das possibilidades transcendentais da liberdade. Desse modo, a educação em Adorno é uma “pedagogia do esclarecimento”, em que “a educação política é levada a sério e não como simples obrigação inoportuna” (Adorno, 1995, p.45). Nesse sentido, a emancipação só pode se tornar possível a partir do esclarecimento dos fundamentos ocultos da dominação.

Para Adorno, a educação consiste em explicar como as coisas são e como funcionam. O indivíduo educado amplia horizontes, alarga modos de pensar, questiona o dado e constituído. Mesmo sendo sujeitos singulares, com vontades e interesses particulares, devem transcender a mera subjetividade. Com isso, amadureceriam e compreenderiam as forças históricas capazes de transformar a sociedade em uma verdadeira universalidade. Em função disso, surgiriam os efeitos morais, estéticos e intelectuais que apontariam para a construção de uma existência pacificada. As reflexões de Adorno a respeito da educação e da emancipação traduzem a necessidade das famílias homoparentais diante do processo educacional. A escola como parte responsável por educar deveria proporcionar aos alunos reflexões críticas sobre a diversidade, contrapondo-se ao produzido na sociedade heteronormativa. Desse modo, as crianças seriam educadas para emancipação e transformação da sociedade, fazendo-se

questionadoras dos padrões impostos, tendo liberdade para deliberar sobre vontades autônomas proveniente dos esclarecimentos no processo de formação.

De acordo com Rodrigues e Araújo (2005), dois eventos ocorridos na década de 1990 foram importantes na definição das políticas de formação dos profissionais da educação: a Conferência Mundial de Educação para Todos e a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Os autores apontam a necessidade de priorizar, no âmbito das políticas de educação básica, a formação de professores, fundamental para a consolidação de um projeto educativo cujo objetivo é a formação de cidadania por meio da escola, sabendo que as relações sociais são estabelecidas também fora dela. Razão que sustenta o fato de que a formação do professor (sujeito do processo educacional) deve estar direcionada às funções e relações vividas na sociedade. O que se espera é um educador capaz de estabelecer a ponte entre escola e sociedade.

Para Machado (1998), a competência do educador tem implicação subjetiva, expressa em valores e comportamentos. Essas competências se referem às ações e operações utilizadas para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas. São operações mentais estruturadas em rede, que mobilizadas permitem a incorporação de novos conhecimentos e integração significativa a essa rede. A competência implica, portanto, numa mudança do papel da escola e, conseqüentemente, num novo ofício de professor. Ainda para o autor citado, a educação é vista também como dimensão subjetiva e o professor deve ser capaz de lidar com imprevistos e subjetivamente tratar situações diversas em sala de aula. Se faz necessário, para isso, pensar em propostas educacionais na formação de professores que permitam um modelo ideal que os capacite a inovar também o sistema de relações sociais, construindo propostas que despertem a consciência e os valores do ser humano, possibilitando-lhe autonomia e liberdade.

Os desafios da educação para emancipação e as competências esperadas para o professor só são possíveis se esse educador encontrar um campo aberto a discussões e reflexões sobre os contextos relacionados à diversidade familiar, sexual, cultural e outros. Trabalhar com crianças na educação infantil e discutir temas considerados desafiadores requer material didático adequado, condizente com a realidade das crianças presentes em sala de aula. Como já dito, a escola não está alienada da realidade das famílias homoparentais e não é esperado do professor ensinamento que as discrimine em sala de aula. Ao ser apresentado um único modelo heteronormativo de família no material didático, todas as demais crianças, não só as de famílias homoparentais, mas as que fazem parte de uma configuração familiar diferente da tradicional, acabam excluídas e não consideradas famílias. O estudo relacionado

à realidade escolar de crianças que vivem em ambiente de famílias homoafetivas requer a verificação de como essa família é apresentada no material didático que as escolas utilizam e de que maneira os professores discutem o tema família em sala de aula a partir desse material.

2.3 Material didático utilizado para discussão de famílias no contexto da educação infantil: desafios e possibilidades

Machado (2014 apud Pagliari 2017, p. 44) discute a importância e a necessidade de oferecer às crianças uma literatura que apresente as famílias homoparentais e todas as outras configurações familiares que fogem ao padrão imposto pela sociedade, de modo a estimular o respeito às demais diversidades existentes na sociedade. Para o autor citado, convém frisar que a sociedade (escola, pais, religiões, crianças etc.) necessita entender que a temática homoafetiva com base na literatura não surge para incentivar crianças a serem homossexuais, ou para dizer que uma família é a correta e a outra não, mas para tentar desconstruir a ideia negativa sobre a relação homoafetiva, estimulando um possível desabrochar da tolerância, contribuindo, desse modo, para minimizar o alto grau de violência e discriminação que indivíduos homoafetivos sofrem. Para isso, nada melhor que utilizar o espaço da escola a fim de iniciar essas reflexões sem alienar-se da realidade social, pois a escola é um espaço onde várias culturas se encontram, onde vários pensamentos, comportamentos e discursos circulam, confrontando-se entre si.

Contudo, pode-se questionar se os conceitos de homoparentalidade e homoafetividade são trabalhados e problematizados no espaço escolar pelas práticas curriculares, bem como quais os discursos utilizados por professores para abordar a instituição familiar. As discussões voltadas à educação igualitária é tema constante nas políticas educacionais e são evidenciadas nas propostas e ações governamentais, nos discursos políticos e nos projetos pedagógicos. A exemplo disso, o Ministério da Educação (MEC), em 2016, com objetivo de desconstrução da heteronormatividade e do conceito de família tradicional previstos no Plano Nacional de Direitos Humanos 3 (PNDH3, 2010), assinado pelo Presidente Lula em 2009, trouxe nos livros didáticos para primeira fase do Ensino Fundamental informações sobre novos arranjos familiares com orientação sexual homoafetiva. A ação gerou polêmica em todo o país, emergindo posicionamentos a favor e contra, apontando a necessidade de diálogo para enfrentamento dessa questão.

Diante desse cenário, o Procurador da República Guilherme Schelb elaborou uma “notificação extrajudicial” para que pais notificassem a escola e os professores informando

que não permitiam que seus filhos tivessem acesso a conteúdos voltados à ideologia de gênero. Por esse documento, os pais começaram a se organizarem, voltando-se contra a escola e os professores usando de ameaças de processo judicial. De acordo com Quixabeira (2016), em reportagem publicada na versão digital do *Jornal Opção*, de 21 de janeiro de 2016, 17 vereadores de Goiânia assinaram o requerimento suspendendo a distribuição desses livros didáticos na rede pública e nas escolas privadas da cidade. Dessa forma, não houve espaço para o professor educar, para que se estabeleça a igualdade dos alunos de forma efetiva, pois não basta inseri-los no ambiente da escola, é preciso também acolhê-los no processo de ensino-aprendizagem.

Esse ato apenas reforça a insegurança e o medo das famílias heteronormativas ao se sentirem ameaçadas, como se a discussão e apresentação de diferentes configurações familiares fosse fazer com que as crianças alterassem sua orientação sexual. A afronta através de movimento de resposta e recusa reforça o preconceito e propaga a discriminação. Os livros, ao apresentarem configurações familiares homoafetivas, não excluem a família heteronormativa, apenas legitima outras configurações familiares existentes. Por isso, Facco (2009) defende a importância e a necessidade da apresentação das famílias homoparentais nos livros da literatura infantil, uma vez que as escolas que permitem essa abordagem e trabalhar essa temática tem como objetivo expor as diferenças aos alunos. Contudo, apresentar as diferenças não significa escancarar defeitos. Nas escolas que viabilizam essa reflexão, o resultado tem sido positivo e significativo na educação das crianças, pois as crianças podem compreender que elas são constituídas pelas diferenças e que essas diferenças é que as faz seres humanos e singulares, não havendo determinação em ser melhor ou pior e, sim, diferente.

Por outro lado, as escolas que resistem ao trabalho e discussões sobre diversidade em seus conteúdos programáticos, negligenciando e omitindo o tema, assim ignorando as representações que recaem sobre orientação sexual, gênero, estereótipos, cor, raça e outras, reforçam, cada vez mais, preconceitos existentes na sociedade, que passam, inclusive, a serem reproduzidos pelas crianças na escola (Facco, 2009). No processo de socialização da criança no contexto escolar, quando ela deixa o espaço familiar e adentra à escola, depara-se com a diversidade e diferença no contato com as demais. Isso faz com que ela reconheça as diferenças decorrente de realidades diversas das que ela conheceu em sua família de origem. Diferenças não só voltadas às configurações familiares, mas também à cor, raça e classe social. Pode-se dizer que na escola, o momento em que a criança entra em contato com a realidade de outras, possa ser o momento adequado para discutir e refletir com ela sobre

realidades outras possíveis de famílias, levando-a a entender que a família dela não é melhor ou pior que a das outras. Mesmo sendo diferentes não deixarão de ser família. Dessa maneira, a escola cumpre com o objetivo de socializar e permitir espaço de diálogo sobre as diferenças presentes em sala de aula, estimulando o respeito entre as relações e a diversidade.

Freitas e Dias (2012) criticam a deficiência na formação dos professores e a dificuldade enfrentada por eles diante da realidade social ao lidar com questões relacionadas a diferenças. Para os autores, temas como diversidade, pluralidade familiar e preconceito deveriam ser abordados na formação inicial e continuada dos docentes e legitimadas no material didático utilizado por eles na atuação em sala de aula, subsidiando, com isso, a capacidade de eles discutirem essas temáticas com os alunos, inviabilizando o preconceito, encorajando famílias e crianças a um enfrentamento capaz de garantir o princípio da equidade e igualdade de direitos. Louro (1999) destaca a importância da escola como local propício e adequado para se discutir temas voltados à família, à cultura, à raça, à etnia e outros. Para o autor, é contraditório porque essas temáticas são discutidas de modo superficial, inviabilizando uma compreensão sobre elas acurada e profunda a fim de preparar as crianças para a realidade social da qual fazem parte.

Facco (2009) reforça a importância de se discutir a diversidade na educação infantil através de material didático adequado. Segundo ele, a criança, nessa etapa formativa, ainda tem olhar ingênuo que se difere do mundo adulto. A infância é o melhor momento para que reflexões sejam provocadas sobre as diversidades que fazem parte do contexto social dessas crianças. Reflexões não norteadas por preconceitos e imposições sociais já presentes na fase adulta. O autor enfatiza que as crianças, nesse momento, têm a possibilidade de não se importarem com o que é dito e entendido como certo ou errado. Um olhar diferente sobre a sociedade as capacita a se constituírem futuros cidadãos formados a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva sobre temas que hoje ainda são discutidos com muito preconceito.

Nesse contexto, é possível pensar a dificuldade do professor ou do educador em ter que lidar com divergência das famílias oriundas das configurações familiares. De um lado, existe a família heteronormativa que cobra silenciamento desse professor com medo de seus filhos se tornarem homossexuais. De outro lado, há a cobrança das famílias homoafetivas para que se discuta essa temática em sala de aula. Nesse conflito, o educador provavelmente terá dificuldade de lidar com essa escolha diante de sua limitação formativa. É possível imaginar que ele se anule ou discuta superficialmente o tema visando atender interesses de ambas as famílias.

Para Ferreira (2016), a linguagem, sobretudo no âmbito educacional, é fator fundamental para o crescimento e desenvolvimento das crianças. Muitas vezes, a linguagem utilizada na escola para se referir aos responsáveis pela criança carrega o pressuposto da exclusão como, por exemplo, o endereçamento (bilhetes, comunicados e outros) dado aos responsáveis pela criança é feito a pais e mães, excluindo outras possibilidades de parentesco ou mesmo cuidador dessa criança. Também se percebe a tentativa da legitimação apenas do modelo heterossexual quando se fala em comemorações presentes no calendário escolar. Quando se comemora o dia dos pais ou o dia das mães está implícito que tais celebrações contemplam apenas as famílias heterossexuais, já que somente nesse modelo há pais e mães, pessoas, portanto, com sexo diferente. Os resultados de pesquisas do autor propõem comemorar o dia da família, permitindo que a criança homenageie membro (s) presente (s) e que ela considera como família.

No processo de educação e formação da criança, a educação infantil é a base para todo o desenvolvimento da criança; é o momento que ela tem a possibilidade de se autoafirmar, de buscar sua identidade e de aprender através da socialização com outras crianças. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), seu objetivo principal é permitir que a criança construa sua identidade pessoal e coletiva; permitir que ela brinque, imagine, fantasie, deseje, aprenda, observe, experimente, narre, questione e construa sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo, desse modo, cultura.

Diante desse propósito, Louro (2000) discute os materiais didáticos e conteúdos a serem trabalhados em sala de aula e destaca a negligência em relação a assuntos como gênero, sexualidade, raças, etnias e classes sociais. Negligência marcada por discussão epidêmica, rasa, que ignora a diversidade. Esses conteúdos, quando trabalhados, mantêm a supremacia heteronormativa, excluindo os demais modelos existentes. Contudo as crianças que ocupam os bancos escolares advêm das mais diversas configurações familiares. Dessa maneira, a escola deveria apresentar, nos conteúdos programáticos, as práticas existentes em sociedade conforme a realidade dessas crianças. A negação dessas práticas fomenta e dissemina a discriminação, até mesmo porque as crianças de famílias homoparentais presentes nesse contexto são vistas como diferentes e, geralmente, marginalizadas por outras.

A escola deveria ser um espaço livre, democrático e ideal para debater tais temáticas. Ignorar essas temáticas, assim como ignorar a sexualidade, é o mesmo que ignorar o sujeito porque a sexualidade faz parte dele, independentemente da faixa etária que possui; a sexualidade está posta, ela não está distante na realidade infantil. Por isso, é necessário discutir sobre isso na educação infantil, como defende Louro (2000). Os desafios da

instituição escolar não estão presentes apenas no material didático. Discutir o processo de formação de professores, legitimar as diversas configurações familiares, discorrer sobre gênero, sexualidade e orientação sexual parece exigir ponderação, já que a linha que demarca legitimação e discriminação é tênue e na triangulação entre família, aluno e escola o diálogo precisa ser feito de modo claro.

Diante da teoria estudada, voltada aos temas relacionados às famílias homossexuais com filhos em contexto escolar, o estudo empírico se faz relevante, abrindo espaço para que essas famílias verbalizem as realidades que vivenciam. Isso se torna importante para a construção do conhecimento, pois gera reflexão sobre verdades construídas socialmente. A seguir, por meio de excertos decorrentes de entrevistas realizadas, foi possível verificar melhor o contexto dessas famílias a partir da fala de pais homossexuais.

Capítulo 3 – Apresentação, análise e discussão dos dados: uma perspectiva crítica social

Neste trabalho, nos capítulos anteriores, foram feitas reflexões com base na teoria sobre a constituição da família. Os desafios das famílias homoparentais, a dificuldade social na compreensão sobre orientação sexual, gênero, identidade de gênero e diversidade fizeram parte deste estudo como forma de entendimento e esclarecimento. Os mitos apontados sobre a realidade dos filhos pertencentes às famílias homoafetivas, a maneira como esses mitos são reforçados pela escola, assim como o modo com o qual a escola discute essas questões levaram a questionamentos de como se apresenta, de fato, a realidade dessas famílias.

A responsabilidade da escola e da família no processo de formação e educação das crianças, o material didático utilizado pelas escolas para ensinar o conceito de família foram temas explorados na literatura e que motivaram a realização desta pesquisa. Aqui se apresenta a realidade exposta pelos participantes que se dispuseram a falar de suas experiências nas entrevistas realizadas, revelando prazeres e dissabores vivenciados por eles como famílias homoafetivas. Esta pesquisa, pensada como empírica, abre possibilidades para discussões voltadas à realidade social sob o olhar desses pais homossexuais.

Para realização deste estudo, o desenho traçado precisou considerar o tempo disponível no programa de mestrado e foi apresentado no projeto por meio do cronograma de atividades. A escolha do instrumento para coleta de dados precisou ser capaz de apreender o conteúdo necessário para análise. A técnica de análise a ser feita, a delimitação do tema, o referencial teórico, o problema, os participantes e, principalmente, os objetivos propostos foram apresentados de forma criteriosa na fase de exposição do projeto.

Para compreensão do tema, no sentido de melhor abordá-lo e entendê-lo, optou-se por utilizar a abordagem qualitativa. George Gaskell (2015) delimita a pesquisa qualitativa referindo-se a entrevistas do tipo semiestruturada, denominando-as entrevista em profundidade. Esse tipo de instrumento de coleta de dados é realizado com um respondente. O autor aponta que nas ciências sociais empíricas, a entrevista qualitativa é uma metodologia de obtenção de dados muito utilizada. Segundo Robert Farr (1982), conforme citado por Gaskell (2015, p. 65), a entrevista qualitativa é “essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou ponto de vistas sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”.

A entrevista qualitativa parte do pressuposto de que o mundo social não é um dado natural e, sim, construído por pessoas em suas vidas cotidianas, porém não sob as condições

que elas mesmas estabelecem. Tais construções constituem a realidade e o mundo vivencial das pessoas dentro de determinado contexto social. A entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e as situações vivenciadas por eles (Gaskell, 2015).

Dessa forma, o objetivo da entrevista qualitativa é obter uma compreensão detalhada de crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais determinados. A compreensão do mundo (sentidos e significados) da vida dos entrevistados e de grupos sociais específicos é condição indispensável da entrevista qualitativa. Essa compreensão pode contribuir para diferentes usos que dela se faz, tais como descrição detalhada de um meio social específico; base para a construção de um referencial para pesquisas futuras e banco de dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas fora de uma perspectiva teórica definida (Gaskell, 2015).

Em síntese, a finalidade da pesquisa qualitativa é explorar e apresentar aspectos das opiniões e representações dos sujeitos sobre determinado assunto. Nesse sentido, utiliza-se a seleção dos entrevistados ao invés de amostragem, já que não se deve seguir os mesmos procedimentos da pesquisa quantitativa. Assim, a seleção dos entrevistados ocorre em “grupos naturais”, ou seja, a partir de pessoas que partilham experiências comuns, formando um meio social em vez de grupos estatísticos. Ressalta-se que não existe um método de seleção dos entrevistados mais adequado e que seria mais efetivo pensar na seleção por meio dos ambientes sociais relevantes (Gaskell, 2015).

Em relação à quantidade das entrevistas necessárias à realização de uma pesquisa, fatores como a natureza do tópico guia, do número de diferentes ambientes que foram considerados relevantes e dos recursos disponíveis são observados. Além disso, há de se considerar que existe um número limitado de versões da realidade e que as representações oriundas de experiências não surgem somente individualmente, mas resultam de processos sociais. Nesse aspecto, essas representações são compartilhadas. Logo, temas comuns aparecem no percurso de investigação e de compreensão de certo fenômeno.

As entrevistas, por meio da relação entrevistador-entrevistado, são uma forma de produção de conhecimento. A entrevista individual é uma relação díade que, de certa forma, se diferencia de outros tipos de relações de conversação, podendo-se destacar: duração, que pode ser por mais de uma hora; alguém que realize as perguntas e outro sujeito que as responda, tendo como opção, para o entrevistador, o uso do tópico guia. Importante o entrevistador deixar o entrevistado à vontade, objetivando ultrapassar o limiar da desconfiança por parte do entrevistado, estabelecendo o que se denomina “*rapport*”, que é a

solidificação de uma relação firmada na confiança e segurança. Com o *rapport* estabelecido, há probabilidade de se obter dados mais profundos sem o uso do que se pode definir como racionalização normativa, que é o entrevistado responder aquilo que ele pensa que o entrevistador quer ouvir. O pesquisador, ao realizar uma entrevista individual bem feita, pode explorar, de forma profunda, a visão de mundo do sujeito entrevistado, obtendo dados mais significativos e viscerais para o processo investigativo (Gaskell, 2015).

Por fim, as entrevistas qualitativas realizadas neste estudo se organizam em seis diferentes etapas. A primeira delas é a preparação do tópico guia, vinculado aos objetivos e às finalidades da pesquisa. A segunda é a seleção do método de entrevista: individual ou casal. A terceira são as estratégias para seleção de entrevistados. A quarta é a própria realização das entrevistas. A quinta é a transcrição. A sexta é a análise do *corpus* apreendido.

A seguir, será apresentado todo desenho metodológico utilizado nesta pesquisa.

3.1. Participantes da pesquisa

Os participantes desta pesquisa são homossexuais, formadores de famílias homoparentais, que exercem a função de parentalidade nos cuidados com os filhos, sendo eles casados ou não, residentes na cidade de Goiânia e que aceitaram, de forma espontânea, participar do estudo. Para os homossexuais casados, em que ambos exercem a parentalidade dos filhos, tendo os dois a disponibilidade de participar da entrevista juntos, ela assim ocorreu. No entanto, não havendo disponibilidade de ambos estarem presentes, a entrevista foi realizada com apenas um deles. A quantidade de participantes, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, num primeiro momento, até a etapa de qualificação, deu-se pelo critério de saturação utilizado por Cellard (2008), que estabelece que o pesquisador continuará a coletar os dados até que a “saturação” seja cumprida, indicando que nenhum tema novo resulte das entrevistas.

Na banca de qualificação foi sugerido reavaliar esse critério, levando em consideração a preservação das categorias e a garantia do embasamento teórico, sem correr o risco de ampliar o número de participantes ao ponto de não ser possível se debruçar de modo mais acentuado na etapa da análise de dados. Após a avaliação dos pesquisadores, considerou-se mais importante, então, limitar o número de entrevistas, no caso, de participantes, ao invés de realizá-las até o ponto de saturação. Na decisão sobre quais critérios utilizar para limitar essa quantidade e realizar as próximas entrevistas, manteve-se a primeira entrevista, já feita antes

da etapa de qualificação, e realizar mais duas, buscando, com isso, discutir três configurações familiares diferentes: uma bipaterna, uma bimaterna e uma multiparental.

3.2. Critérios de Inclusão

Foram incluídos nesta pesquisa pais e mães em contexto de família homoparental cujos filhos com idade superior a 4 anos estudam ou estudaram na educação infantil em escolas públicas ou privadas na cidade de Goiânia e que aceitaram, de forma espontânea, participar do estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE).

3.3. Critérios de Exclusão

Foram excluídos pais e mães em contexto de família homoparental cujos filhos com idade menor que 4 anos estejam em período escolar ou que, por qualquer motivo, não tiveram disponibilidade em participar da pesquisa. Tal critério se deu pelo fato de que as crianças com idade superior a 4 anos possuem maior facilidade em verbalizar e apontar conflitos e desafios vividos por elas nesse contexto, facilitando também o acesso dos pais a esses conflitos.

3.4. Instrumento

Como instrumento para pesquisa foi utilizada a entrevista semiestruturada (anexo II) em que, de acordo com Bardin (2009), o entrevistador propõe um tema e diante de um roteiro preestabelecido a entrevista desenvolve-se no fluir de uma conversa. O entrevistador promove, encoraja e orienta a participação do entrevistado, baseando-se em um guião (anexo III) com o objetivo da entrevista e linhas orientadoras.

3.5. Procedimento

Nesta pesquisa, a amostra de sujeitos foi apoiada na técnica “Bola de Neve” (*Snowball*) que permite a definição de amostra por referência, também conhecida por cadeia de informantes e teve como participantes iniciais um casal de pais homossexuais que pertencem à Associação Brasileira de Famílias Homoafetivas de Goiás, a qual faz parte o pesquisador. Baldin e Munhoz (2011) descrevem a técnica “Bola de Neve” como uma forma de amostra não probabilística, utilizada em pesquisas sociais, em que os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, indicam outros participantes e assim sucessivamente até que seja alcançado o objetivo proposto. A técnica é uma forma de

usar cadeia de referência para coletar o máximo de informações sobre os membros da rede. Ela permite a identificação da recôndita população mais precisamente reconhecida por outros membros dessa população (Albuquerque, 2009).

Após ter limitado o número de participantes, a técnica “Bola de Neve” ganhou corpo quando os entrevistados passaram a indicar as próximas famílias de acordo com a configuração necessária para atender o que havia sido preestabelecido para a pesquisa. Inicialmente, foi feito contato com pais e/ou mães em contexto de família homoparental para o agendamento de acordo com a disponibilidade que possuíam. Para aqueles que aceitaram, de forma espontânea, participar da pesquisa foi feita a leitura e assinatura do TCLE, elaborado de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS), n.º 466/2012 e n.º 510/2016 (anexo I). As entrevistas foram feitas em local e horário combinados com os participantes, estando presente, nesse momento, entrevistador e entrevistado(s). Para isso, priorizou-se por um ambiente agradável, tranquilo, privativo e sem interferência de barulho que pudesse prejudicar a concentração do participante ou mesmo do entrevistador, bem como a própria gravação.

3.6. Análise dos dados

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas de acordo com o método análise de conteúdo proposto por Bardin. A análise de conteúdo é o conjunto de técnicas de análise de comunicações que visa, através de processos sistematizados e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens, sejam elas quantificáveis ou não, possibilitando a partir dessa análise produzir conhecimentos ligados às condições de variáveis da mensagem apreendida (Bardin 2009).

Das seis classificações de análise de conteúdo apresentada por Bardin (2009) foi pensada para este estudo: a Análise de categorização: técnica de redução de dados por meio de codificação e organização temática; a Análise de relações, que busca as relações que os elementos do texto mantêm entre si, entre as quais se destacam a análise das co-ocorrências (presença concomitante de dois ou mais elementos nas mesmas unidades de contexto); a Análise de conteúdo, que, por meio de um conjunto de técnicas de análise de comunicações visa obter informações por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, com indicadores quantitativos ou não, permitindo também a inferência de conhecimento relativa às condições de produção ou de recepção das variáveis inferidas nas mensagens.

Para analisar os dados, foram utilizadas as categorias previamente descritas no referencial teórico e no roteiro semiestruturado das entrevistas. Esse roteiro teve por objetivo disponibilizar categorias para análise dos dados no processo de categorização.

3.7.Aspectos éticos

De acordo com os preceitos éticos, este trabalho se propôs a estar de acordo com as recomendações estabelecidas pelo CNS através das resoluções n.º 466/2012 que trata de pesquisas em seres humanos (atualiza a resolução 196) e da n.º 510/16 que trata de pesquisas na área das Ciências Humanas e Sociais.

O TCLE foi elaborado dentro das orientações dessas resoluções e foi fornecido pelo pesquisador, impresso em duas vias e assinado ou identificado por todos os sujeitos da pesquisa. Uma das vias foi entregue ao sujeito da pesquisa; a outra, arquivada. Os sujeitos participaram livremente do estudo, foram a eles fornecidas informações necessárias a torná-los conscientes sobre a decisão de participar ou não do estudo e a possibilidade deles se retirarem a qualquer momento, caso acharem necessário, sem risco de punição.

Riscos mínimos tanto para participantes quanto para pesquisador abrange o desenvolvimento deste estudo. De modo mais específico, considera-se risco o participante sentir-se exposto e envergonhado ao declarar sua percepção, ou mesmo, sentir-se constrangimento ao falar dos conteúdos propostos e opinar sua experiência sobre eles, além de temer a exposição de seus filhos no espaço escolar. Digno de nota ressaltar que todos os dados são mantidos em sigilo e a identidade dos participantes resguardada. Caso haja intercorrência, é garantida assistência psicológica e gratuita pelos danos, diretos ou indiretos, imediatos ou tardios, causados aos participantes.

Os benefícios da pesquisa estão relacionados ao aprimoramento do processo de educar diante dos esclarecimentos e das necessidades de mudança na maneira de pensar as relações sociais e orientações no contexto escolar. Isso amplia uma melhor compreensão da composição da sociedade e enriquece os estudos acadêmico-científicos na discussão que recai sobre o tema. Além de contribuir para a formação profissional do educador.

Como se trata de uma pesquisa envolvendo seres humanos, o estudo foi devidamente submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFG enquanto projeto de pesquisa através da Plataforma Brasil no ano de 2018 com o título “Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário”. A

autorização para realização do projeto de pesquisa desta dissertação consta no parecer n.º 2.834.126 (anexo IV).

3.8. Apresentação dos participantes e condições para a realização das entrevistas

Nesse ponto do trabalho, retoma-se a importância de mencionar mais uma vez o objetivo ao qual se propõe o estudo: discutir a realidade das famílias homoparentais em relação ao contexto escolar de seus filhos. Para isso, as entrevistas foram realizadas. Após a transcrição do material coletado, buscou-se, por meio do guião pautado no roteiro das entrevistas e dos objetivos deste trabalho, apresentar as categorias de análise e as relações que os elementos decorrentes das entrevistas mantêm entre si, assim como estabelecer ligação entre as situações nas quais o sujeito se encontra para produzir e/ou desconstruir discursos.

Visando preservar sigilo em relação às identidades dos participantes da pesquisa, foram atribuídos a eles nomes fictícios, estabelecidos de forma aleatória, dito de outro modo, sem critério preciso. A ordem de apresentação segue a mesma da realização das entrevistas ocorrida nos meses de agosto a novembro de 2019. O processo de seleção dos entrevistados elegeu três famílias em que os participantes se identificaram como homossexuais e pais de crianças em contexto escolar. A análise foi feita com base nas relações dos discursos desses participantes diante da realidade vivenciada por eles como pais das crianças.

3.8.1. Cláudio e Márcio

A entrevista foi realizada com o casal nas dependências da residência onde eles vivem com o filho na cidade de Goiânia. Em relação aos dados sociodemográficos, Cláudio é professor, pedagogo, historiador e tem 45 anos. Márcio tem formação em História e Artes Visuais e está com 44 anos de idade. Márcio e Cláudio são casados e pais. O filho Bruno do casal foi adotado e, atualmente, está com 11 anos de idade, cursando o 6º ano do ensino fundamental.

A duração da entrevista foi de 59 minutos e 29 segundos, realizada na varanda da casa (apêndice A). O casal preparou esse espaço respeitando a necessidade de um ambiente tranquilo, privado e sem interferência de barulho. Essa família está caracterizada numa configuração de biparentalidade paterna, ou seja, é formada por dois pais e um filho.

3.8.2. Karla e Brenda

A entrevista foi realizada com o casal nas dependências da residência onde elas vivem com o filho Joaquim em Goiânia. Em relação aos dados sociodemográficos, Karla é administradora e tem 39 anos. Brenda é dentista e está com 49 anos de idade. Karla e Brenda são casadas e mães de Joaquim. O filho do casal foi concebido por meio de inseminação artificial utilizando sêmen de João, amigo escolhido por elas e que divide com elas a parentalidade de Joaquim. Karla gerou biologicamente o filho dos três que está com 04 anos e 05 meses e estuda na educação infantil.

A duração da entrevista foi de 56 minutos e 57 segundos, realizada no espaço *gourmet* do sobrado no condomínio onde Karla e Brenda moram (apêndice B). A família está inserida em um contexto de multiparentalidade, ou seja, sua configuração é formada por duas mães, um pai e um filho.

3.8.3. Fernanda e Luíza

A entrevista foi realizada com o casal na cafeteria dos pais de uma das participantes na cidade de Goiânia. Em relação aos dados sociodemográficos, Fernanda é formada em Nutrição, atualmente está cursando Medicina e tem 36 anos. Luíza é enfermeira e está com 32 anos de idade. Fernanda e Luíza são casadas e mães de Patrícia, que está com 05 anos de idade e cursa o nível dois da escola onde estuda. A filha do casal foi concebida por meio de Fertilização *in Vitro* (FIV), utilizando sêmen de um doador anônimo. Fernanda gerou biologicamente a filha do casal.

A duração da entrevista foi de 49 minutos e 05 segundos, realizada na mesa da cafeteria em um pequeno *shopping* na cidade de Goiânia (apêndice C). A família está inserida em um contexto de biparentalidade materna, ou seja, a configuração dessa família é formada por duas mães e uma filha.

3.9. Análise das entrevistas

Diante das entrevistas realizadas, após a leitura flutuante, o critério de categorização foi estabelecido com base nos objetivos. Ao realizar a leitura das entrevistas, os conteúdos que dali emergiram foram sistematizados em três categorias: conceito de família apresentado pelos participantes, como eles relataram a experiência vivida por eles em relação ao

preconceito e aos desafios da educação dos filhos. Ressalta-se aqui que na categoria família, nas duas últimas entrevistas, apareceu a importância da figura paterna na configuração e estrutura familiar. Embora essas sejam as categorias eleitas, não se pode deixar de mencionar a relevância de todo o conteúdo das entrevistas para a discussão sobre o tema.

A análise se torna desafiadora, pois é possível, ao relacionar a falas dos participantes de diferentes configurações familiares, realizar uma compreensão mais aprofundada dos dados. O que aqui se apresenta são questionamentos na busca de esclarecer sentidos e significados do que foi dito pelos entrevistados. Questionam-se os dogmas e os mitos idealizados socialmente, isso sem deixar de legitimar o contexto histórico cultural. A unidade de registro utilizada neste estudo foram excertos retirados das entrevistas que serão apresentados a seguir.

Para isso, de maneira didática, as categorias mencionadas serão apresentadas e, no interior de cada uma delas, o conteúdo expresso pelos participantes por recortes de falas literais que instigaram a análise. Embora o conteúdo tenha sido colocado em categorias específicas não se tem a intenção de compreender os dados de modo isolados, pois os temas se inter-relacionam.

3.9.1. Família

A discussão sobre família é um dos nortes deste trabalho. Conhecer como os participantes vivenciam a realidade familiar como homossexuais e pais se faz relevante aqui. Conhecer por meio deles como compreendem o termo família, assim como lidam com os filhos diante dessa compreensão e como isso se apresenta nas falas destes participantes, bem como os desafios sociais dessa realidade, é o que se mostra nesta categoria.

Quando questionados sobre o conceito de família, Márcio e Cláudio expuseram uma concepção ampliada, pautada nas relações de afeto estabelecidas entre pessoas que não se limitam à relação consanguínea.

É um vínculo que na verdade representa, tem a representativa do amor, onde as pessoas, elas se unem, se dialogam, conversam, tem seus conflitos também, isso é natural e tem... (Márcio, 2019).

É o núcleo de pessoas não necessariamente consanguíneo né, mas de pessoas que se respeitam, que se amam, se preocupam umas com as outras. (Cláudio, 2019)

Karla e Brenda compartilham da defesa de Márcio e Cláudio, apresentando a concepção de família com base na união entre pessoas que se amam:

Família é a união entre pessoas que se amam. (Karla, 2019).

A gente entende como família uma união onde haja amor, principalmente em primeiro lugar, harmonia, ensinamento é.... de como conduzir uma formação, um caráter, é... é isso... (Brenda, 2019).

No caso de Fernanda e Luíza, além das relações de afeto, elas compreendem que o compartilhamento da vida com amor seja com pessoas ou animais também é considerado família:

Qualquer espaço que tenha, que tem amor, né? que tem compartilhamento de vida e de sentimento é, é considerado família. Então é isso, qualquer espaço, muitas vezes, tem gente com pessoa ou animal, fala que é “minha família”, às vezes mora uma avó e um neto é uma família. Então, é o contexto de uma convivência de sentimento, de amor, pra mim é isso. (Fernanda, 2019).

Após a realização da segunda e terceira entrevistas, percebeu-se a relevância em discutir o conteúdo relacionado à importância da figura paterna, representada por alguém do sexo masculino nas configurações familiares. Essa consideração aparece de maneira enfática nas entrevistas das duas últimas famílias. Uma das hipóteses consideradas, nesse momento da pesquisa, foi que a importância da figura masculina apareceu diante da predominância das mulheres na configuração das duas últimas famílias entrevistadas.

Karla e Brenda mesmo sendo lésbicas e descreverem família com base nas relações de afeto e união entre as pessoas, ao falarem sobre o motivo que as levaram a buscar um doador que elas conhecessem e convidá-lo a ser pai presente do filho – considerando importante a presença dele para que o filho se perceba em família – , parecem legitimar o referencial de família oriundo das experiências que obtiveram em suas famílias de origem heterossexuais. Dessa maneira, para ser considerado família, elas reproduzem o modelo aprendido, ou seja, para ser família é preciso haver pai, mãe e filhos.

Brenda mais do que eu achava que a presença paterna era muito importante, então resolvemos convidar um amigo, que é o João para formar essa família. Aí nós conversamos dois anos sobre educação, como seria a educação dessa criança, religião, sexualidade, é... vários temas a gente abordou, para saber se... se seria aquela pessoa mesmo. Dentre os amigos, ele foi o escolhido. (Karla, 2019).

E essa questão de família aí que eu quis realmente ter um pai, porque eu vim de uma família que... eu tive uma base muito sólida na minha família. Eu tenho

respeito pelo meu pai, pela minha mãe, com o meu pai eu aprendi determinadas coisas, com minha mãe outras. Os dois me fizeram, é.. né.. com a personalidade que eu sou... Então eu não conseguiria fazer uma coisa diferente né?... e a gente estudou, então, acho que o pai nesse contexto também é muito importante, pensando no nosso filho, para que ele tenha também essa referência. (Brenda, 2019).

Fernanda e Luíza, ao contrário de Brenda e Karla, optaram por doador anônimo e relataram que enfrentam dificuldade com a filha por não conseguirem lidar com a ausência da figura masculina paterna diante dos questionamentos que a filha faz. O primeiro desafio delas foi responder à filha sobre quem era o pai quando a criança começou a buscar referências de acordo com outras crianças que tinham pai e mãe.

Luíza considerou difícil até poder compreender melhor como lidar com a filha; Karla diz que, apesar do desafio, é necessário falar a verdade para que não sejam criadas fantasias na criança. Ela também relata que, em uma experiência diante de um processo de constelação, uma vez que ela também não conheceu o pai biológico, houve o alerta para que ela não transferisse a experiência considerada ruim para a própria filha; que ela pudesse ter cautela para não gerar em Patrícia uma relação negativa em relação à figura paterna.

Tem umas pegadas, assim, punk...[risos] tipo ela [a filha] disse que queria um pai...(Luíza, 2019).

É um desafio todo dia, é muito novo, né? (Fernanda, 2019).

Você nem tem que pensar muito, se for pensar em todos os questionamentos, nem teria ela, porque é uma caixa de surpresa até quando ela questionava tinha 2 anos de idade. Assim, foi difícil pra nós até entender também... (Luíza, 2019).

E assim, mas então... eu não vejo dificuldade, eu penso diferente, eu não vejo muito mais problema nisso tudo, eu acho que pra mim é natural, e é saber falar sempre a verdade, é sempre a melhor opção, ser bem claro, sem esconder, sem falar pra ela, ah é assim fica cheio de dedo quando surge o assunto, igual a gente tá falando aqui na frente dela numa boa. Porque quanto mais dedo, mais tabu ce põe no assunto pior fica. Então quando ela... ai ce dá uma travada quando tem esse tipo de questionamento mas... calma, não mas porque é assim, eu falei. A gente trabalha de maneira diferente também com a questão de ter pai. Foi que eu constelei, e quando eu constelei, eu não conheço meu pai biológico, e na constelação eles me chamaram muito atenção: cuidado pra você não transferir, né, porque na constelação familiar mostra essas repetições de signo, pra você não criar uma relação ruim da Patrícia com essa figura paterna. E a gente falava: não, você não tem pai, hoje a gente trabalha diferente, a pesar da resistência. Da Luíza eu achei que ficou muito melhor, você tem pai, todo mundo tem! (Fernanda, 2019).

Karla e Brenda parecem ter idealizado um pai para o filho. Elas não só o escolheram, mas buscam gerar nele o desejo de estar mais presente do filho. Para elas, a razão de Joaquim ter um pai faz com que elas se sintam família, sendo necessária a presença desse pai. No relato das mães, João esteve em momentos presentes, mas também ausentes; elas se sentem responsáveis por garantir a presença do pai no convívio com o filho, criando situações que fomentem isso. Nesse sentido, questiona-se se o desejo de ser pai era realmente um desejo de João ou se esse desejo era simplesmente de Brenda e Karla.

Era assim, quando eu pensava a ideia do pai, eu falei...bem... eu tive que amadurecer isso. O desejo maior de ter filhos era meu. Ela foi trabalhando isso, então veio a figura do pai que ela queria, então tá... aí eu me preparei para esse pai, tanto que eu falei assim: “bem [Brenda] nós temos que nos preparar porque esse pai... Se vai ter um pai, é para ser uma família, para que ele esteja presente, tanto na educação... em tudo né?” Tanto que eu me preparei mais que ela eu acho para com esse pai. Tanto se ele quisesse muito esse filho ou não quisesse... Então nós já vivemos os dois momentos com o pai. O momento que ele quis muito estar presente e o momento que ele se afastou. Mesmo a gente se preparando, a gente sofre, né, com os dois. (Karla, 2019)

A gente sempre resgata ele, quando ele vai, quando ele arruma um namorado novo, a gente vai...oh... tenta resgatar. Agora a gente criou a quinta-feira pra ele pegar, pra ele passear com o Joaquim, a quinta do cinema, eles vão no cinema, eles vão fazer alguma coisa juntos... (Karla, 2019).

A gente vai criando...(Brenda, 2019).

Nós é que criamos a conexão deles, assim, seria melhor se ele fosse pra lá e ficasse distante né? [elas estão falando de que seria melhor se o pai fosse pra lá e ficasse distante do filho] mas agora ele está crescendo... como a gente já criou, já cativou, então ele quer saber: “que dia que é o dia?” Já teve um dia que era o dia de buscar, ele [João] não apareceu, não falou nada e foi o primeiro dia que eu vi ele [Joaquim] sofrendo, sabe? Chorava assim... aí ele fez uma transferência sabe? ai eu fui levar ele na natação e ele: você vai me abandonar também... se sentiu abandonado sabe? E foi triste pra mim, triste pra ele sabe? pelo menos ele conseguiu falar o que ele estava sentindo: “eu tô triste, você vai me abandonar também? Cadê meu pai? Liga pra ele, liga pra ele que eu quero falar com ele agora”. Eu ligava e ele não atendia, sabe, e [Joaquim] falava de abandono, falava de tristeza... Doendo... doía.. doeu sabe aquilo. (Karla, 2019).

Fernanda e Luíza, diante dos questionamentos da filha, compreenderam a importância de legitimar a figura paterna. Segundo elas, é importante reconhecer que todos têm um pai e que mesmo ela não tendo a possibilidade de conhecer esse pai poderia identificar os traços dele presentes nela, considerando que esses traços seriam os que ela possui e não a mãe. Fernanda e Luíza também compartilham com a filha suas origens familiares, dizendo que o doador é de família libanesa e que, portanto, ela carrega essa herança.

É... todo mundo tem pai, porque todo mundo precisa dessa referência, não tem jeito, ela não nasceu do nada, ela precisa dessa figura paterna. Mas eu explico pra ela que a gente pediu a “sementinha” pra ele, que a gente não tem como conhecer ele, é um lugar onde dá sementinha, o médico foi lá e ligou, passou a sementinha pra gente, pra gente poder ter ela, que a gente queria muito ter ela e eu e a mamãe Luíza não tem sementinha, porque precisa da sementinha do homem. E aí fica assim. E a gente vai trabalhando, quando ela queria ter um, você tem mamãe, você tem, mas você lembra mamãe, a gente não tem como conhecer ele. E eles me ensinaram também a psicóloga que fez, que me constelô, ela falou muito dessa questão dela visualizar essa figura paterna, dela olhar no espelho e falar: que é que parece com a mamãe, tem olhinho da mamãe, mas meu nariz não é da mamãe, então meu nariz é parecido com o do meu papai.(Fernanda, 2019).

Isso, e ela criar um vínculo com essa figura paterna, mesmo sem ela conhecer pra ter uma noção de origem, então tudo que eu posso falar do doador, assim ele é descendente de libanês, daí eu falo pra ela. [Quando Patrícia diz:] “mamãe eu quero ir no Líbano”, vamos? “meu pai mora lá?”, falei “não filha, papai não mora lá e a gente não tem como conhecer. Lá é a origem dele, né, a família, pode ser um vovô, alguém que mora lá mas a gente vai conhecer, combinamos de levar ela lá, sabe? Mas é pra ela ter um vínculo com essa origem porque todo mundo tem a necessidade de saber suas origens. Então, é desse jeito, é um desafio a cada dia e ela vai perguntando e a gente vai rebatendo o que dá pra rebater. (Fernanda, 2019).

As mães de Joaquim, mesmo diante de toda dificuldade com o pai, ao serem questionadas se fariam inseminação com doador anônimo, caso pudessem retornar ao passado, afirmam que não, mantendo a defesa da necessidade de um pai para Joaquim que ele pudesse conhecer e que, mesmo se esse pai não quisesse ter contato com a criança, elas poderiam afirmar sua origem. A escolha foi do pai, justamente por não ter tido convívio com ele. Karla e Brenda mantêm a decisão que tiveram em ter um pai conhecido e justificam-na com base nos desafios de outras amigas que optaram por doador anônimo e também por considerarem que a figura masculina, como função paterna, é o que legitima a família.

Eu acho que mesmo assim, eu trabalhei assim na minha cabeça e continuo: se essa pessoa, figura paterna não quiser, pelo menos eu iria falar assim: “você tem um pai, só que ele não quer estar com você. Ele preferiu ficar longe, o nome dele é tal, essa aqui é a família dele e tal”(Karla, 2019).

Mas hoje, eu falo assim: “teria de novo”, porque eu vejo as amigas que optaram por banco, assim, as crianças, pelas crianças, então pra nós, nós somos adultos e damos conta de enfrentar esse conflito, seja ele qual for... Mas mesmo assim eu acho que hoje eu acho que a Brenda estava certa em ter essa figura masculina, esse pai, esteja ele presente ou não. Baseado no que a gente vê com as crianças... o conflito que está é muito maior não ter, e falar você não

tem um pai. Como que não tenho um pai? eu acho que o conflito é maior do que hoje o que a gente vive. O que a gente vive hoje é... é passível de controle. Eu a todo momento achava que era importante, continuo achando e é... sou mais sonhadora, no sentido de ter mesmo uma família. (Brenda, 2019).

Ao falarem sobre a maneira como eles discutem família com os filhos, assim como o filho compreende família, os participantes relataram experiências distintas sobre como realizam os diálogos. Cláudio e Márcio descrevem que o filho chegou com a concepção tradicional de família e que eles, como pais, ao perceberem essa compreensão, apresentaram a ele outra configuração que não se limitava à figura de homem, mulher e filhos.

Em princípio, ele chegou com aquela visão da família tradicional: um homem, uma mulher e a primeira coisa que a gente fez foi apresentar um outro modelo que ele não conhecia. (Cláudio, 2019).
Família não está relacionado ao sexo das pessoas, aliás, nem ao gênero delas e, sim, a outro conceito voltado... pra isso que eu já falei né, que é a questão do respeito, do cuidado, da atenção, da forma. (Cláudio, 2019).

Karla e Brenda relataram que a discussão com Joaquim é feita de maneira natural e espontânea. Elas apresentam a ele a configuração da família a que ele pertence e se esforçam para que ele se orgulhe dela, não deixando de reforçar que a família dele é composta por duas mães e um pai.

Sempre, sempre fazemos questão de que ele tenha orgulho da nossa família, de que a nossa família é mamãe Brendinha, mamãe Karla, papai João... que a gente não mora todo mundo junto, mas que a gente está sempre juntos, passeando, viajando. A gente sempre procura viver momentos em família. (Brenda, 2019).
É muito natural na verdade, sabe assim a gente não fica falando “ah... fulano tem uma mãe, você tem duas”, sabe, é... a gente deixa isso vir dele, sabe, porque é natural...(Karla, 2019).

Fernanda e Luíza reforçam para a filha a diversidade familiar e orientam que família não se limita a homem, mulher e filhos, podendo ter várias configurações.

Pra ela, a gente ensina que família não precisa ser um homem e uma mulher ou só uma mãe. Na verdade, a gente ensina que tem todas as formas, tem caso que tem só mãe, tem caso que tem só pai, várias formas. (Luíza, 2019).
Várias formas de família, né? (Fernanda, 2019).

No contexto social, os participantes destacam que, dentre os desafios enfrentados por eles, há o imaginário social que é expresso pelas famílias heteroafetivas em relação às famílias homoafetivas como família promíscua. No entanto, Cláudio e Márcio ressaltam também que a dificuldade da legitimação das famílias homoafetivas não ocorre apenas no universo heteronormativo, já que até mesmo os homossexuais apresentam conflito diante do desejo de ter uma família construída através da conjugalidade e dos desafios acerca da responsabilidade em construir essa família desejada.

Na cabeça deles, uma família LGBT jamais seria o que nós temos aqui. A casa não seria como é. Na cabeça deles, gerava assim: “que uma família gay era um bordel”, sabe, uma coisa muito estranha. (Cláudio, 2019).

Eles acham assim, que a vida gay é uma vida totalmente um bordel. Que não existe seriedade nisso, e que a partir do momento que eles passam a conviver com gente. (Cláudio, 2019).

A visão deles até nos conhecer, até conhecer a nossa casa é totalmente tosca. (Cláudio, 2019).

Um dos maiores problemas que eu percebo hoje é que as pessoas, elas querem ter uma família, e estou falando do mundo LGBT mesmo, elas querem ter uma família, mas eu não sei se elas estão tão dispostas a enfrentar os desafios que uma família LGBT enfrenta... (Cláudio, 2019).

Durante a entrevista, Karla e Brenda relataram a dificuldade enfrentada por elas quando mudaram para o condomínio onde moram atualmente. Os pais de outras crianças que também residem ali proibiam seus filhos de entrarem na casa de Joaquim, pelo fato de ali habitar família de lésbicas com filho.

Mas os vizinhos aqui, antes quanto a gente mudou, os filhos aqui era território proibido, hoje está todo mundo aqui dentro. (Karla, 2019).

É... ah não pode ir... os meninos passavam aqui na porta e os meninos falavam: “ah sua casa é linda.... obrigada, vamos entrar... não, meu pai não deixa, me proíbe, me proibiu de entrar aí...”, [ela respondia:] “é mesmo? mas por quê?”... “Ah não sei, não entendo”, coitado... mas aí depois que vai nos conhecendo, vai... aí isso tudo cai... (Karla, 2019).

Sobre como é ter uma família homoafetiva, os participantes descrevem óticas distintas. A compreensão do que é ser família descrita anteriormente, em alguns momentos parece estar em desacordo com as respostas dos participantes. Para Cláudio e Márcio, quando questionados sobre os desafios de ser uma família homoafetiva, o casal descreve a família deles como perfeita. Para eles, a base dessa perfeição está relacionada ao diálogo estabelecido

de maneira constante. Os entrevistados apontam que a falta do diálogo é o que leva à destruição das famílias e que, nesse cenário, se torna difícil construí-las em boas bases.

Eu não sei, talvez da forma como a gente fala pra você, Roberdan, parece que é a família estrelinha... mas o pior é que é mesmo cara! (Cláudio, 2019).

As famílias, elas hoje são desconstruídas por falta de diálogo, por falta de externar o que pensa, e aí vai desembocar na escola, vai desembocar nos colegas. (Cláudio, 2019).

Inclusive a gente faz uma coisa aqui em casa, a gente faz DR, e a gente demora na DR, se tiver que demorar duas, três horas, aonde cada um de nós falamos sobre o grau de felicidade que nós estamos, de 0 a 10, imaginariamente, a gente faz um gráfico de 0 a 10, de qual que é seu grau de felicidade. Se tiver abaixo de 10 a gente vai discutir o que é que está pegando para quem não tá 10. (Cláudio, 2019).

Para Karla e Brenda ter uma família homoafetiva só pareceu ser possível com a chegada do filho e a realização da maternidade. Na resposta dada pelas participantes, o termo família passou a ter maior sentido após a chegada do filho, com a maternidade.

Uai.. é a realização assim completa de uma mulher, de quer ter um filho, gerar um filho ou não, mas ter alguém com quem você possa doar seus anos e o que você tem de melhor, né? Eu acho que é uma consagração assim, dessa plenitude, de realização, é... como mulher.. é isso...(Brenda, 2019).

Ter uma família, ter um filho, é hoje uma felicidade plena. (Karla, 2019).

E a gente é muito grata porque só quando se tem um filho é que se percebe assim... a gente passa a ter outra percepção do mundo, a gente passa a olhar as nossas mães com outros olhos e a gente melhora como ser humano, porque é alguém que está te espelhando, que está te olhando e que a todo momento copia você. Então é maravilhoso... me senti assim muito plena...(Brenda, 2019).

É isso aí, a gente assim, ressignifica muitas coisas, se reeduca porque ali você tem que dar excelente exemplo perto dele por que ele te copia mesmo, sabe? (Karla, 2019).

Fernanda e Luíza encaram como desafio ter uma família homoafetiva e relatam que, em algumas situações que precisam expor a configuração familiar a que pertencem, causa constrangimento ter que explicar essa formação. Todavia, independentemente disso, a família que elas construíram é como as outras, com todos os problemas e desafios semelhantes.

Desafio é isso! Eu tento não ver tanto problema em relação a isso, né? Igual eu falei, tento não ver tanto problema, mas é um desafio diário e, sim, muitas vezes a gente, eu me percebo ficando às vezes constrangida em algumas situações. Constrangida no sentido de, de falar, sabe? Porque ninguém fala hoje “oi, tudo bem? sou gay, tenho uma filha. Então, às vezes você vai falar, você dá uma...

parece fora do contexto da pessoa. Fala: “então, seu marido?”, “não... não tenho”, sabe, então [risos], mas aí você fica meio sem gracinha, né? Por isso que eu falo uma espécie de constrangimento, mas eu... é isso, eu não vejo tantos problemas, fora esse tipo de situação, eu não vejo grande problema, é uma família como outra qualquer... no mesmo contexto, ela, né, teve uma entrevista que a gente fez pra clínica que a gente teve ela, e eles perguntaram [e ela disse:] “é uma família como outra qualquer, cheia de problema, com briga..”. então é os desafios da vida, né, da homoafetividade, não é o que todo mundo passa independente de ter filhos ou não, no mais... (Fernanda, 2019). No mais é tudo igual...(Luíza, 2019). Desafio de qualquer outra família. (Fernanda, 2019).

Na atualidade, existem inúmeras tentativas de se conceituar família e quanto mais se busca chegar a um conceito específico sobre isso, mais esse propósito se distancia da realidade social atual. A família contemporânea deixou de ter uma configuração única restrita, formada por pai, mãe e filhos, assumindo outros formatos como dois pais e filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, mães e filho, só para citar exemplos. Chegar a um conceito sobre família é praticamente impossível; família deve ser vista no plural e não no singular.

As dimensões e proporções de diferentes personagens na composição da família abrem espaço para mais participantes, além dos já considerados pai, mãe e filhos. As configurações e estruturas familiares passam a coexistir de maneira a criar novos contextos e exigir da sociedade a necessidade de conviver com o diferente. Ela, por sua vez, não pode esquecer que as alterações na configuração social são resultado das práticas sociais pelos sujeitos que dela participam. A crise no modelo tradicional de família é decorrente do movimento dos próprios membros, uma vez pertencentes a esse modelo tradicional (Wagner, Tronco & Armani 2011).

Os participantes da pesquisa descrevem a família com base no que se pode chamar de estrutura familiar. A interação e dinâmica dos membros presentes na configuração são fatores que dão sentido em ser família. Afeto, atenção, cuidado e amor parecem ser elementos essenciais nessa construção.

O que legitima não só a família em contexto geral, mas também a família homoafetiva, segundo os participantes, são os vínculos e laços de amor. Horkheimer (1990), na discussão sobre autoridade e família, descreve a evolução do contexto familiar e suas alterações de acordo com o tempo cronológico e também diante das mudanças sociais. Para Horkheimer (1990), aspectos como a conquista dos direitos das mulheres, as mudanças de concepções construídas ao longo da história da relação matrimonial e familiar, que atribuía à mulher um ambiente de submissão, explicada por aspectos religiosos em punir Eva do pecado original, não mais se mantêm. São conquistas que vão acarretando mudanças sociais, como poder

escolher com quem constituir uma família, não sendo mais concebida a concessão de dote para isso. Há também a desconstrução das representações de gênero, no caso do feminino como responsável por afeto e cuidado com os filhos; do masculino por prover o sustento da família. O autor afirma que, apesar tudo disso, o amor romântico nascido no curso dessa regulamentação constitui um fenômeno social capaz de levar o indivíduo à oposição ou, até mesmo, à ruptura com o que a sociedade impõe como norma ou verdade.

É possível discutir família sob uma perspectiva de que o amor pode ser compreendido como a base para constituição de um projeto formativo emancipatório. É esse amor que leva o homem à formação da autoridade e que retira dele a vulnerabilidade para a reprodução da barbárie. O autor discute ainda a legitimidade da família. Para ele, não é o gênero, não é o sexo, mas sim o vínculo afetivo e o amor presente nas relações atuais que sobrepõem as tradições históricas sociais e garantem a denominação família (Horkheimer, 1990). Para Wagner, Tronco e Armani (2011), é necessário desconstruir a ideia de que a configuração determina a estrutura das famílias. “A forma como a família está configurada não explica o padrão de funcionamento no qual se estrutura” (idem, p. 23).

Nesse entendimento, as famílias entrevistadas conseguem ser contempladas. Mesmo com estrutura diferente do modelo tradicional, elas não deixam de possuir funcionamento próprio. Elas têm padrão de normas, regras e exigências entre seus membros. A maneira como cada membro interage nessas famílias e assume determinados papéis é o que a mantém e organiza sua estrutura. Os papéis exercidos por cada membro direcionam as funções paterna e materna e o responsável por ocupar cada um desses lugares. A pergunta acerca do pai, ou da figura paterna, permanece em discussão desde que Freud aos dias atuais.

Para essa discussão, recorre-se aos conceitos psicanalíticos para melhor compreender a dinâmica dessas relações. É pressuposto da teoria psicanalítica o papel estruturante do pai a partir a instauração do complexo de Édipo. No desenrolar das relações familiares, por meio dessa triangulação, formada por pai, mãe e filho, o sujeito se constrói e sai do estado de natureza para ingressar na cultura. Freud (1910), em *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*, afirma que na maioria dos seres humanos, tanto hoje como nos tempos primitivos, a necessidade de se apoiar numa autoridade de qualquer espécie é tão imperativa que seu mundo desmorona se essa autoridade é ameaçada. A importância da presença de uma figura masculina presente como pai fez com que Karla e Brenda buscassem João a fim de assumir esse lugar. Para elas, ter um homem na família legitimaria o ideário familiar e Joaquim poderia ter em João uma referência paterna; nelas, uma materna. Nesse sentido, elas parecem compreender que a função paterna e materna é exercida de acordo com o sexo

biológico. Essa representação pode estar relacionada às famílias de origem, na qual elas consideram importante a figura do pai, reproduzindo o modelo de família hétero patriarcal.

Para melhor compreender o movimento das participantes, é necessário evidenciar aqui qual o conceito de figura paterna e de materna foi utilizado para este trabalho. Há autores como Benczick (2011) que discutem a importância da figura paterna no desenvolvimento infantil, considerando que a função paterna precisa ser representada por pessoa do sexo masculino, podendo ser avô, tio ou qualquer outro adulto com esse sexo, desde que tenham vínculo satisfatório com a criança. Sob a compreensão de Benczick, Karla e Brenda encontram embasamento na preocupação em ter um filho com a figura do pai como alguém do sexo masculino. Contudo Zambrano (2007) alerta para os perigos de se fazer uma leitura equivocada dos conceitos psicanalíticos. Para a autora, a família hoje é pensada com base nos vínculos que ligam os indivíduos e podem se apresentar por meio de muitas outras configurações, as quais os psicanalistas terão que enfrentar e incorporar teoricamente para não ficarem à margem das mudanças.

Para a autora, é essencial que se amplie o significado do Édipo para pensar como os filhos de casais homossexuais passam pelo processo edípico e se constituem psiquicamente. Acredita-se que qualquer tipo de família possa construir uma estrutura triangular com funções simbólicas, independentemente do sexo de seus componentes, permitindo à criança a entrada na cultura e um bom desenvolvimento psíquico (Zambrano, 2007). Com base nessa compreensão, este estudo teve o cuidado para não transformar essas teorias sobre a importância do pai na construção da subjetividade em uma leitura rasa, capaz de gerar a diferença binária entre os sexos como precondição para o estabelecimento da capacidade simbólica. De acordo com Ribeiro et al. (2017), uma leitura descontextualizada da psicanálise poderia levar a conclusão de que é a pessoa real do pai masculino que vai realizar toda a função paterna necessária ao desenvolvimento do sujeito. Tal leitura pode desencadear dúvidas quanto às novas configurações familiares em satisfazer as necessidades da criação de indivíduos saudáveis.

É importante descrever que o contexto social no momento em que Freud inicia as discussões sobre funções paterna e materna era de famílias patriarcais e heterossexuais. Contudo isso não implica dizer que essas funções estejam relacionadas ao sexo, até porque mesmo sendo uma família heterossexual não se pode dizer que o homem exerce função paterna e a mulher materna. Essas funções estão no campo da dimensão simbólica. Dessa forma, pensando na realidade contemporânea, Ribeiro et al. (2017) defendem a necessidade

de desconstruir a função paterna, propondo substituir o termo para função terceira, por se tratar de função simbólica.

De acordo com Bion (1996), a função materna está pautada no imaginário responsável pelo suporte afetivo, proteção e segurança diante das angústias da criança. A função materna propicia um cenário para que a criança desenvolva. A função paterna está relacionada ao campo simbólico ligado às normas, leis e é responsável pela inserção dela na cultura. Esta tem a função de romper o vínculo afetivo simbiótico entre a mãe e o bebê, incluindo-se na díade enquanto um terceiro que, junto com a mãe, dá origem ao bebê. É o pai que guia a criança rumo a independência afetiva, que mostra a ela o limite que a distingue da mãe, ou seja, que ensina a criança a relacionar-se com outras pessoas (Gutman & Gaspari, 1996).

De acordo com Ribeiro et al. (2017), baseado na compreensão de Winnicott, para a criança ter contato com um terceiro é preciso autorização e introdução dessa pessoa pela mãe. Essa introdução é possível por meio da linguagem e só acontece pela legitimação e reconhecimento da mãe que permite, ou não, seu bebê vivenciar essa experiência. Formar um triângulo edípico freudiano, portanto, não é uma tendência natural, segundo esse autor, o que até mesmo poderá não acontecer. Isso só acontecerá se a mãe permitir a entrada do pai, que não necessariamente deverá ser uma figura do sexo masculino. Embora haja pai biológico, não necessariamente vai haver pai simbólico. Quando a mãe não permite a entrada do terceiro pode haver um estado de psicose, não havendo diferenciação entre mãe e criança. Nessa pesquisa, Karla e Brenda parecem ter convidado o amigo para uma questão biológica e embora relatem que o desejo era de que Joaquim tivesse um pai presente, essa figura de pai só poderia ser ocupada com a permissão da mãe. Todavia Karla e Brenda não parecem permitir essa entrada, buscando o controle e limitando a atuação desse pai para o processo de ruptura afetiva da criança com a mãe.

Fernanda e Luíza, mesmo não tendo optado pela presença de um pai biológico, perceberam, diante do questionamento da filha, a necessidade de trazer a figura paterna. É relevante pontuar que a necessidade, vinda da criança, de conhecer o pai se deu justamente pelo fato de que nem Fernanda nem Brenda conseguiram ocupar esse lugar. Mesmo não parecendo alcançar êxito nesse quesito, elas se abriram ao diálogo, permitindo que o pai biológico, mesmo sem se fazer presente fisicamente, faça parte da vida da criança. Elas utilizaram a estratégia de identificação da criança com essa figura paterna simbólica por meio do reconhecimento físico, relatando para ela as origens culturais da família do pai. As mães introduzem o pai, nesse sentido, pela linguagem, mesmo ele não estando fisicamente ali presente.

Percebe-se que embora não tendo o pai biológico presente, Fernanda e Luíza estão mais abertas a permitirem a inserção da figura paterna simbólica do que Karla e Brenda, que possuem, na família, o pai biológico presente. As mães de Joaquim parecem buscar, por meio da imposição, que João seja pai. No relato não fica claro que João tem o desejo real de exercer a função paterna; automaticamente ele não se torna capaz de ocupar esse lugar. Ao mesmo tempo, as mães parecem deixar de exercer a função materna e parecem ter dificuldade em articular esse “jogo” com a criança. Não serão elas querendo que João seja o pai do filho delas que necessariamente ele será.

Karla e Brenda ao idealizarem João como pai parecem se encontrar no campo imaginário a partir de uma espécie de fantasia que elas possuem, porém o imaginário não tem força para legitimar o papel do pai como tem o simbólico. Apenas por meio do simbólico, portanto, isso se torna possível. Nesse contexto, o não parece existir o campo simbólico nem para as mães nem para criança, tampouco para o pai. Na configuração da família de Joaquim, parece ser possível identificar Karla como a pessoa que exerce a função materna. Contudo a função paterna não parece estar clara se está sendo exercida por Brenda ou por João.

As noções de regras, normas, limites e articulações que inserem Joaquim na cultura não ilustram ter sido trazidas por João, porém não é possível identificar se isso é feito por Brenda, por Karla ou pelas duas. O que parece obscuro para elas é o mesmo que parece não estar claro para a criança. Quanto mais as mães tentam fazer com que João se sinta ocupando esse lugar de pai, mais confusa parece ficar a ocupação desse lugar para a criança. Pode acontecer de a criança, sim, eleger uma delas como pai e quem ocupar o lugar de mãe não permitir isso, aguardando o retorno e posicionamento de João, provocando confusão na criança. É salutar mencionar que, embora elas desejem João como pai, o único pai que existe para Joaquim só pode ser um pai simbólico e este independe de sexo.

O imaginário das famílias heteronormativas, conforme relatado pelos participantes, soa não permitir às famílias homoafetivas a possibilidade de construir uma estrutura familiar baseada no respeito e amor. Ser família homoafetiva parece ser sinônimo de família com estrutura sem valor e até promíscua. Das famílias entrevistadas, a de Cláudio e Márcio possui a particularidade de ter o filho adotado já com uma preconcepção de família. Bruno, embora ainda não apresentasse concepções sobre o que era uma família homoafetiva, chegou para aos pais com um entendimento sobre configuração familiar diferente da família que o adotou. Cláudio e Márcio, ao assumirem a responsabilidade parental, comprometeram-se também com a responsabilidade de auxiliar o filho no processo de socialização. Mostrar a ele outra possibilidade de configuração familiar foi necessária.

Não menos importante, os filhos das demais famílias, embora nascessem em um lar de pais homossexuais, no processo de contato com outras crianças e na necessidade de compreenderem as diferenças provenientes disso, também exigem dos pais explicação sobre a composição familiar a que pertencem. Para Minuchin (2009), o subsistema parental é um laboratório de formação para os filhos no processo de inserção na sociedade. O autor citado descreve a necessidade de os filhos terem que aprender a negociar condições de poder em contextos de desigualdade. Cláudio e Márcio ao mostrarem para o filho outro modelo de família, assim como Karla, Brenda, Fernanda e Luíza ao apresentarem para os filhos a configuração da família que eles estão inseridos, também começam a prepará-los para os desafios da socialização.

Lidar com situações diversas na sociedade pode levar a família a ter que buscar alternativas e recursos para conseguirem manter uma boa estrutura. No caso das famílias pesquisadas, os pais parecem ter um ideal de família presente. Para que esse ideal seja alcançado, deve existir normas e regras rígidas para uns enquanto que para outros o processo acontece de maneira espontânea e natural. De acordo com o relato dos participantes, além de orientar o filho, o diálogo parece ser a principal ferramenta para o sucesso; a ausência dele pode levá-la à destruição. A família de Cláudio e Márcio se autodetermina perfeita com base no diálogo estabelecido por eles. Existe como regra nessa família a chamada Discussão de Relação – DR – como condição fundamental para o equilíbrio e sucesso familiar. Minuchin (2009) descreve como regras a maneira como cada subsistema se organiza, ou seja, quem participa e como se dá essa participação na dinâmica familiar, podendo ser elas explícitas ou implícitas.

A maneira como os participantes relatam faz possível perceber o desejo da manutenção da família e o alcance do sucesso dessa família quando se fala em legitimação. Diante disso, eles apresentam, de forma convicta, que têm uma família perfeita. No contexto descrito por eles, outras reflexões emergem: a rigidez mantida nos ensinamentos, a imposição da avaliação diária através da DR e a necessidade de discussão sobre qualquer insatisfação quando a nota dada na avaliação da satisfação familiar for menor que 10, pode também ser pensado como necessidade de ser sempre o melhor em tudo que faz, para assim poder enfrentar os desafios lá fora. Parece que é necessário estar sempre feliz e forte para poder lutar contra todos que por algum motivo possam ameaçar essa felicidade. Isso não significa negar a importância do diálogo. Reichert (2011), na discussão sobre educação de filhos, destaca a importância do diálogo e a necessidade de se criar um clima de afeto e apoio, além de

estimular os filhos no processo de tomada de decisões. O que se questiona diante do resultado da entrevista é a rigidez e o alto nível de cobrança no percurso de diálogo com o filho.

Para Joaquim, as mães buscam por meio não só do diálogo, mas também por outras linguagens, que ele compreenda melhor as coisas a sua volta. Multiparental é o termo utilizado pelas mães para explicar para Joaquim o fato de ele ter duas mães e um pai. Segundo as mães, foi adotado por elas um livro com fotos ilustrativas que retratam a diversidade das famílias, além de elas participarem de encontros com outras famílias homoafetivas com filhos, para que Joaquim possa se reconhecer e se sentir legitimado nesse contexto. Em tal cenário é possível compreender a discussão proposta por Reichert (2011) quando discorre sobre educar para a autonomia.

No processo de apresentar ao filho a diversidade familiar por meio do diálogo, material didático, contato com outros ambientes e pessoas fora do ambiente familiar, as mães buscam assegurar a sobrevivência do filho e garantir-lhe crescimento e socialização. Todo processo que possibilite crescimento e independência do sujeito, que preserve a ligação deste com a família e a sociedade e que, ao mesmo tempo, permita independência leva esse indivíduo à autonomia (Reichert, 2011).

3.9.2. Preconceito

O preconceito, no primeiro momento deste trabalho, foi pensado sob o olhar dos professores para as famílias. Nas entrevistas, essa categoria emerge com intensidade nos relatos das experiências dos pais e filhos não só no contexto escolar mas também no social. Compreender a vivência do preconceito desses pais e mães permite conhecê-los melhor como família, entendendo a maneira como lidam com essa realidade.

Nas questões respondidas pela família de Cláudio e Márcio em relação à vivência do preconceito, o casal reconhece que ele em relação às famílias homoafetivas existe. Todavia, o casal não se percebe vivenciando-o.

Não é fácil no meio dessa sociedade tão rebuscada de preconceito, de discriminação, você permear pela ideia de inserir uma família de dois barbados e uma criança. (Cláudio, 2019).

O desafio de uma família homoafetiva ela é muito grande, apesar que nós somos muitos tranquilos. A gente não tem problemas relacionados a ser uma família homoafetiva. (Cláudio, 2019).

/Se você perguntasse hoje: se vocês já enfrentaram dificuldades familiares por ser família LGBT, não. Nós nunca tivemos nenhum problema por ser família LGBT. (Cláudio, 2019).

A gente ouve muito, muita a questão de preconceito e discriminação mas gente nunca, a gente não tem assim, um desafio de ser família LGBT. (Cláudio, 2019).

Situações de preconceito também foram vivenciadas pela família de Karla e Brenda. Segundo elas, uma mãe no grupo de *whatsapp*, ao ficar sabendo que o filho dela iria estudar com o filho de uma família homoafetiva, solicitou à escola que trocasse o filho de sala.

Então... não foi diretamente, mas a gente ficou sabendo no início do semestre os grupos de mães, né? no whatsapp, aí é uma mãe entrou no grupo e tal e logo ela anunciou que na primeira semana de aula, anunciou que a filha ia trocar de sala... aí o povo, ah pena... não sei o que... tal tal tal... aí uma das mães, que é uma pessoa muito bacana, que quando ela ficou sabendo que o Joaquim tinha duas mães e um pai, ela ficou feliz porque falou assim: nossa que bom que minha filha vai ter contato com essa família e com o Joaquim, ela vai ter a oportunidade de conhecer mais o mundo como é que está e ter acesso essa família né? Me deu um abraço, e ela é feminista essa mãe, e essa mãe é bem bacana... e aí ela, essa pessoa... (Karla, 2019).

Essa outra mãe...(Brenda, 2019).

Essa outra mãe que tirou, mudou a filha de sala, chegou nela... por acaso, mas porque você mudou? [a mãe simpática perguntou para outra mãe que tinha trocado a filha de sala]... Ah... lá tem uma família lá que é gay né? o menino tem duas mães... não dou conta disso não, não tô preparada, eu não quero que meu filho tenha contato tão cedo com essa família e eu não estou preparada... [resposta da mãe que trocou de sala]... ela [mãe simpática] falou assim: então era a oportunidade para você se preparar e preparar seu filho e “descascou” essa mulher, sabe então... ela nos contou que foi isso, por isso que ela tirou a filha da sala, pediu para trocar a filha de sala, por conta disso... não foi diretamente, eu sabia quem era a pessoa, e... mas fiquei sabendo que aconteceu isso...(Karla, 2019).

Para Fernanda e Luíza, o preconceito teve início na própria família extensa da filha. Primos e coleguinhas questionaram o fato de ela não ter pai. Situações como essa, segundo as mães, geram constrangimento na filha, fazendo com que ela se comporte em alguns momentos negando a existência de uma das mães.

O primeiro bullying que ela sofreu foi dentro da minha própria casa, foi do meu sobrinho: “ah, você não tem pai...”! Ai eu cortei na hora, corrigi meu sobrinho e tal, corrigi da seguinte maneira: ela têm 2 mães, você só tem uma, e aí? Eu quero ter 2 mães! Eu falei: tá vendo, você só tem 1! Azar o seu [risos]. (Fernanda, 2019).

Tem situações que a gente tá junto ela vem chamar só a Fernanda de mãe. (Luíza, 2019).

E ela perceber que tá constrangida...(Fernanda, 2019).

No parquinho do prédio, ela não gostava que estivesse nós duas, ela queria uma ou a outra. Pela dificuldade de falar das duas mães, aí... mas, melhorou, acho que vem melhorando. (Fernanda, 2019).

Os pais de Bruno relatam não perceber o preconceito advindo da escola, de amigos e da sociedade em relação ao filho. Para os participantes, o filho é seguro do lugar que ocupa na família. Em outro momento da entrevista expressam a preocupação do filho poder vivenciar situações de preconceito e relatam que ele, diante da tentativa dos pais em saber tudo que acontece na escola, considera-os extremamente protetores.

Então a percepção que a gente tem é de uma pessoa extremamente, tranquila, não tem problema quanto a ter... não tem nenhuma observação quanto a ter uma família LGBT. (Cláudio, 2019).

A gente não tem esses perrengues que eu tenho outros amigos que têm criança, que adotaram crianças, eu vejo os perrengues que eles passam, mas eu creio que o maior desafio é dentro da sua casa, porque se você preparar o sujeito para encarar os problemas lá fora, ele vai estar forte, ele vai andar de cabeça erguida. (Cláudio, 2019).

Ele tem uma autoestima muito elevada, então assim ó, pra ele a gente fica com super protecionismo e eu sou pai coruja, galinha choca, sou mega protetor, e assim, eu quero saber tudo que ocorreu na escola, e uma das coisas que eu fiz ele prometer que se ele fosse discriminado de alguma forma eu queria saber, e não é pra esconder. (Cláudio, 2019).

Mesmo considerando tranquilo e natural, no discurso apresentado pelas mães de Joaquim, o preconceito se faz presente em outras áreas sociais. As participantes mencionaram a dificuldade de encontrar uma igreja para batizar o filho quando nasceu, uma vez que as igrejas recusavam conceder esse sacramento pelo fato de a criança ser filho de um casal lésbico.

A gente encara de uma forma tão tranquila e natural pra nós que a gente pensa que é natural para todas as pessoas, e às vezes a gente esquece que a gente...(Brenda, 2019).

Tivemos um preconceito na época do batismo, que não foram todas as igrejas que queriam nos aceitar né? nós encontramos uma igreja do Padre Alcides, que foi a que nos recebeu e falou: venham porque todos são filhos de Deus. Porque a outra igreja queria certificados...(Brenda, 2019).

As mães de Patrícia temem diante da possibilidade do preconceito no futuro da filha quando ela estiver vivenciando fases da socialização com outros grupos e famílias, assim como também já começaram a buscar escolas cuja fundamentação é mais aberta à diversidade

para que a filha possa estudar. Nessas falas, percebe-se a insegurança e o receio do que a filha possa vir a enfrentar diante da sociedade por fazer parte de uma família homoafetiva.

Tenho muito medo é na fase que ela começar a dormir na casa das colegas, e as colega começar a perguntar, sabe? E os pais... (Fernanda, 2019).

Então, eu não queria de jeito nenhum que ela fosse pra lá, queria, inclusive, que ela fosse pro logosófico. Não sei se você conhece, logosófico tem uma pegada espiritualista que fica pra lá, a escola não tem nada a ver, e... eu falei, não, vamos pro logosófico que eu acho que tem um equilíbrio melhor, e só que eu não consegui vaga, e ela foi pra essa escola que é perto de casa. (Fernanda, 2019).

É até uma escola católica...(Luíza, 2019).

Mesmo tendo relatado o medo e a insegurança de possíveis ataques de preconceito contra o filho, os pais de Bruno, num primeiro momento, contam que não vivenciaram preconceito. Mesmo tendo dito isso, mencionam que perceberam a dificuldade de uma professora da primeira escola que o filho estudou em lidar com o tema homossexualidade. Segundo eles, a professora passou e enviar textos bíblicos voltados à afirmação de família segundo Adão e Eva como tarefa de casa para o filho.

Nessa nova escola não, ele está lá há três anos, nessa escola zero, nunca tivemos. Na outra escola nós tivemos. (Cláudio, 2019).

A não ser um problema com uma professora que começou mandar muito texto sobre Adão e Eva pra gente. (Cláudio, 2019).

A forma de discriminação dela nunca foi assim aquela discriminação direta. (Cláudio, 2019).

A gente começou perceber que estava vindo muita tarefa voltada para Bíblia, e... falando de Adão e Eva, Salmos que eram encaminhados e tal. (Cláudio, 2019).

As realidades descritas pelo Cláudio e Márcio diante das atitudes de uma professora os levaram a relatar outro fato percebido por eles como discriminação. Eles receberam uma notificação do Conselho Tutelar, realizada de maneira anônima no disque 100, acusando-os de maus-tratos em relação ao filho. Os pais, mesmo sabendo que a denúncia foi anônima, diante do teor pedagógico percebido por eles relacionam a acusação à professora.

De repente um dia nós estávamos aqui em casa e chegou a mensagem do conselheiro tutelar dizendo que tinha uma denúncia, um denúncia no conselho relacionada a nós dois. E aí a gente ficou uai, então queremos saber do que se trata. É... a denúncia era bem pedagógica. (Cláudio, 2019).

Marquei e fui na escola, levei a denúncia lá, chamei a diretora e falei: olha, olha, nós recebemos essa denúncia, e eu só não vou afirmar e reafirmar que foi

a sua professora porque, é.. eu não vi e ela não se identificou, porque foi pelo disque 100. (Cláudio, 2019).

E posteriormente veio a polícia civil, do DPCA que trata do estatuto da criança, veio também. (Cláudio, 2019).

O foco dela era dismantelar a família, era mais ou menos isso, então ela articulou uma situação ali... só que não era a escola, era uma professora, evangélica que tinha isso e tal... (Cláudio, 2019).

Dificuldades com professoras também foram vivenciadas na família de Karla e Brenda. Segundo elas, o filho apresentava dificuldade com uma delas. Para as mães, a professora, de maneira velada, expunha atitude de preconceito e discriminação. Elas compreenderam que essas atitudes se davam pelo fato de ela ser homofóbica como mostra o excerto a seguir:

Joaquim está na escola desde um ano e dois meses e tem essa professora, ele não gosta dela, tem uma coisa, ele vai pra escola e diz... “ah eu não quero ir, não quero ir”. Eu falei, gente, tem alguma coisa, a professora é simpática, é uma das professoras mais velhas da escola, ela é jovem, mas já está há vinte anos na escola. Ele estuda no Inter América. Eu falei, tem alguma coisa, aí tá, a primeira vez que a gente recebe um, um cartãozinho no dia das mães, e desde um ano e dois meses na escola a gente sempre recebeu dois, tudo era dois que ele fazia. Aí eu falei, não é nosso né? Aí na reunião pedagógica eu falei com a professora, ela ficou um pouco vermelha, mas ela nem se.. pediu... ai.... achei muito falsa e falei pra Brenda: “Brenda, essa mulher é homofóbica, é difícil para ela lidar com isso”, e o Joaquim sente, e ele não aceita ela, ele prefere a auxiliar, ele tem um carinho pela auxiliar, pela outra, mas por ela, ele... ele fala que ela grita, ele vive falando coisas, sabe? Ele já levou para coordenação e tal, mas... não tem nada a fazer, né?... e eu senti, eu sinto uma falsidade nela tão grande, sabe? que eu acho que tem... (Karla, 2019).

As mães de Patrícia relataram que não perceberam preconceito vindo das professoras. Para elas, as situações de preconceitos aparecem nos grupos de *whatsapp* da escola:

Eu não falo na questão, eu não sei se é preconceito, é que a pessoa às vezes, quando a gente fala sobre família, né? Eles mandam alguma coisa no grupo, faz alguns comentários, né? Às vezes a Fernanda até me segura “olha não fala nada”, porque eu fico indignada com algumas coisas, porque às vezes é preconceituoso, mas a gente não fala nada porque é família, não pode questionar muito....(Luíza, 2019).

Cláudio e Márcio falaram sobre o receio que possuem em relação ao filho diante das possíveis acusações, críticas ou piadas. Mesmo ao afirmarem que não percebem

discriminação sofrida pelo filho, apontam a discriminação pelo fato de dois homens criarem uma criança. Eles dizem que simulam possíveis situações pelas quais o filho pode passar, preparando-o, caso isso aconteça.

Mas eu não acho que esse contexto seria voltado para o Bruno, seria na visão da professora não aceitar dois homens viverem juntos. (Márcio, 2019).

Esse formato de família, aquela velha história que a gente sabe, arcaica, que a gente sabe das pessoas acharem que Deus criou a família do ponto de vista que eles entendem. (Cláudio, 2019).

“Filho, houve alguma, algum tipo de preconceito, de discriminação relacionado a sua família? relacionado à questão dos seus pais ser gays?” (Cláudio, 2019).

Mas eu perguntava para ele assim: “se alguém chegar e falar, por exemplo, você tem dois pais ‘gayzinhos’, o que você vai fazer? qual vai ser sua postura diante disso?” (Cláudio, 2019).

Fernanda e Luíza mencionam a dificuldade de se sentirem pertencentes nas famílias de origem como casal quando comparam a maneira como os membros da família tratam outros casais héteros que fazem parte do mesmo contexto familiar:

Na minha família, também, a visão que eles têm do casamento homoafetivo não é a mesma visão do casamento heterossexual. (Fernanda, 2019).

É assim ó: meu cunhado não pode separar o quarto, mas a gente pode ou dividir o quarto, mas a gente pode dividir o quarto... (Luíza, 2019).

A ideia de poder enxergar a gente como um casal é mais difícil, sabe? Então, querendo ou não, é uma maneira de preconceito, [Fernanda se questiona] se sento assim? [ela responde para ela mesma] não!, melhorou muito, mas já senti antes, alguns anos atrás. A dificuldade de viver assim, se vai levar, vai falar o quê? Que é amiga? Sabe, essa coisa...[risos] a gente tem filho... (Fernanda, 2019).

Diante dos mitos criados pela sociedade sobre a realidade de duas pessoas do mesmo sexo criarem uma criança, os participantes relatam que, diante de questionamentos como filho de gay ser também gay, eles respondem dizendo que são gays e que são filhos de héteros. Nesse cenário, a maneira como a escola lida com o tema homossexualidade, para os participantes, pode também estar relacionada a preceitos religiosos. Eles mencionam escolas com filosofias cristãs evangélica, católica e espírita.

Cláudio e Márcio atribuem ao fato de serem aceitos e não sofrerem discriminação na escola atual que o filho frequenta porque essa instituição é assentada em filosofia espírita. Para os participantes, aceitação assim não ocorreria em contexto de escola evangélica, por exemplo.

Mas, na verdade, a intenção era porque ela não nos conhecia, a ideia era a notícia chegasse até aqui que a criança era criada por dois homens. (Márcio, 2019).

Eles acham: “ah, aquela velha história, filho de gay vai ser gay”, e às vezes a gente fala mesmo, nós somos filhos de héteros e mesmo que fosse. (Cláudio, 2019).

Olha, lá nessa escola eu não sei se você tem algum conhecimento sobre a visão espírita da homossexualidade, mas a própria escola já trabalha isso com os professores, foi assim uma graça do universo, a gente ter...(Cláudio, 2019).

Então, eu acredito que não seria a mesma realidade de uma escola evangélica. Nessa escola, a visão dos professores relacionada à homossexualidade é uma visão bem tranquila, eu acredito que por ser de uma filósofa que não discrimina: filosofia espírita. (Cláudio, 2019).

O olhar para o preconceito permite buscar compreender as diferentes perspectivas do comportamento social e do próprio sujeito na sociedade diante do estranhamento e daquilo que ele considera ameaçador. O conteúdo que assegura o preconceito daquele que o pratica perpassa pela construção social e pelo lugar de fala nesta sociedade.

De acordo com Crochik (1996), o preconceito é construído socialmente; a sociedade o manifesta no próprio processo de socialização do sujeito. As relações sociais dos considerados preconceituosos se agrupam em categorias que indicam a classificação dos indivíduos, dificultando a experiência individual diante do coletivo ao qual o sujeito se identifica.

Os entrevistados reconhecem viver em uma sociedade que manifesta o preconceito em relação aos homossexuais e às famílias que possuem essa configuração. Para Adorno e Horkheimer (1986), o objeto de preconceito já está previamente estabelecido e definido no imaginário coletivo. O conflito está presente naqueles que já conceberam as ideias preestabelecidas pela sociedade antes mesmo que eles poderem entrar em contato com o objeto a ser analisado. Qualquer tentativa de aproximação a esse objeto, mesmo que possa ter conotação positiva ou até prazerosa, são evitadas diante do estereótipo para que o preconceito se mantenha. Nesse entendimento, não é necessário que o sujeito tenha tido necessariamente experiência com o objeto para que o preconceito exista.

Embora os pais relatem que não se percebem vítimas de preconceito na sociedade atual, eles expressam a preocupação de o filho vir a sofrê-lo, já que a criança tem pais homossexuais. Segundo Crochik (1996), o estereótipo presente no preconceito não está relacionado diretamente ao objeto, mas ao que pensam sobre ele ou ao contexto que ele se encontra. As compreensões que recaem sobre esse objeto não se fazem totalmente dele

independentes, mas provocam, sim, a distorção da percepção desse objeto e do contexto em que ele está inserido.

Em certos momentos, alguns dos participantes parecem negar a existência de preconceito direcionado a eles. Ao falarem sobre a percepção e vivência do preconceito enquanto família, eles relatam a experiência com uma professora na primeira escola em que o filho estudou, apontando o fato de pais que proíbem os filhos de ter contato e frequentar a casa de uma família *gay*. Nesses relatos, é importante destacar que Cláudio e Márcio, diante de uma denúncia junto ao Conselho Tutelar, realizada pelo disque 100, de maneira anônima, mesmo não tendo certeza de que a denunciante tenha sido a professora, acusaram-na. De forma semelhante, Karla e Brenda atribuem a dificuldade do filho na relação com a professora pelo fato de ela ser homofóbica, mesmo não tendo convicção disso.

As queixas de Cláudio e Márcio sobre a professora se expressa diante do incômodo deles ao receberem textos de cunho religioso que ilustravam a família com base em Adão e Eva. Diante da denúncia que receberam, os pais mencionaram a professora como possível responsável por isso, uma vez que essa denúncia tinha teor pedagógico e a professora ensinava com base em ideias bíblicas. Não muito distante das acusações de Cláudio e Márcio estão também as acusações de Karla e Brenda. O fato de Joaquim se queixar da professora, o fato de ela não manter o mesmo padrão de confecção de bilhetes a ser enviado às mães no dia das mães para as duas, como em anos anteriores, sendo enviado a apenas uma delas, levaram-nas a acreditar que a professora era homofóbica.

De acordo com Allport (1954 apud Pinheiro 2011), o preconceito está relacionado ao pensar de maneira negativa sobre o outro, sem saber como realmente esse outro é. A partir dessa compreensão, questiona-se a acusação dos pais em relação às professoras. Tal ação pode, então, ser entendida como preconceituosa ao acusá-las sem provas, atribuindo a acusação ao fato de elas trabalharem com ensinamentos religiosos e metodologias diferentes das professoras anteriores.

É possível perceber as generalizações voltadas ao homossexual quando a atos preconceituosos. A sociedade cria estereótipos como se todos os homossexuais fossem promíscuos e que o lar de uma família homossexual se assemelha a um bordel, conforme colocado pelos participantes. Essa mesma perspectiva pode ser vista sob outro olhar, quando os pais homossexuais atribuem a mesma ideia generalizadora às professoras; ao relacionarem o preconceito percebido por eles vindo delas – ser uma professora evangélica e que trabalha tarefas com embasamentos bíblicos –, os participantes expõem um silogismo em que: todo evangélico discrimina *gay*; a professora sendo evangélica, logo, discrimina *gays*. Crochik

(1996) chama atenção para a atribuição de um mesmo comportamento a todas as pessoas que integram um grupo, sendo isso preconceito.

Aspectos religiosos aparecem para os participantes como forma de justificar o preconceito. Na experiência escolar do filho, os pais de Bruno enfatizam que se sentem acolhidos como família na escola atual, uma vez que essa instituição trabalha com base na filosofia espírita. Para eles, situação semelhante não aconteceria em escola de base evangélica. A convicção com a qual isso é relatado permite questionar essa rigidez, quer em relação a base que sustenta a escola, quer em relação a conduta dos evangélicos.

A experiência vivida por Fernanda e Luíza contraria as afirmações enrijecidas de Cláudio e Márcio; embora elas, num primeiro momento, buscassem uma escola com fundamento espírita a partir da mesma justificativa de Cláudio e Márcio, acabaram matriculando a filha em escola de preceito católico por falta de vaga. A experiência nessa escola as surpreendeu porque essa instituição acolheu criança e família. Isso só foi possível ser entendido a partir da experiência vivenciada por elas no ingresso da filha em escola católica. Crochik (2006) explica que estereótipos presentes na cultura podem ser responsáveis pela rigidez na determinação das coisas, instituições e pessoas. Goffman (1988 apud Pinheiro, 2011) aponta que tais estereótipos podem ser compreendidos também como estigmas, estendendo isso ao contexto religioso, entendido como formado por grupo de pessoas com práticas semelhantes. “O estigma só pode ser compreendido na relação entre quem o elabora, formulando uma concepção depreciativa sobre o outro, e quem o recebe, que seria o estereótipo” (Goffman, 1988 apud Pinheiro 2011, p. 218).

3.9.3. Educação

Em relação ao contexto escolar do filho, Cláudio relata que, num primeiro momento, eles temeram desafios, mas com a vivência perceberam que o segredo é preparar o filho em casa para enfrentar o mundo fora dela, no espaço escolar:

Se você não educar seu filho, alguém vai educar... e por aí vai...(Cláudio, 2019).

Então assim... os desafios foram grandes, só que a gente... depois a gente percebeu que é muito fácil, desde que você prepare o seu filho para viver dentro desse contexto. (Cláudio, 2019).

Para Karla e Brenda a primeira dificuldade a qual elas se depararam foi na elaboração de documentos para matrícula do filho na escola. Neles os espaços a serem preenchidos contemplavam apenas famílias em configuração heteroaferiva. Diante disso, elas solicitaram à escola que substituísse o campo pai e mãe por filiação.

Inclusive documentos assim que quando ele chegou não tinha o campo das duas mães, mas hoje em dia é como o documento, o RG, né? hoje é filiação. Então a gente deu o feedback para escola utilizar filiação. (Karla, 2019).

Esse ano foi o primeiro ano que veio certinho, veio o documento que tem as duas mães e o pai, profissão das duas mães; porque, assim, era um campo pras duas... mãe, aí a gente tinha que botar mães, ficava espremidos nossos dados lá né? Esse ano já fizeram um documento novo. (Karla, 2019).

Veio filiação...(Brenda, 2019).

Dentre os desafios mencionados, estão os padrões pensados pela escola quando se trata de cabeçalho de tarefas escolares e datas comemorativas. Os pais de Bruno relatam que o filho questionou à escola o fato de ter que preencher o cabeçalho de uma atividade que não tinha espaço para colocar o nome dos dois pais. Na atividade foi solicitado que colocasse o nome do pai e da mãe. Na celebração do dia das mães, a escola criou um mural no qual as crianças tinham que colocar o nome da mãe. Segundo os pais, o filho não se sentiu contemplado nesse mural como os demais colegas, filhos de pais héteros.

A professora pediu para colocar lá em um trabalho lá, para colocar o nome do pai e da mãe, ele [Bruno] pediu para que a professora retirasse o nome da mãe, porque ele não tinha mãe, ele tinha dois pais. (Márcio, 2019).

Num desses casos, no dia das mães, é... tinha lá os coraçõezinhos lá no mural, e aí ele falou: “olha...”, ele conversando com uma colega, ele falou: “mas aqui tá pedindo para colocar a mãe”. A colega dele falou assim: “coloca o nome dos seus pais, coloca lá uai...”, ele escreveu meu nome e do Márcio e colocou lá no meio lá do mural. (Cláudio, 2019).

Na escola de Joaquim existe o dia de comemoração da família. Mesmo na tentativa de não se comemorar especificamente o dia dos pais e das mães, a escola não deixa de mencionar o dia das mães e dos pais, até porque essas datas estão presentes no contexto social e são reforçados pelo comércio. No entanto, a escola enfatiza essas comemorações com apresentações no dia da família:

Por exemplo, no dia das mães a gente sempre... na escola do Joaquim não se comemora o nem dia das mães, nem o dia dos pais, é o dia da família... aí só que é assim: faz uma coisinha para o dia das mães, dia dos pais, mas não tem

aquele evento que o pai vai lá na escola, só o dia dele, o dia da mãe...(Karla, 2019).

É porque, geralmente, todas as escolas têm assim: dia dos pais, tem apresentação das crianças para os pais; dia das mães, tem a apresentação das crianças para as mães...(Brenda, 2019).

Lá não tem, lá não tem isso. (Karla, 2019).

No dia da família, tem uma apresentação para as famílias...(Brenda, 2019).

Fernanda e Luíza relatam que, embora saibam que existem escolas que atualmente comemoram o dia da família, na escola de Patrícia ainda se mantém a comemoração do dia das mães e dos pais. Embora essas comemorações ocorram, as mães consideram que a escola consegue lidar bem com a diversidade:

Mas na escola, acho que eles trabalham bem isso, igual hoje tem escola, tem, não, mas hoje tem escola que tem o dia da família, né? Lá já não, é dia dos pais e das mães. (Luíza, 2019).

Cláudio e Márcio relatam que o filho é exemplo na escola, sendo o melhor em tudo que se propõe a fazer. Possui reconhecimento dos colegas e da direção da escola. Para os pais, o filho deve ser preparado para o contexto competitivo da sociedade. Os pais acreditam que um dos motivos de não ter nenhum problema relacionado à escola se dá pelo fato de o filho ser um excelente aluno.

Na matemática sem fronteiras, ele ganhou medalha de ouro estadual e nacional e foi indicado para ir para China também. (Márcio, 2019).

O Bruno é a estrela da escola, como Márcio falou anteriormente, ele foi campeão de xadrez esse ano, lá da turma dele, ele venceu todos os alunos da escola. Ele foi medalha de ouro nas olimpíadas de matemática nacional e estadual. (Cláudio, 2019).

O principal desafio é prepará-lo para esse contexto normativo que existe, não só na escola, mas acho que na sociedade. (Cláudio, 2019).

A gente, achava que o maior desafio era a questão de ensiná-lo a se defender. (Cláudio, 2019).

A gente nunca percebeu nenhum tipo de problema relacionado à escola. (Cláudio, 2019).

O filho de Karla e Brenda também é exemplo na escola, percebe-se a satisfação das mães diante dos elogios direcionados ao filho e a elas:

O Joaquim, pra elas [as professoras], é um aluno exemplar, sempre muito participa, [sai] super bem de todas as atividades, da roda, da psicomotricidade, da aula de música, da aula de inglês; é um menino nota 10 em tudo e se

comunica muito bem, então... aí é só elogios, a ele e a nós, mas a gente vê que não é fácil pra elas. (Karla, 2019).

Fernanda e Patrícia apresentam uma proposta de educação para filha pautada na autonomia. Para elas, a filha precisa aprender a se defender diante das relações e do contexto social preconceituoso.

Os principais desafios são esses de, realmente, poder, poder ser ela quem é, sem vergonha, sem tabu, sem problema, poder falar abertamente, igual, ela pegar o celular e falar: “olha aqui!”, ter orgulho disso, né? Ela não ter vergonha, então é isso... Porque ela precisa, o mundo vai bater nela, né? Ela vai, as pessoas, ela vai conhecer, vai viver com diversos tipos de pessoas, então ela tem que, ela tem que aprender a conviver, a lidar com isso sozinha. Então, porque ela vai ter esses desafios, e não só esses, vão ter pessoas preconceituosas, pessoas que vão ser sutis no preconceito, o preconceito velado, né? [Preconceito] nas entrelinhas e ela poder argumentar. (Fernanda, 2019).

Em ser uma família homoafetiva, os participantes relatam que o maior desafio é apresentar essa família como normal não só para a escola e sociedade, mas também para o filho. Cláudio e Márcio acreditam evitar questionamentos e suposições sobre sua família. Por meio desse ensinamento, eles acreditam que o filho se sente seguro na família e que o filho utiliza do mesmo princípio para se apresentar aos colegas no contexto escolar e falar sobre a família que possui.

Eu acho que um dos maiores desafios de famílias homoafetivas é tentar transformar a família LGBT em algo normal, eu acho que esse é um desafio e precisa ser normal na cabeça da criança, e a gente conseguiu isso com o Bruno. (Cláudio, 2019).

Nunca sofremos olhares, até porque a gente não permite também, a gente também tem um nariz muito pra cima, cara! Eu não permito que alguém me olhe diferente, então eu acho assim. (Cláudio, 2019).

Eu acho incrível a atmosfera que ele mesmo cria, ele mesmo cria essa atmosfera onde ele não tem que ficar dando explicação sobre a família. (Cláudio, 2019).

Karla e Brenda afirmam que não houve a necessidade de conversarem com Joaquim sobre preconceito, mas que, se a demanda surgir, elas irão conversar. As mães buscam preparar Joaquim para que ele também se sinta seguro em apresentar sua família. No processo de educação dele, elas reforçam como é a configuração da família a que pertencem, para que ele possa defender isso com convicção e segurança para a escola e para os colegas, quando necessário. Esse fato, inclusive, ocorreu em uma atividade em que as crianças apresentavam a

família na escola. Mesmo com os ensinamentos dados ao filho, as mães ficaram apreensivas para saber se ele havia conseguido apresentar sua família aos colegas.

A gente nunca falou para ele, por exemplo, de preconceito, quando surgir, isso acontecer, é que a gente vai trazer...(Karla, 2019).

Na escola é tanto que tem pesquisas né? Pesquisa, por exemplo, na semana da família, que era para levar uma foto da família e a criança ia apresentar em sala de aula a família dele. Até depois disso eu perguntei para ela [professora], como que o Joaquim apresentou a família dele? [a professora respondeu] “apresentou direitinho, seguro, falou beleza” da mãe...(Karla, 2019).

Sobre formação dos professores para trabalhar temas como diversidade, igualdade, preconceito e diferentes arranjos familiares, os participantes apresentam opiniões contrárias. Mesmo reconhecendo o esforço decorrente dessa formação, alguns ainda consideram que é necessário haver uma melhor capacitação dos profissionais da educação. Fernanda e Luíza não reclamam do acolhimento, mas reconhecem que os professores têm dificuldade com as nomenclaturas do contexto LGBTI e não sabem como devem se dirigir às mães lésbicas. Reconhecem também a necessidade de capacitação para compreenderem melhor as novas configurações familiares:

Ah, não tenho nem defeito pra colocar, todas, até hoje todas...(Luíza, 2019).

Muito tranquilas. (Fernanda, 2019).

A melhor de todas. Ai ela não sabia como falar, assim, que ela usou um termo muito engraçado: “seu bem já teve aqui já” [risos]. Seu bem já teve aqui, ela não sabe se são 2 esposas e falar “companheira”, tem gente que tem essa dificuldade, né? não sabe como é que fala, se é esposa, se é mulher, se é companheira, e daí, ela [disse] “seu bem já teve aqui, já e já falou comigo”, então, é isso.[Fernanda se refere à professora] Essa aí é mais as claras porque tem dificuldades, né? A gente sabe que pra elas também é novo, então elas vão apalpando também, aprendendo, conforme o humano vai fluindo elas vão, vai desenvolvendo melhor. (Fernanda, 2019).

É, mas assim, eu acho que ele falou como que as escolas precisam trabalhar. Eles precisam se adaptar, né? Então essas pessoas que tão vindo de formação antiga, precisa ter aí, ter curso, enfim, né? Qualquer capacitação pra poder lidar com essas novidades aí, que são muitas. (Fernanda, 2019).

Para as mães de Joaquim é desafiador para os professores lidarem com a diversidade. Para elas, eles não sabem como lidar com isso. As professoras, na visão delas, precisam se esforçar para conseguir manter uma boa convivência com essas famílias:

É um desafio para eles...(Brenda, 2019).

É um desafio porque eles não sabem como lidar. (Karla, 2019).

Eu sinto que é um desafio para todas as professoras, mas elas tentam fazer o máximo de que a gente não perceba, e sempre receber as duas, às vezes vão as duas levar o Joaquim, às vezes vai eu, às vezes vai ela, às vezes uma vai buscar... então assim, elas tentam viver o contexto, porque nas reuniões, elas sempre nos elogiam, sempre falam que a gente tem dado uma boa educação, elas ficam admiradas de como a gente administra tudo isso, mas eu sinto assim, que há um esforço pra elas de ter que conversar com duas mães. (Brenda, 2019).

Quanto ao material didático, Cláudio e Márcio mencionam que, na atual escola do filho, eles trabalham com um livro diário que aborda a diversidade. Dessa maneira, eles acreditam que o ensinamento de família, a partir da visão espírita, consegue contemplar a família deles. A maneira como a escola em que o filho estuda ensina família não se limita à pai, mãe e filhos.

Olha só, dentro do cotidiano da escola, eles têm um livro diário, um livro de reflexão diário, então dentro desse livro de reflexão diária eles é.. trabalham muito a questão da diversidade das pessoas e que o que importa é o respeito e a fraternidade entre todos. (Márcio, 2019).

Essa escola é, na verdade, acho que é a única que eu conheço que trabalha dentro dessa perspectiva, porque essa escola ela fala o seguinte. Ela trabalha dentro da ideia de que é.. os filhos são frutos do universo, que estamos aqui apenas para cuidar deles como pais. E aí a escola coloca isso, não coloca se é homem ou se é mulher. (Cláudio, 2019).

As mães de Joaquim consideram plausível a tentativa de a escola buscar material didático que trabalhe e discuta família no contexto diversificado, ao mesmo tempo relatam que a escola reconhece para elas que têm dificuldade com esses livros, quando eles são deixados com os alunos e levados para casa. A escola relata que é questionada quando outros pais têm acesso a alguns livros, acusando-a de provocadora de curiosidade e capaz de influenciar os alunos a se tornarem homossexuais. Por esse motivo, a escola discute apenas em sala de aula com as crianças e apresenta o material sem permitir que eles o levem para casa. Outro recurso utilizado pela escola de Joaquim é a utilização do “livrão de final de semana”, uma estratégia inovadora em que as famílias inserem fotos e relatam seu final de semana, quando estão de posse desse material que, em forma de rodízio, perpassa todos os alunos, adentrando todas as famílias. Com isso, uma família tem acesso à realidade da outra. Além dessas estratégias, a escola também realiza uma amostra cultural para que os alunos reconheçam as diferenças e as legitimem:

No livro, a gente vê não só em relação a família, mas em relação à diversidade, sabe... eu acho que trabalha sim. (Karla, 2019).

Eu acho que esse livrão de final de semana é um exemplo clássico de que eles interagem com as famílias. E sem ter uma família diferente, é a hora de... eles estão abertos para isso. (Brenda, 2019).

A gente conversando com a coordenadora pedagógica, porque... depois eu vou pegar pra você ver esse livrinho que é o das famílias, ela falou assim: “não, a gente tem esse livro aqui, só que a gente trabalha ele em sala de aula porque se eu mando esse livro para casa, dá o que falar”. (Karla, 2019).

Eles acham que é a escola que está... (Brenda, 2019).

[...] tá impondo isso e tal. Tem livros que eles trabalham temáticas mais polêmicas, eles trabalham em sala de aula, não manda para casa. (Karla, 2019).

E até cuidadosa [a escola] nesse sentido, de não achar que a escola está... né... impondo aquilo e tem que... é a escola que está assim determinando. (Brenda, 2019).

Já passaram por isso na verdade, sabe assim, de pais irem lá reclamar, de criar um motinho de pai ir falar que é um absurdo... sabe, um livro tão bonito, tão simples e é polêmico. Esse livro é polêmico, eu já vi várias coisas assim sobre ele em escolas, principalmente, tipo pais não aceitando ele na escola. (Karla, 2019).

E tem uma amostra cultural também que tem um trabalho lindo que é reconhecendo seu amigo, que é um desenhando o outro, então assim... ah... o cabelo dele é enroladinho, a pele dele é mais escura, sabe? É um projeto bem bacana, e o outro do espelho, sabe? um autorretrato... então acho que isso trabalha as diferenças, a diversidade... (Karla, 2019).

As mães de Patrícia relatam que não se sentem contempladas no material didático da escola da filha. Segundo elas, muitos livros utilizados ainda expressam preconceito. Elas se sentem constrangidas e incomodadas em ter que lidar com esse material e discuti-lo com a filha em seu processo de aprendizagem:

Não me sinto contemplada no material didático, nem na agenda; eles precisam melhorar isso ainda...(Fernanda, 2019).

Pensei em fazer essa sugestão porque ele realmente, nenhum, nenhum livro tem essa pegada; inclusive, deram um livro péssimo pra ela esses dias, cheio de preconceitos nas entrelinhas, mais social e racial, sabe? (Luíza, 2019).

Dentro da escola, dentro do contexto escolar... achei um absurdo o livro, né? mas... e mesmo assim tentamos ver a parte lúdica com ela, e ... mas eles precisam melhorar, de fato; a gente gosta da escola, né? da parte pedagógica de ensino, se senti acolhido por parte dos professores, como a gente falou, mas eles precisam melhorar, precisam evoluir...(Fernanda, 2019).

Quando questionados sobre a percepção que eles têm de como a escola vê o filho, os pais dizem que o tratamento diferenciado dado a ele foi percebido como positivo, pois esse olhar se deve ao sucesso do filho. Da mesma forma que acreditam que, se o filho fosse um

péssimo aluno, escola e sociedade atribuiriam esse resultado ao fato de ser filho de pais homossexuais:

O Bruno é aquela expressiva representatividade do sucesso para escola, então é... e o melhor de tudo que eu acho, assim, eu fico muito orgulho por ser filho de casais homossexuais. (Cláudio, 2019).

Mas eu acredito também que se o Bruno fosse o “capeta” da escola, fosse o “cão” da escola, nós também sofreríamos as consequências porque era filho de dois gays. (Cláudio, 2019).

Em relação às possibilidades do trabalho da escola para formação das crianças de maneira que não seja reforçado o preconceito, os participantes consideram que há desafios e paradigmas que precisam ser rompidos. Isso desde o material didático e formação dos professores à maneira como a diversidade é apresentada não só de famílias homoafetivas, mas também de outras.

Karla e Brenda consideram plausíveis as tentativas da escola de Joaquim em proporcionar o contato entre as famílias dos alunos. Na perspectiva delas, muito se cria e fantasia diante do desconhecido e que depois que se conhece o que era considerado “anormal” deixa de ser. Reforçam também a necessidade de incluírem livros no material didático que discutam essas temáticas:

Trabalhar com livros também que apresente todas as formas de família, mesmo que seja polêmico, é... e buscar apresentar mesmo os diversos tipos de família para as crianças, para que elas... (Karla, 2019).

Já participem deste contexto, já desde de crianças... e saber que isso existe e que isso é cada vez mais presente na nossa sociedade no nosso meio, né? (Brenda, 2019).

É uma forma de colocar o mais natural possível, porque se você coloca como um absurdo, e isso não existe, ela vai aprender que realmente é isso mesmo o preconceito, nenhuma criança nasce com preconceito né? É a partir dos pais, né, que elas se tornam. Mas eu acho que poderia trabalhar....(Karla, 2019).

Então, essa ideia dessa escola em que nosso filho estuda e que tem esse livrão eu acho fantástico, acho que é uma maneira que entra em todas as famílias, vem pra sua família e vai para...(Brenda, 2019).

Eu acho que é assim, a partir do momento que conhece, deixa de ser, é...aquela coisa...o que é desconhecido, lembrei do vizinho que não conhecia, nunca tinha conhecido uma família assim, era estranho, era, sabe, assim...(Karla, 2019).

Não pode, é errado...(Brenda, 2019).

A partir do momento que tiver contato com a gente deixou de ser anormal e criou-se um carinho, sabe, as crianças tem livre acesso aqui, vai e volta. (Karla, 2019).

E acho que livro... livro, gente, tem que introduzir livro nessas crianças, é assim... a gente só forma leitores se a gente introduzir literatura desde cedo e eu

acho que a melhor forma é essa, é buscar livros com essa temática, diversidade, da sexualidade e é isso, de acordo com a idade.... enfim... (Karla, 2019).

Para as mães de Patrícia, a escola da filha, embora busque maneiras de adaptação para acolherem as crianças inseridas em famílias diferentes do modelo heteronormativo, não abrem mão do contexto tradicional. As discussões, estratégias de trabalho não legitimam a diversidade, apenas reforçam o imaginário tradicional.

Existe uma tentativa de adaptação, exatamente, mas não é uma tentativa de adaptação sem mexer no contexto tradicional...(Fernanda, 2019).

Até porque, escolas que realmente estão tentando adaptar já não têm dia dos pais, dia das mães, né? Então isso é uma resistência do tradicional, né, manter o dia dos pai e o dia das mães, o certo é ter dia da família porque aí não tem essa, ninguém sofre e existe perto do dia das mães e do dia dos pais, tem na tarefa de inglês, ah “vamo fazer um cartão pro pai”; na atividade de sala, “fale do dia do seu pai”; e ela [a criança] é obrigada a fazer esse tipo de atividade. (Fernanda, 2019).

Trata de uma maneira especial até pra entender o contexto familiar dela quando vai dar uma tarefinha de dia dos pais que tem que escrever já fala pra ela, igual eu falei aqui agora: “ah ce quer fazer um cartão?”. (Fernanda, 2019).

Muito se questiona a respeito do papel da família e da escola no processo de formação do filho. Nesse diálogo, percebe-se que tanto uma quanto a outra procuram apoiar-se mutuamente, porém nem sempre isso é possível, resultando, muitas vezes, num jogo de culpados e inocentes. As famílias, independentemente de suas configurações, buscam parceria com a escola no processo de educação dos filhos. A legitimação da escola em relação a todas elas passa a ser necessária e relevante para esse processo. É importante que a criança se sinta contemplada e legitimada frente aos colegas.

A escola, de acordo com Lima (2011), nem sempre parece compreender essa importância. O autor relata que o calendário de festa no contexto escolar é um exemplo de discriminação das famílias que não são formadas por pai, mãe e filho, tendo como exemplo a celebração do dia das mães ou do dia dos pais. Em entrevista realizada, os participantes se queixam da ausência de espaço nos cabeçalhos das tarefas escolares e nos documentos a serem preenchidos, já que isso é permitido as outras crianças, ou seja, crianças oriundas de famílias homoafetivas não têm espaço para colocar o nome de seus dois pais ou de duas mães. O dia das mães celebrado na escola é pensado apenas para a figura da mulher que exerce a função materna, assim como o dia dos pais. Ferreira (2016) descreve a importância da linguagem utilizada na escola para o processo de desenvolvimento da criança. Essa linguagem

está presente não só no cabeçalho de exercícios e atividades, mas também no envio de mensagens nas agendas e bilhetes endereçados com cumprimentos escritos sobre uma perspectiva heteronormativa.

Não só ser reconhecido na família que está inserido, seja como filho biológico, seja adotado, assim como na escola é um dos principais objetivos dos pais e mães. O processo de educação em casa, feito através do diálogo e orientações, é a ferramenta necessária para que o filho possa enfrentar os desafios fora de casa.

Com a proposta de analisar todas as formas de conhecimento na sociedade, Berger e Luckmann (2014) discutem o percurso de socialização do sujeito com base na interiorização baseada na identificação mútua. Para que esse processo ocorra, os autores apresentam duas categorias de socialização que eles denominam de primária e secundária. Para os autores, a sociedade é fruto de produção humana e o homem é uma produção social. A sociedade é entendida como um processo dialético de exteriorização, objetivação e interiorização. Os autores explicam a sociedade como realidade subjetiva, considerando que a socialização é o processo pelo qual ocorre a interiorização da realidade.

As crianças pertencentes às famílias, no processo de desenvolvimento e socialização, iniciam o processo de identificação com a família de origem. Através dos ensinamentos dos pais e mães, elas vão dando sentido ao mundo ideal apresentado a elas. Quando se discute o contexto de família homoparental, para essas crianças, até o momento que elas entram em contato com a sociedade, não há outro referencial de família. Nesse processo de ingressar no contexto escolar, a criança precisa encontrar na escola a ampliação dos ensinamentos aprendidos em casa.

Embora nos relatos dos participantes as falas afirmam que a escola acolhe; outras falas relatam que a escola não contempla a realidade delas como crianças pertencentes a uma família de pais *gays*. A discussão da socialização primária e secundária de Berger e Luckmann (2014) propõe que, na primária, a criança apresenta a experiência na família que já integra na sociedade; na secundária, o processo é subsequente, sendo apresentados à criança os novos setores do mundo objetivo pertencentes à sociedade. Os autores, ao afirmarem que a socialização primária deve preparar a criança para a socialização secundária, entendem que as famílias são responsáveis em preparar seus filhos para outros contextos sociais, como o da escola, pois a socialização primária se inicia em casa e na escola, pela interação da criança com outras, ocorre a socialização secundária. Essas crianças, ao poderem conhecer outros saberes, são levadas a questionarem o que aprenderam em casa, possibilitando que uma nova identidade seja construída.

Patrícia, Bruno e Joaquim, ao questionarem os pais e as escolas sobre as diferenças, e buscarem saber o motivo de discrepâncias, quer em cabeçalho, quer em data comemorativa, contrastam o mundo-base construído por elas em casa. Para Berger e Luckmann (2014), pela socialização primária todo o universo social da criança é interiorizado e mediado pela família, que lhe dará a visão de mundo sobre sua realidade. Nesse cenário, percebe-se a importância do diálogo aberto com os filhos. Dos participantes entrevistados, os filhos Bruno e Patrícia parecem ter um contato maior com a realidade sobre sua configuração familiar, Joaquim, apesar de as mães dizerem a ele que possui um pai, é possível perceber as limitações delas em aceitar a realidade do pai e seu desejo verdadeiro de estar com o filho.

A socialização primária cria, na consciência da criança, uma abstração progressiva dos papéis e atitude dos outros; quando é possível e disponibilizado um cenário propício, a criança passa a compreender atitudes individuais como sendo da sociedade, de outros. É a compreensão da universalidade do gesto que possibilitará a ela incorporar diferentes papéis e atitudes. Eles apontam essa formação de consciência do outro como marca de uma fase decisiva na socialização: o momento em que a criança interioriza a sociedade e a realidade objetiva (Berger & Luckmann, 2014).

Verifica-se, de acordo com os autores citados anteriormente, que o processo de socialização nunca se encerra. Contudo, a socialização primária encerra quando o conceito do outro foi estabelecido na consciência do indivíduo e o mundo é percebido de forma universal. Nesse momento, a criança amplia sua inserção no mundo social, interioriza submundos institucionais, interioriza conhecimentos gerados no seio da sociedade e por ela institucionalizados.

Identifica-se aqui a responsabilidade dos pais no processo de socialização primária; todos os conceitos aprendidos e que são levados pelos filhos e refletidos em sua personalidade são formados nessa fase. Enquanto a socialização primária não pode ser realizada sem identificação, carregada de emoções da criança com seus outros significativos, a maior parte da socialização secundária pode dispensar esse tipo de identificação mútua incluída em qualquer comunicação de seres humanos. Na socialização secundária, a criança aprende com o professor que representa uma instituição e um contexto social, e aprende sobre este mundo. Mas ao voltar para casa se desliga desse aprendizado, direcionando-se às afinidades da socialização primária (Berger & Luckmann, 2014).

Ao não considerarem os professores capacitados para trabalhar temáticas como a diversidade, sexualidade e múltiplas configurações familiares, os pais estão relatando que seus filhos não estão aprendendo na escola conforme eles começaram a ensinar em casa. Os

saberes básicos aprendidos pela criança dependerão não somente das relações entre a família e universo escolar, mas da sua própria relação com os adultos responsáveis pela socialização (Berger & Luckmann, 2014). Dessa maneira, quando Fernanda e Luíza tentam ser transparentes com a filha, assim como Cláudio e Márcio, buscam essa mesma realidade por meio do diálogo, buscando para seus filhos uma melhor identificação deles com os pais e com o processo de socialização. Garantir uma linguagem acessível aos filhos é essencial no processo de socialização deles.

Chama atenção a alta exigência dos filhos com eles mesmos e a alta exigência dos pais e mães para com a educação deles. Na relação família e escola, compreende-se essa importância, mas também permite-se questionar se esse alto nível de exigência é apenas para o bom desenvolvimento da criança como aluno ou se é o preço a ser pago para ser reconhecido e legitimado como pertencente a uma família homoafetiva.

Os participantes Cláudio e Márcio, ao reconhecerem que o crédito atribuído à família deles se dá pelo filho ser excelente aluno, reconhecem também que se não fosse bom aluno a responsabilidade seria dos pais por serem homossexuais. Por meio desse relato, pode-se talvez explicar a necessidade dos pais em manter o filho em primeiro lugar sempre na escola.

Pagliari (2017) apresenta a importância de se ter na literatura escolar outras possibilidades de configurações familiares para que haja mais tolerância e menos discriminação. Os participantes descrevem como desafio a necessidade de apresentar sua família como “normal” para a sociedade e para o filho. De acordo com Pagliari (2017), as famílias e crianças com configurações diferentes do modelo hétero, ao perceberem que o material didático abre espaço e permite mostrar suas realidades, sentem-se legitimadas. Dessa maneira, as crianças pertencentes a uma família hétero conseguem também compreender melhor e legitimar as famílias das crianças que são diferentes de sua configuração.

Nas escolas dos filhos dos participantes, existem tentativas de adaptação do material didático. Joaquim tem a possibilidade de utilizar o “livrão” para poder se apresentar e conhecer outras famílias e assim não só ser legitimado, mas também poder legitimar as famílias diferentes da dele. Além desse recurso, a escola parece ter como característica flexibilidade e busca para legitimar as diferenças. Manter o dia da família e não comemorar o dia das mães e pais altera não só o que se espera da cultura social, mas cria um contexto cultural específico e de tradição dessa escola.

Já na escola de Patrícia, as mães parecem não considerar satisfatórias as tentativas de adaptação. Para elas, essas tentativas propõem muito mais um princípio discriminativo do que a legitimação das diferenças. Embora na entrevista elas relatam que gostam da maneira como

a escola trabalha, queixas aparecem quando elas entram em contato com as perguntas realizadas. Para Berger e Luckmann (2014), o processo de legitimação de realidades distintas produz novos significados que servem para integrar os significados relacionados a processos institucionais diferentes. Em outras palavras, a legitimação não é apenas uma questão de valores, implica também em conhecimento.

Na escola atual onde Bruno estuda, existe um livro diário que discute a diversidade, a família é apresentada a partir de uma visão espírita em que os pais são seres enviados para cuidar dos filhos. Esses pais não são denominados como homens ou mulheres, apenas como cuidadores. A escola, conforme descrita pelos participantes, estabelece como prática o ensinamento com base na religião espírita. Em todo o tempo da entrevista, os pais fazem referência ao diferencial da escola com base nessa filosofia.

Conforme Silva (2001), toda prática no contexto escolar, assim como todo o ensinamento curricular, estão voltados à cultura, a uma forma particular de cultura que é a cultura de uma “forma escolar”, “cultura escolar”. Diante do olhar de Silva (2001), todo contexto da escola atual do filho, descrito pelos participantes, bem como todo o diferencial a que ela está voltada – filosofia espírita – podem ser traduzidos em cultura da escola.

A formação dessas crianças perpassa pela tentativa dos pais em formá-las para autonomia. Nesse processo, é importante reconhecer, de acordo com Berger e Luckmann (2014), o papel do conhecimento da sociedade. Essas crianças são seres construídos socialmente, entendendo a realidade humana como uma realidade socialmente construída. Essa realidade é percebida como fenômeno que já existe independente da nossa vontade e o conhecimento como constatação de que os fenômenos são reais e possuem características específicas. Sob esse olhar, torna-se possível pensar a construção social da realidade por meio do conhecimento e do pensamento crítico capazes de levar a criança à autonomia.

A discussão sobre família, educação e preconceito interliga a realidade social diante dos desafios vividos por cada sujeito. Percebe-se os desafios dos homossexuais em terem que romper com o preconceito, assim como o desafio dos heterossexuais em legitimar as famílias homoafetivas. As crianças nesse cenário, juntamente com a escola, parecem ser porta de entrada para um possível equilíbrio em que não seja necessário pensar em padronização de seres humanos e famílias. Os padrões levam a exclusão e, conseqüentemente, ao preconceito. As escolas e as famílias precisam alinhar ensinamentos respeitando a pluralidade familiar e as diversidades sociais com objetivo de proporcionar às crianças um local de reflexão e aceitação, onde não se busca encontrar o melhor ou o pior, o certo ou o errado enquanto sujeito e família, mas sim

respeitar que toda forma de amor vale a pena e que as famílias são famílias independentemente da configuração e da estrutura que possuem.

Considerações Finais

Neste trabalho foi proposto discutir a realidade das famílias homoparentais com filhos em contexto escolar e, nessa discussão, apresentar os desafios e possibilidades da educação. Foi possível visualizar os questionamentos feitos no início do trabalho em relação ao que se pode esperar nesse cenário diante da evolução da família, o preconceito social e a proposta da educação.

A realidade do contexto da família na contemporaneidade não permite mais restringi-la a um conceito único. Percebe-se que a pluralidade se faz não só por meio das famílias homoafetivas, mas também por várias outras estruturas que se apresentam como modelos familiares na atualidade. Aqui, as famílias homoafetivas foram analisadas a fim de compreender a percepção dos pais em relação ao contexto escolar dos filhos.

O processo de identificação e reconhecimento dos homossexuais como família parece ser claro para eles. A relação pelo afeto, respeito e diálogo passa a definir o conceito de família para esses pais. Embora a legitimação pelos preceitos legais exista e assegure a dois pais o direito de adotar uma criança e até mesmo a criança poder ter três nomes no seu registro de nascimento, podendo ser chamados família, no coletivo social ainda parece estar impregnado o ideário de que família “normal”, capaz de educar os filhos, é a família composta por pai, mãe e filhos.

Mesmo que o discurso social atual não legitime a diversidade, historicamente foi possível perceber que nem sempre as famílias foram formadas seguindo um padrão heteronormativo monogâmico. As modificações ao longo da história levam a perceber que não só as configurações familiares alteraram, mas também a estrutura dessas configurações mudou.

O que não parece estar claro para as famílias homoafetivas entrevistadas é a segurança de poderem estar na família que possuem sem se aproximarem do modelo de família heteronormativo em que foram criadas. Ao mesmo passo que se busca a legitimação como família composta por duas pessoas *gays* com ou sem filhos, o modelo de família hétero é tensionado. Os próprios membros de famílias homoafetivas buscam o modelo hétero.

Para os autores estudados aqui, existe grande dificuldade das famílias em acolherem o filho com orientação sexual homoafetiva. O medo, preconceito, resistência, negação e abandono são realidades descritas pelos autores quando escrevem sobre esse contexto. O que chama atenção é que, mesmo essas famílias passando por todas as dificuldades referidas na literatura estudada, há, nos relatos dos participantes, a legitimação dos ensinamentos dos pais

e a maneira como eles criaram os filhos, ao ponto de isso se tornar referência para a justificativa de se ter na família, que agora está sendo formada, a figura de um homem e de uma mulher para educar o filho e dar para esse filho uma família.

Não se pode negar a importância da figura paterna e materna para essas famílias, o que elas não parecem perceber é diferenciar essas figuras dos sexos biológicos representados socialmente. Exercer função de pai e de mãe é simbólico e imaginário, nada se define pelo sexo. Diante desse entendimento questiona-se o motivo de tanto esforço da sociedade e até mesmo dos homossexuais inseridos nela em ter como figura paterna o homem e materna a mulher. As possibilidades podem ser diversas no exercício do cuidado com a formação e educação dos filhos, a triangulação pensada pelo complexo de Édipo freudiano é mais desafiador do que se propõe quando se diz que a mãe biológica exerce a função de mãe e é necessário a figura paterna masculina para romper com a simbiose entre mãe e filho. Nas diversas configurações familiares existentes, reduzir-se a esse pensamento é equívoco. As crianças podem ter um pai simbólico e uma mãe imaginária. Serem pais biológicos não é sinônimo de estar no lugar de pais simbólicos.

Na vivência das famílias homoafetivas com filhos, esses pais têm papel importante na manutenção do bom convívio entre os membros familiares. Nessa dinâmica, o processo de formação e educação não se limita à escola, mas é responsabilidade também dos pais como cuidadores dessa criança. A responsabilidade pelo processo de formação na parceria entre escola e família nem sempre parece ser possível. Neste estudo verificam-se realidades diferentes no percurso de formação da criança, dentre elas uma em que a escola legitima e reforça os ensinamentos apresentados pelos pais homossexuais à criança no que diz respeito à família e outra que contradiz, de maneira indireta, por tarefas de casa a apresentação à criança somente de família heteronormativo.

Enfatiza-se a importância da coerência da socialização secundária diante da primária. A criança antes de ser inserida no contexto escolar, já é parte da sociedade. As referências e construções aprendidas por elas no seio familiar são questionadas na socialização secundária. A escola necessita revisar sua maneira de educar para que todas elas sejam contempladas nas discussões a respeito de família.

A legitimação de um único modelo familiar em detrimento de tantos outros dissemina o preconceito e reforça a exclusão. As formas de preconceito e a maneira como ele se expressa estão relacionadas diretamente à formação cultural. Não estar aberto à educação formativa e a não possibilidade de legitimação das famílias homoafetivas possibilita a manutenção do preconceito, um ato bárbaro como foi o de Auschwitz.

As contradições parecem estar presentes nos discursos tanto dos membros da família, quanto dos professores das escolas. Há momentos em que os pais negam a existência de dificuldades e preconceitos no contexto escolar. Há outros em que descrevem situações que consideram discriminatórias.

O preconceito se apresenta de diferentes formas, quer pela atribuição de características, comportamentos e julgamentos à família homoafetiva, quer pelo mesmo entendimento dessas famílias direcionado aos professores. A distorção da realidade e a generalização das características de um determinado grupo a todos os membros desse grupo se apresentam tanto para grupos de homossexuais, quanto para grupos de professores.

A religião aparece como forma de julgamento entre o certo e o errado. As convicções e ensinamentos com base na filosofia religiosa aparenta determinar a cultura da escola, o que se pratica dentro dela, os valores e crenças que direcionam o comportamento, fazendo dela uma escola que aceita ou recrimina a diversidade.

Mais uma vez a contradição se apresenta na discussão sobre legitimação da escola em relação à diversidade. A mesma escola firmada no acolhimento e respeito à diversidade traz no cabeçalho das tarefas escolares a identificação com campos destinados a pai e a mãe hétero apenas. Também é a mesma escola que comemora o dia das mães e cria um mural para que os alunos escrevam o nome dessa mãe. Na mesma escola que se comemora o dia da família e diz não comemorar o dia das mães e pais específicos, pequenas atividades em sala de aula são realizadas nas datas em que o calendário social determina como dia dos pais e mães. Apenas o lugar foi trocado, isso não significa dizer que ainda não são comemoradas datas específicas, tampouco parece representar uma educação para autonomia quando o preconceito se mostra velado.

As estratégias da educação têm sido modificadas, mas não parece ser eficaz mudar o processo de formação apenas para as crianças, faz-se necessário alcançar, inclusive, a formação do professor, que pode ser visto tanto como vítima, quanto como algoz. Além da dificuldade dele como sujeito diante do que se tem construído socialmente, esse profissional também reproduz o que por ele foi aprendido em seu processo de ensinar.

Há na realidade escolar o desafio social e também dos professores em compreenderem a diversidade sexual. Isso se reflete na dificuldade de decidir qual termo é melhor empregado quando esses profissionais se dirigem aos pais *gays*. Terminologias dentro do contexto LGBTI+ são complexas e precisam ser discutidas no contexto escolar para que a ausência desse saber não replique ainda mais o preconceito. Para isso, é necessário que os educadores se apropriem primeiro dessa compreensão.

Desafios se apresentam de diversas formas, desde a dificuldade de ter que apresentar a família homoafetiva como modelo também possível para a sociedade e para a escola a ter que ser um excelente aluno para poder ter aprovação, respeito e legitimação enquanto aluno, filho de pais *gays*.

O material didático utilizado pelas escolas não contempla a realidade das famílias homoafetivas. A legitimação parece estar acobertada. Os livros com conteúdo que discutem as diferentes configurações de família, quando utilizados, só são acessados dentro da escola, as famílias em casa não podem saber o que seus filhos estão discutindo. Essa realidade, descrita na pesquisa, reflete a dificuldade da instituição escolar em relação ao material didático, não sendo possível realmente explicar sobre a diversidade familiar.

Este trabalho não esgota os estudos sobre a realidade de famílias homoafetivas com filhos em contexto escolar. Ao contrário disso, levanta problemas e instiga um estudo ampliado sobre o tema. Conhecer a realidade da escola por meio dos professores pode gerar um campo vasto de investigação, assim como despertar o olhar das crianças e adolescentes que vivenciam essa realidade e também a compreensão das famílias heteronormativas sobre o tema. Conhecer os diferentes olhares pode permitir um caminho que leve à legitimação da pluralidade familiar.

Muito ainda se tem para ser investigado e compreendido diante da escassez de estudos que discutem famílias homoafetivas com filhos em contexto escolar. É necessário questionar e refletir para esclarecer e assim romper dogmas e mitos idealizados na sociedade. Precisa ser estabelecido o questionamento constante, feito de maneira diversa, multidisciplinar e dinâmico a fim de desfazer a ideologia vigente e chegar ao entendimento através da dialética para que a sociedade se torne esclarecida.

Ao finalizar este trabalho, questiono-me como pessoa, pai, psicólogo e professor universitário no curso de Psicologia o que tenho feito para mudar essa realidade e qual tem sido minha contribuição nesse cenário. Com esta pesquisa pude perceber que, como pessoa, muitas vezes reproduzo o preconceito à medida que também o vivencio. Como psicólogo e professor pude perceber quão desafiador é lidar com os personagens desta pesquisa enquanto seres sociais. Percebi que embora a psicologia tenha como base o princípio de não estabelecer convicções políticas, religiosas e de orientação sexual, o espaço educacional e social ainda é restrito para refletir sobre essas questões.

Espera-se que o material produzido aqui sirva como base para melhor compreender a realidade de famílias, a educação e o preconceito, além de contribuir para o campo científico, acadêmico e social. Em meio a tanto descaso em relação à produção de conhecimento e quase

nenhum incentivo à educação advinda da atual gestão governamental que o Brasil hoje vivencia, considero o trabalho vitorioso e sinto-me feliz por ainda poder discutir esse tema.

Referências

- Ação Direta de Inconstitucionalidade - ADI nº 4.277 DF de 2011.* Que reconhece a união homoafetiva através do Supremo Tribunal Federal, diário de justiça eletrônico nº 198 divulgado em 13/10/11 através do ementário nº 2607-3. Recuperado em 19 de agosto, 2017, de <http://redir.stf.jus.br/paginadornpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628635>
- Adorno, T. W. (1995). *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Adorno, T. W. & Horkheimer M. (1987). Sociologia da família. In Canevacci, M. (Org). *Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva*. São Paulo: Brasiliense, pp 210-234.
- Adorno, T. W. & Horkheimer M. (1978). Família. In Adorno, T. W. & Horkheimer M. *Temas básicos de sociologia*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cutrix.
- Adorno, T. W. & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos 1947*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Adorno. T. W. & Horkheimer. M. (1986). *Dialética da família*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Albuquerque, E. M. de (2009). *Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas*. (Dissertação de mestrado), Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP/Ministério da Saúde – Fiocruz, Rio de Janeiro.
- Andrade, M. R. M., & Ferrari, I. F. (2009). Legitimação do laço homossexual: Um acolhimento possível na realidade social da hipermodernidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 9(4), 1145-1172.
- Antunes, D. C. & Zuin, A. A S. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, 20 (1), 32-42. Recuperado em 05 de fevereiro, 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a04v20n1.pdf>
- Baldin, N. & Munhoz, E. M. B. (2011). Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *Anais do X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*, Curitiba. Recuperado em, .., de https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Edições 70. Lisboa: Portugal.
- Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista Psicopedagogia*, 28(85), 67-75.
- Berger, P. & Luckmann, Thomas. (2014), *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes.
- Bion, W. R. (1996) *Os elementos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Brasil. (2010). Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Diretrizes Curriculares nacionais para a educação infantil*. Secretaria de Educação Básica. Brasília.
- Brito, T. T. & Cunha, A. M. D. O. (2009). Revisitando a história da universidade no Brasil: política de criação, autonomia e docência. *Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, (12), 43-63.
- Cadete, V. G., Ferreira, S. P. A., & da Silva, D. B. (2012). Os sentidos e os significados produzidos pela escola em relação à família homoparental: um estudo de caso. *Interação em Psicologia*, 16(1),
- Cassettari, C. (2015). *Multiparentalidade e parentalidade socioafetiva: efeitos jurídicos*. 2. ed. São Paulo: Atlas.
- Cellard A. (2008). A análise documental. In: Poupart J et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes.
- Civil, P. (2003). *Direito de família*. São Paulo.
- Coêlho, I. M. (2006). Universidade e formação de professores. In: Guimarães, V. S. (Org.). *Formar para o mercado ou para a autonomia?* Campinas, SP, Papirus.
- Colapinto, J. & Minuchin, S. (1999). *Trabalhando com famílias pobres*. Porto Alegre: Artmed.
- Costa, A. C. da S. (2003). *Diferenças entre professor e educador*. (Trabalho de Conclusão de Curso), Curso de Psicopedagogia, Universidade Cândido Mendes. Recuperado em 05 de março, 2017, de <http://www.avm.edu.br/monopdf/6/ALTILENE%20CORREA%20DA%20SILVA%20COSTA.pdf>
- Crochík, J. L. (1996). Preconceito, indivíduo e sociedade. *Temas em psicologia*, 4(3), 47-70.
- Crochík, J. L. (2006). *Preconceito: indivíduo e cultura*. 3. ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Derrida, J. & Roudinesco, E. (2004) *De que amanhã... diálogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Dias, M. B. (2005). *União homossexual, o preconceito e a justiça*. 3. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado.
- Dias, M. B. (2009). Família homoafetiva. *Bagoas*, Rio Grande do Norte, 3, 39-63.
- Elias, N. (1994). *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed.
- Elias, N. (2012). A civilização dos pais. *Sociedade e Estado*, Brasília , 27(3),
- Engels, F. (1987). A família Monogâmica. In Canevacci, M. (Org.). *Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva*. São Paulo: Brasiliense, pp. 71-87

- Facco, L. (2009). *Era Uma Vez Um Casal Diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil*. São Paulo: Summus.
- Farias, M. O. & Maia, A. C. (2009). *Adoção por homossexuais: família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica*. Curitiba: Juruá.
- Farias, M. O. (2015). Famílias homoparentais e escola: reflexões e possibilidades. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 10(6), 1477-1488.
- Felipe, J: Guizzo, B. S. (2008). Entre Batons, Esmaltes e Fantasias. In: Meyer, Dagmar E.\$ Soares, R. de F. R. (Org.) *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Porto Alegre: Mediação.
- Ferreira, L. R. (2016). “Mas cadê a mãezinha?”: reflexões e tensionamentos sobre as famílias homoparentais nas escolas de educação infantil. Recuperado em 03 de março, 2018, de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/147836/001000144.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Freitas, L. R. M. & Dias, R. L. (2012). Discutindo Valores da Escola: homoparentalidade e novos conceitos de família. *Quipus*, 1 (2), jun./nov., Recuperado em 10 de março, 2017, de <file:///C:/Users/usuario/Downloads/154-Texto%20do%20artigo-866-1-10-20120629.pdf>
- Freud S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância 1910. In Freud, S. *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago. pp. 59-124.
- Gaskell, G. (2015). Entrevistas individuais e grupais. In Bauer, M. W. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Gutman, J. & Gaspari, R.C. (1996). Funcion paterna. Dos modalidades de circulación: renuncia y cesion. In: Berenstein, I. et al. *Família e inconsciente*. Buenos Aires: Paidós.
- Grossi, M. P. (2003). Gênero e parentesco: Famílias gays e lésbicas no Brasil. *Cadernos Pagu*, 21, 261-280.
- Horkheimer, M. (1990). Autoridade e Família, em *Teoria crítica: uma documentação* – Tomo I. Tradução Hilde Cohn. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo.
- Jesus, J. G. de (2012). Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. *Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. Brasília [publicação on-line]. Recuperado em 06 de agosto, 2018, de <http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>
- Lima, S. S. D. (2011). *Escola e família: problematizações a partir da homoparentalidade*. Recuperado em 15 de maio, 2018, de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36339/000817622.pdf?sequence=1>
- Lobo, P. L. N. (2002). Entidades familiares constitucionalizadas: para além do *numerus clausus*. *Anais do III Congresso Brasileiro de Direito de Família. Família e cidadania: o novo CCB e a vacatio legis*. Belo Horizonte: Del Rey.

- Losacco, S. (2008). O jovem e o contexto familiar. In ACOSTA, A. R. & VITALE, M. A. F. (Orgs.) *Família, Redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: Cortez.
- Louro, G. L. (1999). Pedagogias da Sexualidade. In Louro, G. L. (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2000). Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, 25 (2), 5-524.
- Machado, L. R. S. (1998). O “modelo de competências” e a regulamentação da base curricular nacional e de organização do Ensino Médio. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, 4, 79-95, ago./dez.
- Mello, L. (2005). Outras famílias: A construção social da conjugalidade no Brasil. *Cadernos Pagu*, 24, 197-225.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Minuchin, S. (2009). *Famílias e casais: do sintoma ao sistema*. Porto Alegre: Artmed.
- Mitchell, J. (1987). Modelos Familiares. In Canevacci, M. (Org.). *Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva*. São Paulo: Brasiliense, pp 257-273.
- Morgan, L. H. (1987). A família antiga. In Canevacci, M. (Org.). *Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva*. São Paulo: Brasiliense, pp 54-70.
- Moris, V. L. (2008). *Preciso te contar? Paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos*. (Tese de doutorado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- Musitu, G. & Cava, M. J. (2001). *La familia y la educación*. Barcelona: Octaedro.
- Oliveira, A. L. (2015). *A homofobia com crianças filhos/as de casais homossexuais em contexto escolar*. Recuperado em 20 agosto, 2017, de http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA11_ID8697_09092015131131.pdf
- Pagliari, E. C. (2017). *Famílias homoparentais em livros de literatura para crianças: as novas configurações familiares na educação infantil*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal da Fronteira Sul, RS, Brasil. Recuperado em 22 agosto, 2017, de <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/503/1/PAGLIARI.PDF>.
- Perroni, S., & Costa, M. I. M. (2008). Psicologia clínica e homoparentalidade: Desafios contemporâneos. *Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder*. Universidade Federal de Santa Catarina .Florianópolis, Brasil.
- Pinheiro, V. P. G. (2011). Preconceito, moralidade e educação moral para a diversidade. *Revista Brasileira de Educação*, 16 (46), 215-233.
- Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) (2010). *Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República*. Brasília : SEDH/PR.

- Quixabeira, L. (2016, janeiro 21). “ideologia de gênero” 17 vereadores assinam requerimento que suspende distribuição de livros didáticos. *Jornal Opção (online)*. Recuperado em 20 de agosto, 2017, de <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/17-vereadores-assinam-requerimento-que-suspende-distribuicao-de-livros-didaticos-57389/>
- Reichert, C. B. (2011). Educar para autonomia. In Wagner, A. (et al.). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed.
- Resolução CNS 466/2012. Que trata de pesquisas em seres humanos. Recuperado em 10 de maio de 2017 de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.
- Resolução CNS 510/2016. Que trata de pesquisas na área das Ciências Humanas e Sociais. Recuperado em 10 de maio de 2017 de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.
- Ribeiro, A. M., Halperin, C. K., Nogueira, E. G. F., Litvin, E. M., Fedrizzi, F. T., Cervo, L. M., & Ferreira, P. P. (2017). A importância do pai na constituição da subjetividade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(4), 143-158.
- Rodrigues, A. B., & Araújo, J. V. P. (2005). Políticas educacionais e formação de professores: novos desafios, velhas indagações. *Anais do 3º Encontro de Pesquisa em Educação e Congresso Internacional de Trabalho Docente e Processos Educativos*, 1 (1).
- Rodrigues, C. C. L., Américo, M. D. J. S. & Guimarães, J. T. S. (2016). Família e homossexualidade: Um estudo sobre as percepções das famílias homoafetivas na cidade de Breves–Região do Marajó/Pará. (Trabalho de Conclusão Curso), Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Breves (Marajó/Pará).
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Tradução A. Telles. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sánchez, F. L. (2009). *Homossexualidade e Família: novas estruturas*. Tradução Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Artmed.
- Santos, R. (2009). O papel da família e da escolar no processo contemporâneo de socialização primária: uma reflexão sociológica sobre representações e expectativas institucionais. In: Goettert, J. D; Sarat, M. (Org.) *Tempos e espaços civilizadores: diálogos com Norbert Elias*. Dourado, MG: Editora da UFGD. pp. 155-176.
- Sarat, M. (2009) Relações entre gerações e processos “civilizadores”. In: Goettert, J. D; Sarat, M. (Org.). *Tempos e espaços civilizadores: diálogos com Norbert Elias*. Dourado, MG: Editora da UFGD, pp. 103-119.
- Silva, M. R. D. (2001). Currículo, reformas e a questão da formação humana: uma reflexão a partir da Teoria Crítica da Sociedade. *Educar em Revista*, (17), 111-123.
- Souza, É. R. (2006). Família e parentalidade homossexual: Revendo teorias, repensando práticas. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 17(2), 283-298.
- Suannes, A. (1999). As uniões homossexuais e a Lei 9.278/96. *COAD*. ed. Especial, out./nov..

- Uziel, A. P., Andrade, R., Antonio, C. A. O., Ferreira, I. T. O., Machado, R. S., Medeiros L. S. M., & Tavares, M. (2006). Parentalidade e conjugalidade: Aparições no movimento homossexual. *Horizonte Antropológico*, 12(26), 203-227.
- Velozo, Z. (1999). Homossexualidade e Direito. *O Liberal*. Belém do Pará.
- Venosa, S. de S. (2013). Direito Civil: direito de família. 13. ed. São Paulo: Atlas, 6v. (Coleção Direito Civil)
- Wagner, A.; Falcke, D.; Silveira, L. M. B.; Mosmann, C. P. A. (2002). Comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 75-80.
- Wagner, A.; Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In. A. Wagner (Ed), *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisa e reflexões*. Porto Alegre: Artmed, pp. 19-35.
- Wirth, N. D. M. (2015). As novas configurações da família contemporânea e o discurso religioso. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero*, Florianópolis, 10 [Anais eletrônico]. Recuperado em 18 de novembro, 2018, de http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373120027_ARQUIVO_ArtigoFlorianopolis.pdf
- Zambrano, E. (2006). Parentalidades “impensáveis”: Pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizonte Antropológico*, 12(26), 123-147.
- Zambrano, E. (2007). Novas famílias [Entrevista com Faoze Chibli]. *Ciencia & Vida: Psique*, 2(16), 6-13.

Anexos

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de educação
Programa de pós-graduação em psicologia (PPGP)

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário”**. Meu nome é Roberdan Ferreira de Oliveira, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Psicologia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail: roberdanoliveira@hotmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (62) 99278-4971. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215.

Informações Importantes sobre a Pesquisa:

1. **Título:** Famílias Homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário.
2. **Justificativa:** Diante dos novos arranjos familiares como famílias homoafetivas, a escola passa a ter o desafio de educar sem deixar de legitimar tais famílias que são reconhecidas legalmente. Contudo, pode-se questionar se os conceitos de homoparentalidade e homoafetividade são trabalhados e problematizados no espaço escolar por meio de práticas curriculares, bem como quais os discursos utilizados por professores para abordar a instituição familiar.
3. **Objetivos:** Essa pesquisa tem o objetivo de discutir a realidade das famílias homoparentais em relação ao contexto escolar de seus filhos, verificar os conflitos, desafios e possibilidades encontrados por eles nesse contexto, além de investigar a avaliação feita pelas famílias homoparentais em relação à formação dos professores e material didático utilizado por eles no ensino de família.
4. **Procedimentos:** esta é uma pesquisa qualitativa que para coleta de informações será utilizada entrevista semi-estruturada com famílias homoparentais de Goiânia que tenham filhos com idade superior a 5 anos em contexto escolar. A entrevista será gravada, transcrita para que seja feita a análise das informações.
5. **Riscos e benefícios :** esta pesquisa presa por riscos mínimos para os participantes e pesquisadores no seu desenvolvimento. Considera-se como risco o participante sentir-se exposto e envergonhado ao declarar sua percepção, assim como constrangimento para falar dos conteúdos e opinar sobre sua experiência, além do medo da exposição no contexto escolar de seus filhos. Porém, é importante ressaltar que todos os dados serão mantidos em sigilo absoluto pelos pesquisadores responsáveis e a identidade dos participantes será resguardada. Caso ocorra qualquer intercorrência, será garantido ao participante da pesquisa assistência psicológica e gratuita pelos danos diretos ou indiretos, imediatos ou tardios. Os benefícios estão relacionados ao aprimoramento da arte de educar diante dos esclarecimentos e necessidades de mudança na maneira de pensar as relações e orientações no contexto escolar, o que se amplia à sociedade, meio

acadêmico e científico na discussão sobre o tema. Além de contribuir para a formação profissional do educador.

6. **Pagamento:** a participação é de caráter voluntário e não será oferecido nenhum tipo de pagamento pela participação assim como nenhum ressarcimento caso o participante tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, tais como transporte, alimentação entre outros.
7. **Garantia do sigilo e confidencialidade:** será preservada a identidade do participante, assim como as identidades de todas as pessoas por ele referidas. Os pesquisadores se responsabilizam pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição dos dados na pesquisa.
8. **Garantia de acesso:** fica garantido ao entrevistado, em qualquer momento, o acesso ao pesquisador e à instituição, para o esclarecimento de eventuais dúvidas através do contato do telefone e e-mail do pesquisador informados anteriormente e também na Universidade Federal de Goiás – situada na rua 235, 307 - Setor Leste Universitário, Goiânia - GO, 74605-050.
9. **Garantia de saída:** fica garantida ao entrevistado a liberdade da retirada de seu consentimento a qualquer momento, deixando de participar desta atividade, sem sofrer qualquer prejuízo.

Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito(a) sob o RG/CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **“Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário”**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador responsável Roberdan Ferreira de Oliveira sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Autorizo a gravação em áudio da entrevista e sua posterior transcrição pelo pesquisador responsável, para fins de ensino e pesquisa. Autorizo a publicação deste material em meios acadêmicos e científicos e estou ciente de que serão removidos ou modificados dados de identificação pessoal, de modo a garantir minha privacidade e anonimato. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

_____/____/____
Assinatura do(a) entrevistado(a) local data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deste (a) entrevistado (a).

_____/____/____
Assinatura do (a) entrevistador (a) local data

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de educação
Programa de pós-graduação em psicologia (PPGP)

ANEXO II - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Titulo do trabalho: **Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário.**

Identificação: nome, idade, profissão, nível de escolaridade, idade e período escolar do(s) filho (s).

- 1) O que é família pra você? Como você ensina ou ensinou o conceito de família pra seu filho?

Caso não seja mencionado, pergunta substitutiva:

- Como é formada sua família?
- 2) Como é pra você ter uma família homoafetiva? Como você percebe seu filho nesse contexto em casa?
 - 3) A escola sabe como é formada a família de seu filho?
 - 4) Seu filho já vivenciou alguma situação de preconceito na escola por ter uma família homoparental?

Caso não seja mencionado, pergunta substitutiva:

- Seu filho já vivenciou algum tipo de conflito ou indagação na escola em relação à família que ele pertence?
- 5) Você já vivenciou situação de preconceito na escola de seu filho por fazer parte de uma família homoparental?
 - 6) Quais os principais desafios pra você em relação a educação de seu filho na escola ligados ao seu formato de família?
 - 7) Você tem contato com outros pais e outras famílias no contexto escolar de seu filho? Se sim, em sua opinião, como eles lidam com sua família?
 - 8) Você tem acesso aos professores do seu filho? Como você percebe que eles lidam com o tema homossexualidade?

Caso não seja mencionado, pergunta substitutiva:

- Na sua percepção, em relação ao ensino de seu filho na escola, você considera que os professores são capacitados ou apresentam capacidade para trabalhar com temas como: diversidade, igualdade, preconceito e diversos arranjos familiares?
- 9) Como os professores de seu filho ensina o conceito de família? Você se sente contemplado(a) nesse ensino?
- Caso não seja mencionado, pergunta substitutiva:
- Você já verificou como os livros utilizados pela escola de seu filho trabalha o tema família?
- 10) Você percebe alguma diferença no comportamento dos professores para com seu filho em relação às demais crianças no contexto escolar?
- 11) Diante de todo contexto e diferentes arranjos de família hoje existentes, quais as possibilidades você acredita que a escola tem de trabalhar com todas as crianças sem preconceito?

ANEXO III - GUIA DA ENTREVISTA SEMI-ESTUTURADA

Objetivo Geral: - Discutir a realidade das famílias homoparentais em relação ao contexto escolar de seus filhos.

Objetivos específicos	Questões Gerais	Questões Específicas
1) Verificar através das famílias homoparentais os conflitos, desafios e possibilidades da educação no cenário escolar de seus filhos.	1) Qual seu nome, idade, profissão e nível de escolaridade? 2) Como é formada sua família? 3) Qual idade de seu filho e qual período escolar ele se encontra? 4) O que é família pra você? Como você ensina ou ensinou o conceito de família pra seu filho? 5) Como é pra você ter uma família homoafetiva e como você percebe seu filho nesse contexto em casa? 6) A escola sabe como é formada a família de seu filho? 18) Diante de todo contexto e diferentes arranjos de família hoje existentes, quais as possibilidades você acredita que a escola tem de trabalhar com todas as crianças sem preconceito?	7) Seu filho já vivenciou alguma situação de preconceito na escola por ter uma família homoparental? 8) Seu filho já relatou em algum momento algum questionamento das outras crianças em relação à família que ele pertence? 9) Você já vivenciou situação de preconceito na escola de seu filho por fazer parte de uma família homoparental? 10) Quais os principais desafios pra você em relação a educação de seu filho na escola ligados ao seu formato de família? 11) Você tem contato com outros pais e outras famílias no contexto escolar de seu filho? Se sim, em sua opinião, como eles lidam com sua família? 12) Seu filho já vivenciou algum tipo de conflito ou indagação na escola em relação à família que ele pertence?

Objetivos específicos	Questões Gerais	Questões Específicas
2) Verificar como as famílias homoparentais consideram a formação e capacitação dos professores em relação ao trabalho com diversidade, igualdade, preconceito e diferentes arranjos familiares.	14) Na sua percepção, em relação ao ensino de seu filho na escola, você considera que os professores são capacitados ou apresentam capacidade para trabalhar com temas como: diversidade, igualdade, preconceito e diversos arranjos familiares?	13) Você tem acesso aos professores do seu filho? Como você percebe que eles lidam com o tema homossexualidade? 17) Você percebe alguma diferença no comportamento dos professores para com seu filho em relação às demais crianças no contexto escolar?
Objetivos específicos	Questões Gerais	Questões Específicas
3) Investigar como as famílias homoparentais avaliam o material didático utilizado pelos professores educadores em relação ao ensino do conceito de família.	16) Você já verificou como os livros utilizados pela escola de seu filho trabalha o tema família?	15) Como os professores de seu filho ensina o conceito de família? Você se sente contemplado(a) nesse ensino?

ANEXO IV – PARECER DE APROVAÇÃO DO PROJETO PELO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário

Pesquisador: ROBERDAN FERREIRA DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 95250418.4.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.834.126

Apresentação do Projeto:

Estudo desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da UFG. Trata-se de pesquisa qualitativa ancorada na teoria crítica. Propõe identificar os desafios da educação de filhos de famílias homoparentais de escolas públicas e privadas de Goiânia. A coleta de dados será por instrumento de entrevista semi-estruturada e gravada e a análise dos dados por meio da análise de conteúdo na perspectiva de Burdin. A amostra pretendida é de 22 participantes.

Objetivo da Pesquisa:

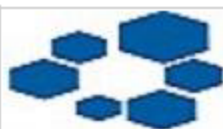
Objetivo Primário:

- Discutir a realidade das famílias homoparentais em relação ao contexto escolar de seus filhos.

Objetivo Secundário:

- Verificar através das famílias homoparentais os conflitos, desafios e possibilidades da educação no cenário escolar de seus filhos.- Verificar como as famílias homoparentais consideram a formação e capacitação dos professores em relação ao trabalho com diversidade, igualdade, preconceito e diferentes arranjos familiares.- Investigar como as famílias homoparentais avaliam o material didático utilizado pelos professores educadores em relação ao ensino do conceito de família.

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2 - Agência UFG de Inovação
Bairro: Campus Samambala, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpl.ufg@gmail.com



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 2.834.126

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O pesquisador assegura que a pesquisa pressupõe riscos mínimos para os participantes e pesquisadores no seu desenvolvimento. Considera-se como risco o participante sentir-se exposto e envergonhado ao declarar sua percepção, assim como constrangimento para falar dos conteúdos e opinar sobre sua experiência, além do medo da exposição no contexto escolar de seus filhos. Ressalta que todos os dados serão mantidos em sigilo absoluto pelos pesquisadores responsáveis e a identidade dos participantes será resguardada e que, caso ocorra qualquer intercorrência, será garantido ao participante da pesquisa assistência psicológica e gratuita pelos danos diretos ou indiretos, imediatos ou tardios.

Benefícios:

Os benefícios estão relacionados ao aprimoramento da arte de educar diante dos esclarecimentos e necessidades de mudança na maneira de pensar as relações e orientações no contexto escolar, o que se amplia à sociedade, meio acadêmico e científico na discussão sobre o tema. Além de contribuir para a formação profissional do educador.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo é bastante contemporâneo e relevante para a psicologia, a educação e as ciências sociais de forma geral.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Protocolo de pesquisa em conformidade com os pressupostos éticos de pesquisa com seres humanos. apresenta folha de rosto assinada, termo de compromisso do pesquisador, roteiro de entrevista, projeto detalhado, cronograma, orçamento TCLE detalhado e garantias ao participante da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclui-se pela aprovação do protocolo de pesquisa

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, prevista para abril de

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2 - Agência UFG de Inovação
 Bairro: Campus Samambaia, UFG CEP: 74.690-970
 UF: GO Município: GOIANIA
 Telefone: (62)3521-1215 Fax: (62)3521-1163 E-mail: cep.prpl.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.834.126

2020.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1183115.pdf	20/07/2018 00:51:28		Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.PDF	20/07/2018 00:48:00	ROBERDAN FERREIRA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	Roteiro_de_Entrevista_Semi_estruturada.docx	20/07/2018 00:44:09	ROBERDAN FERREIRA DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	Termo_de_Compromisso_dos_Pesquisadores.pdf	20/07/2018 00:43:46	ROBERDAN FERREIRA DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.doc	20/07/2018 00:43:11	ROBERDAN FERREIRA DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	20/07/2018 00:42:55	ROBERDAN FERREIRA DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 21 de Agosto de 2018

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador)

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2 - Agência UFG de Inovação
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpl.ufg@gmail.com

Apêndices

Apêndice A

Cláudio e Márcio (nomes fictícios)

R: Essa é a primeira entrevista gravada e realizada, como falei a vocês, essa pesquisa faz parte da minha dissertação de mestrado. Pesquiso sobre famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário. Antes da gente iniciar a entrevista, eu queria que vocês falassem pra mim, um de cada vez, para identificarmos. Qual o nome, a idade, profissão, nível de escolaridade, a idade e o período escolar do filho de vocês. Vamos por partes: nome, idade, profissão e nível de escolaridade.

C: Bem, nosso filho chama Bruno Martins, tá cursando o 6º ano do ensino fundamental, é... estudante né, a profissão dele (risos)..

R: A de vocês, seu nome, idade, profissão...

C: Cláudio Martins, sou professor, sou pedagogo e historiador, dou aula no estado, enfim...

R: Qual sua idade?

C: 45 anos

R: E você?

M: Meu nome é Márcio, tenho 44 ano, tô... sou formado em história e arte visual, estou atualmente na coordenação do CREAS, trabalho violação de direito, quanto violação de direito da criança e adolescente. Como diz, nosso filho tem 11 anos e está no 6º ano do ensino fundamental.

R: Okay. Só para gente pensar um pouco, o que é família para vocês?

M: Família, na verdade assim, é um... é um vínculo que na verdade representa, tem a representativa do amor, onde as pessoas, elas se unem, se dialogam, conversam, tem seus conflitos também, isso é natural e tem... se preocupa com o outro de fato né... tanto como com o que é presente, como o corpo todo.

C: É... eu penso o seguinte: família é parte do que ele colocou, as famílias... e a gente trabalhou isso aqui, aqui em casa, que é o núcleo de pessoas não necessariamente co-sanguíneo né, mas de pessoas que se respeitam, que se amam, se preocupam umas com as outras, é... que dialogam, que discutem suas diferenças, sua, é... seus ponto de vista... estão dispostos a seguir em frente juntos, daí por diante... é isso que a gente vê como família, é isso que a gente segue.

R: Entendi

C: Nossa filosofia de vida.

M: Ou que principalmente se respeitam né...

R: Como principal princípio. Dentro dessa realidade que vocês trazem, como vocês ensinam o conceito de família para o filho de vocês?

C: Bem, desde que a gente adotou o Bruno, ele... em princípio ele chegou com aquela visão da família tradicional: um homem, uma mulher e a primeira coisa que a gente fez foi apresentar um outro modelo que ele não conhecia. Que família não está relacionado ao sexo das pessoas, aliás, nem ao gênero delas e sim, a outro conceito voltado pra isso que eu já falei né, que é a questão do respeito, do cuidado, da atenção, da forma, é.... existe uma forma na sociedade sobre família, que é esse jeito todo redondinho que as pessoas colocam, mas ao mesmo tempo a gente colocou que também existe uma forma redondinha também de se viver em família, que não necessariamente é com um homem com uma mulher, mas... é... e aí a gente utilizou o exemplo do nosso cotidiano como professor, por que o conceito de família hoje, a gente fala muito da conquista como gay, mas também tem a família onde os avós cuidam dos filhos, onde tios cuidam dos filhos, então a gente procurou trazer esses outros exemplos também de família para que também ele não se sentisse também sozinho no ninho, então a gente procurou trabalhar com ele dentro dessa linha, trazendo outros exemplos e foi bem tranquilo.

R: Como que vocês consideram que é formada a família de vocês hoje?

C: A nossa família é formada.... bem... a base como a gente já falou, a gente preza muito pelo respeito, cuidado, é... o diálogo acima de tudo, sempre o diálogo, e ela é formada por pessoas que tem o extremo interesse no bem estar do outro. Tem extremo interesse no cuidado do outro. Tem extremo interesse que o outro seja feliz. Inclusive a gente faz uma coisa aqui em casa, a gente faz DR, e a gente demora na DR, se tiver que demorar duas, três horas, aonde cada um de nós falamos sobre o grau de felicidade que nós estamos, de 0 a 10, imaginariamente, a gente faz um gráfico de 0 a 10, de qual que é seu grau de felicidade. Se tiver abaixo de 10 a gente vai discutir o que é que está pegando para quem não tá 10.

R: Quem participa dessa DR?

C: Nós três, com o Bruno, então o Márcio fala sobre o grau de satisfação dele familiar, o Bruno fala, e as vezes por uma questão do respeito, ele não quer falar muito, mas a gente fala: fala, pode falar, diz, externa para gente o que você pensa, por que a gente quer resolver, a gente quer... e já teve vez da gente sentar pro café da manhã 08 horas (risos) e terminar 11 horas (risos).

R: Dentro dessa DR?

C: É... a gente faz a DR. Assim, eu penso que precisa externar aquilo que a gente está pensando. Só fechando, uma das maiores dificuldades que eu percebo hoje, até porque a gente trabalha com crianças né, com adolescentes, é que as crianças e os adolescentes, tem muita dificuldade para externar para os pais aquilo que eles pensa. Isso é importante no contexto familiar, social, escolar principalmente, por que o desafio de uma família homoafetiva ela é muito grande, apesar que nós somos muitos tranquilos. A gente não tem problemas relacionados a ser uma família homoafetiva. Mas a gente tem ensinado ele a externar o que tá ali dentro. Precisa ser falado.

M: E essa construção, ela é se baseada nessa questão da DR, por que a DR em vista da sociedade é assustador, que ninguém aceita, todo mundo corre. Só que nosso caso é necessária, por que a DR ela acontece... é... assim... na verdade, como são professores, a gente.. nós.. nós é... lida com crianças e adolescente, principalmente adolescente que não confia no seu pai, por falta de diálogo, por falta de tempo, falta de... principalmente do tempo de conversa, de ir ao cinema, de ir ao shopping, ou de ter tempo dentro da sua própria casa com seu filho, por que, a maioria deles trabalham o dia todo, alegam que trabalham o dia tempo e não tem tempo... mas vai fazer essas coisas com uma terceira, pessoa, as vezes a vizinha, as vezes a tia, a avó, e acabam deixando essa responsabilidade para outro e não tem esse diálogo, então... é necessário para que isso não aconteça, a gente reclama e não fica contente com os adolescentes em confiar mais nos professores, mais nos colegas, do que nos próprios pais. A gente não é satisfeito com essa idéia, então a gente não aceita, então, passamos a educar nosso filho com uma liberdade através da DR, para ele poder ter a liberdade de dizer qual é a dificuldade que ele está tendo, o que é que está incomodando na nossa relação a ele.. então esse grau de felicidade está baseado nesse contexto, ele vai dizendo qual a dificuldade e cada um de nós também..

C: Só que a DR não é focada nele (filho), é focada na família... é eu, é ele. É eu acho que sem diálogo “cara”, não existe. As famílias, elas hoje são desconstruídas por falta de diálogo, por falta de externar o que pensa, e aí vai desembocar na escola, vai desembocar nos colegas. Se você não educar seu filho, alguém vai educar... e por aí vai...

R: Como é para vocês ter uma família homoafetiva hoje?

C: Olha, quando a gente pensou na adoção, a gente tinha um pouco de receio, tinha receio porque não é fácil no meio dessa sociedade tão rebuscada de preconceito, de discriminação, você permear pela idéia de inserir uma família de dois barbados e uma criança, você entendeu? Então assim... os desafios foram grandes, só que a gente... depois a gente percebeu que é muito fácil, desde que você prepare o seu filho para viver dentro deste contexto. Mostrar pra ele desde a nossa... da nossa... é... intenção familiar de formar uma família, eu acho que isso precisa ficar bem claro também para criança e pra esse contexto e para as pessoas que estão a sua volta. Um dos maiores problemas que eu percebo hoje é que as pessoas, elas querem ter uma família, e estou falando do mundo LGBT mesmo, elas querem ter uma família, mas eu não sei se elas estão tão dispostas a enfrentar os desafios que uma família LGBT enfrenta... Se você perguntasse hoje: se vocês já enfrentaram dificuldades familiares por ser família LGBT, não. Nós nunca tivemos nenhum problema por ser família LGBT. Nem com amigos, nem em espaços... a gente ouve muito, muita a questão de preconceito e discriminação mas gente nunca, a gente não tem assim, um desafio de ser família LGBT, a gente não tem isso. Eu acho que onde começa o direito do outro termina o seu, onde termina o seu começa o do outro, a gente anda por esse princípio..

R: Como vocês percebem o filho de vocês neste contexto, dentro de casa diante dessa realidade, dessa família homoafetiva. Como vocês percebem o filho, como é a percepção de vocês?

C: Bem, a gente sempre procurou... as pessoas usam muito o termo normalidade dentro da sociedade. O que é que é normal? pra gente, normal é as pessoas estarem felizes, seja onde estiverem né... então a forma de, quando a gente passou a dialogar com o Bruno, aliás anteriormente, só falando uma questão antes... a gente sempre primou por uma adoção de alguém que tivesse pelo menos de 4 a 5 anos, porque.. é... psicologicamente falando é ainda bem tranquilo você cuidar... não sei se é mais fácil ou mais difícil, mas Psicologia fala que é mais fácil você tratar da educação e da percepção de uma criança dentro dessa fase de construção né.. que é a primeira infância. Então é... a gente percebe uma pessoa muito tranquila, a partir daquilo que nós passamos para ele sobre ser uma família, uma pessoa tranquila, que não tem, não se envergonha da nossa família, que não é... que é muito seguro da família que tem, a gente chega na escola por exemplo, ele nos apresenta para todos os colegas dele: esses são os meus pais. Nós temos uma percepção que a gente tem dele é de uma pessoa apesar da idade, extremamente sensata, sabedor do seu dever social, entendeu? Sabe que ele tem uma participação muito grande dentro dessa família e que ele é a parte mais importante. A gente procura colocar isso pra ele. Então a percepção que a gente tem é de uma pessoa extremamente, tranquila, não tem problema quanto a ter.. não tem nenhuma observação quanto a ter uma família LGBT.

R: De alguma forma você já responde a próxima pergunta que seria conhecer se a escola conhece, se ela sabe como é formada a família do filho de vocês.

M: Olha, antes dessa escola atual que ele tá, nós colocamos em uma escola aqui próximo de casa que é uma escola particular. Ao chegar lá na escola, ele assim... dentro desse contexto, ele mesmo e a diretora já sabia, ele chegou na sala de aula e ao se apresentar, ele se apresentou, que tinha... a professora pediu para colocar lá em um trabalho lá, para colocar o nome do pai e da mãe, ele pediu para que a professora retirasse o nome da mãe, por que ele não tinha mãe, ele tinha dois pais. Então os coleguinhas nossa....(espanto), conforme a professora relatando né... você tem dois pais pais? então eles são gays? são. E se você não sabe o que são gays, gays são duas pessoas que se amam, se querem bem...

C: Ele deu explicação para os colegas

M: E são felizes... então assim, ele foi bem sincero, e não tem vergonha de nada, ele foi autônomo na exposição dele lá, e se tornou o garoto mais... o aluno mais respeitado lá da escola entre os colegas e muito querido né..

C: Inclusive teve um episódio nessa fase, que foi a fase da terceira série, quarta série, e essa a gente achou que seria a fase mais desafiante... só que foi bem tranquilo mesmo.. eu não sei, talvez da forma como a gente fala pra você Roberdan, parece que é a família estrelinha... mas o pior é que é mesmo cara, você entendeu? a gente não tem esses perrengue que eu tenho outros amigos que tem criança, que adotaram crianças, eu vejo os perrengues que eles passam, mas eu creio que o maior desafio é dentro da sua casa, porque se você preparar o sujeito para encarar os problemas lá fora, ele vai estar forte, ele vai andar de cabeça erguida, você entendeu? ele vai se colocar na posição de pessoa forte, de pessoa que não é diferente de outra pessoa, entendeu? então você tem que preparar seu filho é em casa e num desses casos no dia das mães, é... tinha lá os coraçõezinhos lá no mural, e aí ele falou olha... ele conversando com uma colega, ele falou, mas aqui tá

pedindo para colocar a mãe. A colega dele falou assim: coloca o nome dos seus pais, coloca lá uai... ele escreveu meu nome e do Márcio e colocou lá no meio lá do mural, da escola e fomos nós lá para o dia das mães sendo a coisa mais normal do mundo... vamos lindas...

M: E quanto a escola, ao sair dessa escola, fomos pra escola do município né, que é o Eurico Bacenoco, a escola ao saber que a gente estava entrando, nós ficamos muito felizes com a recepção da escola, por que foram duas horas de entrevista né... aquele bate papo de conhecimento, que reuniu a diretora, vice-diretora, coordenadora, professora e mais um outro membro lá, que não sei se era Psicólogo da escola. Todo mundo numa sala só pra gente conversar. Qual era a relação que a gente tinha com ele, com ele nos via, como a gente via ele... então, qual o comportamento dele na escola anterior.. então queriam saber tudo, é uma coisa, como professor de escola pública a gente ficou assustado por que na escola não se faz isso, qualquer um pode colocar a criança sem nenhuma identificação, até se a pessoa seqüestrar a criança, pode matricular sem nenhum problema, e lá não, lá queriam toda essa exigência se de fato se era família ou não. Aí então a escola já estava ciente da entrada do Bruno e da recepção foi muito boa e aí ao chegar nessa escola nova, nós estava preocupados também na escola nova, e no primeiro dia a professora falou assim: olha nós vamos fazer jogos de xadrez. Aí ele falou assim, não professora, se a senhora quiser é, que eu ajude, meus pais eles são ótimos, e eu sou muito bom para jogar xadrez, eles me ensinaram. Aí então os meninos resolveram procurar ele ao invés da professora (Cláudio interrompe)

C: Ele tem uma auto-estima muito elevada, então assim ó, pra ele a gente fica com super protencionismo e eu sou pãe coruja, galinha choca, sou mega protetor, e assim, eu quero saber tudo que ocorreu na escola, e uma das coisas que eu fiz ele prometer que se ele fosse discriminado de alguma forma eu queria saber, e não é pra esconder e tal.. mas lá na escola é, ele é muito bem quisto, muito bem visto, é uma das crianças, segundo eles lá, palavra da escola que é muito, exemplo de turma, exemplo de sala, aí eles tem toda uma avaliação que eles fazem, eles passam o relatório pra gente como que é a criança né... Mas essas duas horas que ele falou de entrevista a gente pensou que era só com a gente, não é, é um padrão da escola de, de.. é a forma que eles trabalham com os alunos. Então hoje lá, eu não procurei saber, mas me parece que é só o Bruno que é... e é escola tradicional, escola espírita, ela é bem tradicional, mas foi exatamente o lugar onde o Bruno se encontrou, onde o Bruno se achou... A outra escola também anteriormente, apesar de ser uma escola com uma filosofia voltada para o protestantismo, mas eles tiveram assim uma tranquilidade muito grande relacionada, a não ser um problema com uma professora que começou mandar muito texto sobre Adão e Eva pra gente, mas aí a gente, fora isso a gente nunca teve nenhum...

M: A idéia de ser bem visto na escola, no entanto assim ó, até veio parabenizá-lo agora neste mês de junho por que na matemática sem fronteiras, ele ganhou medalha de ouro estadual e nacional e foi indicado para ir para China também..

R: Que bom, parabéns. Então, vocês já falaram um pouco sobre isso também, e aí assim, é claro que quando a gente fala de preconceito, a gente tá falando de formas explícitas, de

formas implícitas. Dentro dessa realidade, embora vocês trabalhem, fazem todo esse trabalho que vocês colocaram, e o próprio Bruno também de certa forma já se apropriou desse lugar né? Nessa história toda, como esse exemplo que você já trouxe dessa professora, de alguma maneira vocês já vivenciaram alguma situação de preconceito na escola diante dessa realidade, dessa configuração familiar ?

C: Nessa nova escola não, ele está lá há três anos, nessa escola zero, nunca tivemos. Na outra escola nós tivemos, é... desde o primeiro ano que ele morou com a gente, aliás, a gente sempre teve, acho que é importante frisar isso Roberdan, que a gente sempre primou o seguinte: é... se você vai adotar uma criança, você precisa ter tempo pra ela. Então quando a gente pensou em uma adoção, eu baixei minha carga horária de escola, e aí nessa escola, primeiro a gente colocou ele em tempo integral, apesar de ser uma escola particular, mas a gente resolveu pagar dois turnos para que ele ficasse. Não deu certo. É, mas a escola lideu, lidou ou lidou muito bem com essa situação, e, e a gente também. Mas quando a escola mudou de direção, aí entrou essa dita professora. A forma de discriminação dela nunca foi assim aquela discriminação direta, como a gente acompanha até hoje todas as atividades pedagógicas dele na escola, a gente começou perceber que estava muita tarefa vinda voltada para Bíblia, e... falando de Adão e Eva, Salmos que eram encaminhados e tal, e aí, veio a primeira, a segunda e eu falei, uai, tem alguma coisa errada, e não vinha e tal. E aí a primeira coisa também como eu falei, acho que, acho que a gente precisa tratar o filho... chamei ele e falei olha, é... essa professora... e ela cativou ele demais, quando a gente levava ele para escola, ele passava e pegava florzinha para levar pra ela, e aí a gente começou perceber que estava acontecendo alguma... nessa relação não estava normal. E aí eu chamei a diretora da escola e falei para ela, olha: está acontecendo uma situação, eu to recebendo muita atividade voltada para esse assunto e já tá me enchendo o saco, eu não sou de meias palavras, tá. Quando foi, ela cometia também muitos erros também de Português lá nas tarefas e tal, não percebia também os erros de Português dele e a gente, e ser filho de professor não é coisa fácil. Mas olha onde que isso chegou. Derrepente um dia nós estávamos aqui em casa e chegou a mensagem do conselheiro tutelar dizendo que tinha uma denúncia, um denúncia no conselho relacionada a nós dois. E aí a gente ficou uai, então queremos saber do que se trata. É... a denúncia era bem pedagógica, bem voltada mesmo por que a denúncia falava que a gente obrigava o Bruno a estudar (risos) não sei até onde que não se pode

M: Que ele tinha dificuldade e TDH e a gente forçava ele, mas na verdade a intenção era por que ela não nos conhecia, a idéia era a notícia chegasse até aqui que a criança era criada por dois homens.

C: Sei que aí chegou e na hora que chegou, nosso Deus.. na hora veio ela na cabeça, na hora. Só peguei a denúncia fui lá no... O conselheiro inclusive falou assim, como nós somos muito conhecidos aqui, o conselheiro falou assim: a gente sabe que não procede. Eu falei não, você vai cumprir certinho o seu papel. Você vem aqui em casa, eu quero que você perceba a vida do Bruno e é até bom pra gente se homologar, quero que você conversa com ele e tal... Marquei e fui na escola, levei a denúncia lá, chamei a diretora e falei: olha, olha, nós recebemos essa denúncia, e eu só não vou afirmar e reafirmar que foi a sua professora por que, é.. eu não vi e ela não se identificou, por que foi pelo disk 100. Aí

ela pegou, deixei uma cópia com ela lá e fui pro conselho, e enfim, marcou, ele veio tá, viu que não havia procedência e teceu, colocou lá no relatório uma série de elogios relacionado à nossa família, mas é... e posteriormente veio a polícia civil, do DPCA que trata do estatuto da criança, veio também. Então quando veio, mais uma vez, sentou e tal e percebeu que realmente não tinha nenhuma.. não era evidente.

R: Mas a DPCA ela veio, eu não entendi bem, foi por outra denúncia?

M: A mesma, a mesma denúncia, até por que o Disc 100 como eu trabalho com visita de disc 100 também, com violação dos direitos de crianças e adolescentes, aí ele quando chega lá eles mandam para ministério público, para todo departamento, até para o meu departamento também para fazer visita, só que não chegou no meu, não chegou no meu, já que a denúncia era pra mim, não, então, aí quando o conselho chegou aqui para conversar com ele e viu que ele tinha acabado de ler um livro dos dois trabalhos de Hércules, quatrocentas e poucas páginas, ele começou a contar, ele gostava de ler e contar. Pois bem, como uma pessoa com TDH dá conta de ler e explicar, e ele teve que pedir orientação como que a gente estava fazendo para educar o Bruno tão bem, por que ele queria passar isso também para o filho dele que estava tendo dificuldade e preguiça, conforme a fala dele tinha preguiça de ler.

C: A gente apresentou a educação que a gente oferecia para Bruno e que o Bruno não era por que o que acontece, voltando ao foco, o foco dela não era a questão de... o foco dela era dismantelar a família, era mais ou menos isso, então ela articulou uma situação ali... só que não era a escola, era uma professora, evangélica que tinha isso e tal... então quando ela percebeu que a coisa ficou séria mesmo, inclusive ela não tinha coragem de olhar pra gente. A gente levava o Bruno na porta, as vezes que a gente foi lá na escola. Mas aí quando a DPCA vem aqui só, recapitulando, a denúncia vai para o ministério público, o ministério público manda para conselho tutelar, o conselho tutelar manda aciona a DPCA e a DPCA faz a investigação. Então quando eles chegaram aqui, eles foram, eles fazem essa investigação para saber como que funcionava e tal. Esse foi o único contratempo que a gente teve, aí passou um tempo a gente percebeu que realmente a escola não estava suprimindo aquilo que a gente buscava. A escola que ele está hoje é uma escola mais burocrática, exige mais do aluno, mas é uma escola de primeira, uma escola muito boa, e lá a gente nunca teve nem briga com professor nem com aluno, nem com ninguém não.

R: Então se a gente fosse fazer uma relação aqui entre a possibilidade do Bruno ter vivido preconceito, seria também nesse contexto, e se a gente fosse colocar uma idéia de vocês terem vivido preconceito diante da escola, também estaria relacionado a esse mesmo contexto.

C: Seria esse o Contexto

M: Mas eu não acho que esse contexto seria voltado para o Bruno, seria na visão da professora não aceitar dois homem viverem juntos.

C: A família né

M: A família

- C: Esse formato de família, aquela velha história que a gente sabe arcaica que a gente sabe das pessoas acharem que Deus criou a família do ponto de vista que eles entendem. Então o foco, claro, não seria ele, mas desarticular, ou causar alguma coisa, e não pensar no bem estar da criança, acho que era focado no núcleo familiar mesmo, o formato da família.
- R: Em relação ao Bruno em si vocês não tem nenhum relato de nenhum preconceito direto com ele.
- C: Direto não, a gente... como que a gente trabalha com o Bruno nessa questão, por exemplo, eu falo pra ele assim... toda semana a gente tem essa conversa e a gente fala: filho, houve alguma, algum tipo de preconceito de discriminação relacionado a sua família, relacionado à questão dos seus pais ser gays... Mas eu tenho algumas coisas que eu faço com ele também. Hoje não tem necessidade, mas eu perguntava para ele assim: se alguém chegar e falar por exemplo, você tem dois pais “gayzinhos”, o que você vai fazer? qual vai ser sua postura diante disso? Se chamarem seus pais de “viadinhos” na escola, isso pode acontecer com certeza, é... então a gente sempre tratou com ele e ele sempre falou, olha papai, pessoas que pensam assim da minha família, não é digno de ser meu amigo e eu não vou andar com eles e eu não vou dar moral, não vou é... é me envolver nesse tipo de assunto e além disso, a gente já fala também já desde agora, a gente já fala se você arrumar uma namorada por exemplo que, que, que discriminar você por você ter pais homossexuais e tal. Ele repete a mesma coisa, que ela não seria digna de namorar com ele por que, alguém que não respeita a família dele, não namoraria com ele. Então essa é a visão que a gente passa para o Bruno de cotidiano e até o presente momento a gente nunca teve nenhum relato relacionado a isso não.
- R: Vocês já falaram um pouco sobre isso também, mas só para gente enfatizar, quais seriam então os principais desafios que vocês consideram em relação à educação do filho de vocês, ligados à escola diante desse formato de família.
- C: O principal desafio é prepará-lo, para esse contexto normativo que existe, não só na escola mas acho que na sociedade, mas como lá é o lugar que ele passa mais tempo, a gente, achava que o maior desafio era a questão de ensiná-lo a se defender, entendeu? mas aí a gente pensou o seguinte, mas como que a gente vai ensiná-lo, só a palavra se defender eu acho que ela já soa como que eu estou em perigo, então eu não procurei andar por esse caminho e o Márcio também procurou não andar por esse caminho, mas, é, o desafio maior... não sei se é desafio, por que, conforme eu te falei, nós temos uma forma de ver a escola, de ver o mundo, eu acho que pelo fato de sermos professor, a gente sabe como funciona as normas, os caminhos que a gente deve seguir em casos de discriminação ou coisa parecida, eu vejo que como desafio, seria, a não sei... o que é que seria um desafio maior na escola? a gente nunca percebeu nenhum tipo de problema relacionado a escola. Eu sei de relatos que, que, que as vezes as pessoas não, os próprios pais não quer que o filho fale que seja filho de gays, para não gerar problemas para ele, mas no nosso caso é totalmente atípico, é escancarado a nossa vida, a gente não tem... o Bruno não tem problema em relatar que tem dois pais. Eu acho que um dos maiores desafios de famílias homoafetivas é tentar transformar a família LGBT em algo normal, eu acho que esse é

um desafio, e precisa ser normal na cabeça da criança, e a gente conseguiu isso com o Bruno, ele não tem nenhum problema sobre, é, com relação a ter uma família nesse formato, você entendeu? Então, desafios, expressivos assim a gente nunca teve assim. Reunião de pais por exemplo nas escolas, lá estamos nós, um do lado do outro, da série dele né, desde que ele começou estudar nessa escola né, foi no quarto ano.

M: Dia dos pais

C: Dia das mães, lá estamos nós também

M: Festa junina

C: Festa junina, lá estamos nós também, nunca sofremos olhares, até por que a gente não permite também, a gente também tem um nariz muito pra cima cara. Eu não permito que alguém me olhe diferente, então eu acho assim, mas a gente nunca percebeu nada relacionado a isso, vou lá entendeu no mês de julho, tamo lá no mês de junho, tamo lá lindo na festa junina, dia das mães. Ele participou de tudo, apresenta a gente com dois pais pros amigos, inclusive a gente teve uma situação assim: o melhor amigo dele lá, é... bem, os dois queriam se encontrar para jogarem xadrez na casa de um ou do outro, aí a gente ligou, diante de tanta insistência dele a gente ligou pros pais do Diogo, que era o colega dele e a gente ofereceu um jantar pra eles. Então eu não sei, pais evangélicos e tal, não sei o que passou pela cabeça deles, e aí a princípio eles meio que recusaram, e... aí depois os dois insistiram para que houvesse esse jantar.

R: Os dois?

C: Os dois, o Bruno e o Diogo, os coleguinhas, eles queriam promover esse encontro, os dois por conta deles. Aí o Bruno chegou, papai, é... eu queria que o Digo viesse, o senhor liga pra ele? Aí a gente ligou denovo, e na terceira vez eles aceitaram. Na cabeça deles uma família LGBT jamais seria o que nós temos aqui. A casa não seria como é, na cabeça deles gerava assim que uma família gay era um bordel, sabe, uma coisa muito estranha. De tanto a gente insistir eles vieram. E hoje nós somos amigos, por que desmistificou na cabeça deles. Ai veio, nós fizemos o jantar, tudo organizadinho e tal, e aí eles externaram pra gente, então hoje a gente tem uma, quando a gente se encontra, inclusive nas reuniões de pais, seta próximo e tal. O Bruno procura, a gente deixa que o Bruno vá pra casa deles, e vice-versa. A gente leva o Bruno na casa dos colegas, ele apresenta a gente pra família, a gente vai lá também saber o lugar onde ele está e se apresenta como os pais do Bruno. Então não sei, pra gente, o desafio é viver essa normalidade que não é desafio, pra mim é normal a nossa vida e anormal é quem pensa diferente disso.

M: Nós levamos e trazemos ele para escola, e todo dia perguntamos para coordenadora como está ele também na escola. Então é necessário que a gente esteja do lado acompanhando ele. Ele tem que sentir que estamos do lado dele. Essa idéia de falar assim, não... chegar e aí como que foi? só perguntar não. Ele fala, a visão dele, a visão da coordenadora e também a nossa visão de fora também que a gente leva, nós levamos e trazemos ele também. Então é necessário que a criança sinta que ele está sendo protegido e amado né.

- R: Nessa relação é interessante que vocês vão respondendo as próximas. Como é o contato então com esses outros pais, com outras famílias, no contexto da escola. Se vocês tem? vocês já responderam que sim nesse contexto. Na sua opinião como eles lidam com essa realidade.
- C: É aquilo que eu falei, é em princípio como eu te falei, é uma.. eles acham assim, que a vida gay é uma vida totalmente um bordel. Que não existe seriedade nisso, e que a partir do momento que eles passam a conviver com gente, até por que eu sou muito crítico, sou muito chato mesmo no sentido de educação de filhos. Quando a gente pensou em adoção, a gente foi buscar bibliografia sobre isso e a gente foi pro Isamitiba e eu adoro a mentalidade dele relacionado à criação de filho, então, é, e a gente tem muitos casais heterossexuais que tem filhos também. Os nossos amigos que frequenta a nossa casa temos muitos, na verdade a gente tem mais casais héteros com filhos do que homossexuais, que ainda são poucos, ainda são muito poucos. A visão deles até nos conhecer, até conhecer a nossa casa é totalmente tosca. Eles acham, ah, aquela velha história, filho de gay vai ser gay, e as vezes a gente fala mesmo, nós somos filhos de héteros e mesmo que fosse, e aí, se filho de gay também for gay, qual o problema nisso? A gente não leva, a gente não trata isso como um tabu, ou coisa, mas a visão deles até nos conhecer é exatamente essa, tosca, totalmente torta, depois fica tudo tranquilo.
- M: Essa relação com a família por exemplo, teve um colega dele da primeira escola aqui, e precisavam fazer um trabalho e os pais vieram e deixaram a criança na porta e a criança entrou, a gente não conhecia os pais, deixou, vieram fazer o trabalho. O menino veio passar a tarde toda aqui e os pais nem vieram conhecer? Nós pegamos e ligamos para os pais, voltam aqui agora, volta, seu filho está nas mãos de alguém estranho, como assim você deixar, sem saber com quem você deixa o seu filho. Pronto, eles voltaram e nos conheceram e assim sim, a partir daí teve uma relação boa, por que começamos a conversar e eles já começaram a admirar dessa exigência que é necessário que o pai acompanhe. Eles gostaram muito dessa atitude e todas as vezes eles vinham, conversavam, deixavam e voltavam. Mas tinha que ter esse contato, se estou deixando meu filho.
- C: E também quando existe algum encontro por exemplo do Bruno com os colegas, é.. nenhum fica naquela procura: ah você tem dois pais?... não. Eu acho incrível a atmosfera que ele mesmo cria, ele mesmo cria essa atmosfera onde ele não tem que ficar dando explicação sobre a família. Aliás, aconteceu um episódio, é, onde ele... procuraram pra ele na escola. Um coleguinha: como que é ter dois pais? Ele respondeu pro menino depois: é como você ter um pai e uma mãe ué, a mesma coisa, não muda nada. Só que são dois homens. Pronto. Então ele dá resposta assim, na bucha para as pessoas assim quando perguntam. Mas é bem tranquilo.
- R: Na relação de vocês com a escola vocês já trouxeram de certa forma isso. Como é o acesso aos professores, como vocês percebem que esses professores lidam com o tema homossexualidade, não só na idéia da família em si, mas da própria homossexualidade.
- C: Olha, lá nessa escola, eu não sei se você tem algum conhecimento sobre a visão espírita da homossexualidade, mas a própria escola já trabalha isso com os professores, foi assim

uma graça do universo, a gente ter... não é fácil colocar a criança nessa escola, mas a gente ter conseguido a vaga para o Bruno lá. É uma escola conveniada com o município, mas é uma escola onde todos os professores lá, eles vivem sobre essa filosofia espírita, e a forma que eles lidam com essa questão é muito tranqüila. Nessa escola em específico. Eu sei que essa não é a realidade de todas as escolas do cotidiano dos outros. Lá por exemplo nunca fomos, tivemos um olhar sequer, ao contrário, inclusive a gente está passando nos corredores e os professores chamam a gente para conversar, para elogiar. Repito, nessa escola, os professores tem um olhar totalmente voltado para, talvez pela questão da filosofia espírita. Quando a gente foi colocar o Bruno em uma escola, a gente saiu procurando escola, inclusive lá na Abrafh a gente de vez em quando dialoga, e aí, alguém pode indicar uma escola? assim e assado... A gente foi numa escolinha, tem uma escola aqui do lado de casa, a gente foi lá pra ver o dia a dia da escola, evangélica, então, eu acredito que não seria a mesma realidade de uma escola evangélica. Nessa escola a visão dos professores relacionada à homossexualidade é uma visão bem tranquila, eu acredito que por ser de uma filosofa que não discrimina, filosofia espírita. Também penso que não é padronizado isso em todas as escolas espíritas, mas lá nessa escola especificamente, nós nunca tivemos problemas.

M: Uma coisa boa é que mensalmente tem o encontro dos pais, tem essa formação que em escola pública não costuma ter. Então vai pra reunião, nois chega lá e assina o boletim recebe o aviso e vai embora não. Tem que ter a formação, a leitura de um texto, interpretação, cada um dá sua opinião. Então, a gente olha a forma como os professores se manifestam, por que todos estão presentes ali né. Falam, elogiam, pedem nossa opinião, então o respeito é muito grande, assim diante de todos os outros pais, assim a gente vê, como diz o Cláudio, nós nunca percebemos nenhuma forma, nem por parte dos pais na reunião que participa, nem por parte dos professores quanto a questão de preconceito não. Então nós estamos bem feliz na escola.

R: E na outra escola? na primeira escola?

C: Na primeira escola com exceção daquela professora que eu já citei, também até hoje inclusive os professores contactam a gente no Face.

R: Temas como diversidade, homossexualidade, diferentes arranjos familiares, preconceito, isso é... (interrompido por Cláudio)

C: Nessa primeira escola Roberdan, não era só o Bruno, esqueci de citar isso, não era só o Bruno de família LGBT não, tinha mais duas crianças lá que eram filhos de duas meninas e elas... então assim, ao mudar de direção foi que a escola passou a... e a escola também não comungava da visão dessa professora. Foi um caso isolado que não se referia à escola, mas sim ao indivíduo que resolveu tomar essa atitude, não era a escola.

R: Nesse processo de educação, como vocês percebem que os professores do Bruno ensinam o conceito de família e se vocês se sentem contemplados nesse ensino.

M: Ola só, dentro do cotidiano da escola, eles tem um livro diário, um livro de reflexão diário, então dentro desse livro de reflexão diária, eles é.. trabalham muito a questão da diversidade das pessoas e que o que importa é o respeito e a fraternidade entre todos.

C: Mas tem uma visão bem interessante da escola relacionado a isso. Eu sei que estou muito repetitivo na idéia de focar demais, mas que é essa escola, por que essa realidade não é genérica, ela não é. Essa escola é, na verdade acho que é a única que eu conheço que trabalha dentro dessa perspectiva. Por que essa escola ela fala o seguinte. Ela trabalha dentro da idéia de que é.. os filhos são frutos do universo, que estamos aqui apenas para cuidar deles como pais. E aí a escola coloca isso, não coloca isso se é homem ou se é mulher. Eles colocam que os pais são indivíduos que foram instituídos pelo universo para cuidar dos filhos. Se você pensar a partir disso, você não entra na discriminação. Então, aí a escola toda trabalha dentro dessa filosofia, e aí quando a, a forma que eles trabalham a família para os alunos, é dentro desse contexto, de valorização dos seus pais, independentemente de qual seja ou o que eles sejam, mas que ele é... então assim, que você precisa respeitar, que você precisa dialogar, que você precisa se estabelecer como família. Eles focam mais na questão é de que família é o que eu já falei, de um núcleo de respeito, independentemente se for pai, pai, mãe, mãe, ou pai e mãe ou avó e netos, que tem muitos lá nesse formato, ou tios que lá na escola também tem, então essa escola específica, ela trabalha dentro dessa perspectiva, de que a família, ela é família, não no sentido sanguíneo, mas ela é família na questão do respeito, do acolhimento, do diálogo, eles trabalham por aí.

R: Como a escola trabalha nessa perspectiva, a próxima pergunta seria se vocês percebem alguma diferença no comportamento dos professores para com seu filho em relação às demais crianças no contexto escolar.

C: Percebo, mas bem positiva, por que o Bruno é a estrela da escola, como Márcio falou anteriormente, ele foi campeão de xadrez esse ano, lá da turma dele, ele venceu todos os alunos da escola. Ele foi medalha de ouro nas olimpíadas de matemática nacional e estadual, é... ficou acertado dele ir pra China para participar, quase que eu morri, ter que liberar meu filho para o outro lado do mundo, “cruz credo”, e só que aí o prefeito se comprometeu a mandar todos e depois resolveu mandar dois, e eram oito alunos mandou só os mais velhos, então ele ficou. Então o Bruno é aquela expressiva representatividade do sucesso para escola, então é... e o melhor de tudo que eu acho assim, eu fico muito orgulho por ser filho de casais homossexuais e ele é a prova de que as crianças são educadas eu deseducadas ou tem sucesso ou fracasso pelo grupo familiar que vive. A verdade a família ela tem um papel de construção desse indivíduo, seja pais gays, pais heteros, ela tem o papel de construção desse indivíduo. A partir do momento que essa construção, ela não está sendo bem feita, ela não está alicerçada, ela não está respeitando algumas normas que são necessárias para o sucesso da criança, vai dar tudo errado, independentemente da qual família. Então o Bruno é... quando a gente foi... a gente nunca foi chamado na escola por nenhum tipo de problema é... quando me ligaram para dar a notícia das olimpíadas, quando a escola me ligou falando ó: a gente quer que você, tem uma reunião, você e seu esposo tem uma reunião aqui com a gente, com a direção da escola, os coordenadores e todos... fiquei... gente do céu, o que aconteceu... eu estava em aparecida de Goiânia, numa reunião, só dei a volta no carro, eu tinha mais duas reuniões. Eu falei não, vou agora, quero saber o que aconteceu...

M: Eles nunca nos convocou né

- C: E aí quando a gente chegou lá nessa reunião, ela falou assim: respirem, que não tem nenhum problema. Ela teceu dezenas de elogios ao Bruno e depois deu a notícia que ele tinha sido o campeão de matemática, então, pra gente, a forma que a escola vê ele é dessa maneira. Mas eu acredito também, que se o Bruno fosse o “capeta” da escola, fosse o “cão” da escola, nós também sofreríamos as consequências por que era filho de dois gay. As pessoas te elevam ou te rebaixam de acordo com seu comportamento. Isso por que eu já vi na minha escola... isso é por que é filho de pais gays e tal... mas a gente leva o crédito contrário, entendeu? dele ser um menino muito educado, é um “gentleman” como eles falam entendeu?
- R: Pra finalizar então, só pra gente refletir um pouco, diante de todo esse contexto de diferentes arranjos da família, que hoje existe, quais possibilidades que você acredita que a escola tem de trabalhar com todas as crianças sem preconceito?
- C: Possibilidades, dessa escola específica. Vou focar denovo nessa escola, como eu digo, lá, pra você colocar o seu filho nessa escola, você tem que comungar da filosofia espírita, por que eles trabalham a doutrina espírita. E lá específico dessa filosofia dessa escola, eles tentam trabalhar o máximo possível dentro dessa questão. Por que assim, é igual eu falei que o Bruno, ele está muito tranquilo, muito... sendo muito preparado para esse mundo, que tem aí fora, mas a escola tem um papel importantíssimo por que eles ficam lá quatro horas com ele, e ele convive ali. Só em ele não ter esse tipo de... por que se fosse só uma via, se não fosse uma via dupla, tem a via dele, e a via da escola, por que se a escola não trabalhasse a cabeça dos alunos, trabalhassem a cabeça dos professores e alunos, ele ia sofrer, a gente ia ter problema em algum momento. Por que não adianta só eu dizer que não aceito a discriminação, é da minha família. Se não acontece isso lá no seio da escola, é por que a escola já faz um trabalho onde as crianças respeitam o outro, independentemente da, do núcleo familiar, da raça ou do gênero, eu acredito que a escola tem possibilidade de trabalhar isso, só que ela precisa querer trabalhar isso, que é o que acontece com essa escola: Eu sou professor há quinze anos, entendeu? aqui nessa região a gente já passamos pela maioria das escolas né Márcio. O Márcio hoje está trabalhando exatamente com o miolo dessa questão familiar que é muito grande né, ele trabalha com violação de direitos, então... Mas as escolas por aqui, não conheço uma que tenha essa pré-disposição que a escola Eurípedes Barcenofu tem, entendeu? ela tem todo um trabalho feito ali que é as crianças.. por exemplo, na sala do Bruno tem uma criança que é deficiente, a escola procura trabalhar os alunos, para que esses alunos acolham essa criança muito bem. O Bruno inclusive. O Bruno é apaixonado na criança, eles trabalham nessa atmosfera de respeito, mas não é todas as escolas. As escolas precisam realmente assumir outras condições, e eu acho também que tem outra coisa relacionada a isso, é que a gente passou a entender bem. Não vou dizer que a gente já entendeu tudo, mas a gente passou a procurar entender bem e procurar perceber se a escola está violando o de direito dele. Ele tem o direito à escola, ele tem o direito à ser respeitado nessa escola. Tem o direito, e nem todos os pais tem essa compreensão assim. A maioria dos pais eles são discriminados, ou sofrem preconceito. Eles entram no osclassismo e ficam... se enclausura na sua mágoa, no seu... como eu tenho amigos que passaram por isso e mudaram o filho de escolas várias vezes por causa disso, mas a gente teve sorte de estar nessa escola.

- M: Não é o problema da nossa escola lá, mas como professor o que eu vejo é que precisa assim. Tem muitas escolas particulares ou até público. Que falam assim: eu não tenho nenhum preconceito, mas lá dentro do ensino religioso, trazem assim: É pecado. Como fica a cabeça da criança? A escola diz pros pais: eu não tenho preconceito. Os pais começam alguns, talvez por falta de conhecimento, e começam a falar, nossa, a escola diz que não tem nenhum preconceito não, mas lá dentro do ensinamento fala que é pecado. É pecado dois homens, duas mulheres juntas. É pecado você pensar assim. Então quando as escolas levam esse contexto religioso, do que é certo, do que é errado, do que é pecado em si, acho que atrapalha muito do desenvolvimento da criança, porque lá ele vai criar uma crença assim: é só se Deus quiser, como se o ser humano não tivesse escolha.
- C: Esse é o diferencial dessa escola. Ela não trabalha a religiosidade, ela trabalha a visão de família dentro do conceito espírita, então é... e o conceito é aquele que eu já falei, então eles, é... acredito que pela metodologia que eles utilizam e pela forma como que é a filosofia da escola partindo da diretoria que é.. que a gente conhece bem. A diretora é uma pessoa muito humana, é uma pessoa assim de uma visão muito sensível a todas as questões, por que os desafios da escola não é só as famílias homossexuais. Os desafios lá são pais que espancam as crianças, são os pais, a questão do feminicídio, da agressão é.. da misogenia, que acontece dentro das famílias, então essa escola ela encontrou o caminho e eu dou graças a Deus de ter encontrado essa escola, né? por que nem todas as pessoas tem essa sorte de encontrar essa escola. Eu vejo pela Abrafh, eu vejo os comentários lá que são assim, que tem gente que mata um leão por dia e a gente chegou nessa escola que acolheu muito bem. Ele vai ficar lá até o nono ano só, por que a escola só vai até o nono ano, por que a escola só vai até o nono ano. Mas aí depois a gente já está pensando cefet (rsrsr)
- R: Bom pessoal, em relação ao roteiro é esse, a gente já o esgotou. Tem algo que vocês gostariam de falar, que não foi perguntado, ou que vocês queiram acrescentar.
- C: Não, eu acredito que, eu acho que é isso, e eu quero frisar a importância deste tipo de trabalho, por isso que eu me predispos. Pra gente que trabalha na educação e assim, é claro que a nossa realidade, a nossa situação, ela é muito positiva entendeu? Ela é muito positiva, mas não é sempre que a gente ouve histórias desse tipo. A maioria das histórias de famílias LGBT algumas são trágicas. Como eu disse tem que matar um leão por dia. Mas eu acho que esse tipo de trabalho que você está fazendo é de suma importância, eu acho que tem que ter mais trabalho desse tipo, de investigar esse núcleo escolar, de investigar essa vida que as crianças de famílias homoafetivas estão passando dentro dentro das escolas. Por que no caso do Bruno não passa, mas com certeza são dezenas de famílias que sofrem ataques de escolas, dos grupos mais extremistas. E a escola pública ela tem o tal do ensino religioso. Nesses momentos são onde as crianças são mais atacadas, por que ali é aonde acontece a questão de Deus fez isso, Deus fez aquilo.
- M: Para que a criança não sofra tanto, a educação ela tem que ser fundamental em casa, os pais não podem buscar criar seus filhos dentro de um contexto que a sociedade discrimina, que a escola discrimina e todo o mundo está contra ela, não, ela tem que preparar a criança para ser forte e que em um momento ela vai sair de casa. Ela não vai

ficar presa dentro de casa, então o que está faltando mesmo de fato é os pais deixarem de achar que amam demais seus filhos a tal ponto de não preparar eles, as crianças de que ela precisa enfrentar o mundo. Lá fora é diferente da realidade da sua residência, da sua casa, da sua família, então é fundamental, preparar seu filho para o mundo. Em todos os sentidos, no afeto, na educação, nos afazeres de casa, no geral.

C: A gente sabe também que uma matéria que seria de suma importância nas escolas e que não tem: filosofia, desde a base lá. Então o que a gente faz, a gente dá aula de filosofia para o Bruno aqui dentro de casa, a gente aplica aula de filosofia. Conhece a ti mesmo, bem socrático, conhece a ti mesmo. A gente dá aula pra ele, a gente sabe que não tem história da arte na escola, a gente dá aula de história da arte para ele em casa. Não que a gente vai fazer aquilo que a Damares quer né (risos) criar o filho em casa, mas aquilo que a gente percebe como deficiência da escola, a gente aplica. Mas a filosofia, acho que é muito importante nesse processo.

R: Okay, obrigado.

Apêndice B

Karla e Brenda (nomes fictícios)

R: Dando início a segunda entrevista da pesquisa, eu queria que primeiro, vocês falassem pra mim por gentileza só para nível de registro o nome, a idade e a profissão de você.

K: Claudia, 39 anos, administradora.

B: Brenda, 48 anos, perdão 49 anos (risos), é... dentista.

R: Qual a idade do filho de vocês e em que período escolar ele se encontra.

K: O Joaquim ele tem 4 anos e quantos meses Brenda?

B: 4 anos e 5 meses

K: Ele está na educação infantil que é o maternal.

R: Fala um pouco sobre o que é família para vocês:

B: A gente entende com família, uma união onde haja amor, principalmente em primeiro lugar, harmonia, ensinamento, é... de como conduzir uma formação, um caráter, é... é isso...

K: Família é a união entre pessoas que se amam.

R: Como é formada hoje a família de vocês.

K: Então, eu e Brenda temos união estável, e... agente.. estamos juntas a doze anos, e... a algum tempo atrás a gente decidiu formar uma família, e Brenda mais do que eu achava que a presença paterna era muito importante, então resolvemos convidar um amigo, que é o João para formar essa família. Aí nós conversamos dois anos sobre educação, como seria a educação dessa criança, religião, sexualidade, é... vários temas a gente abordou, para saber se.. se seria aquela pessoa mesmo. Dentre os amigos, ele foi o escolhido. Agora essa escolha a gente conversou sobre dois anos antes de fazer o processo de inseminação. Então hoje nossa família é composta por eu, Brenda, João e Joaquim que é o nosso filho.

R: Dentro dessa configuração, como vocês ensinam, ou como é o ensinamento de vocês desse conceito de família para o Joaquim. Vocês discutem isso com ele... como se dá...

B: Sempre, sempre fazemos questão de que ele tenha orgulho da nossa família, de que a nossa família é mamãe Brendinha, mamãe Karla, papai João... que a gente não mora todo mundo junto, mas que a gente está sempre juntos, passeando, viajando. A gente sempre procura viver momentos em família.

K: É muito natural na verdade, sabe assim a gente não fica falando ah... fulano tem uma mãe, você tem duas, sabe, é... a gente deixa isso vir dele, sabe, porque é natural, sabe? então a gente não fica dando muita ênfase nisso não, sabe? ele já percebeu que ele tem duas mães, é... mas a gente tem outras famílias que a gente convive também que tem, então ele

fala, eu tenho duas mães e um pai, mas o fulano tem só duas mães, né mãe... eu falei: é... e o outro tem uma mãe e um pai, e eu: sim... Então assim, é tudo muito natural, sabe? dessa forma....

R: Nessa pergunta que ele traz e na tentativa de se reconhecer nesta família, ele traz então a demanda desse paralelo.

K: É!

R: E esse é o momento que vocês, de alguma maneira devolvem para ele, como a configuração de vocês.

K: isso, exatamente...

B: isso, de todas as formas, com fotos, com livros.. a gente tem um livro bem bacana, aqui que fala de família, que fala de todos os tipos de família. Famílias negras, famílias brancas, famílias engraçadas..

K: Tem família que é grande, tem família que é pequena, tem família que tem um cachorro, tem animais de estimação, outras não.

B: Família que tem duas mães, famílias que tem dois pais...

K: Tem uma que não tem pai, tem uma mãe, tem dois pais, então a gente trás.. é a hora que a gente pega o livrinho e mostra pra ele, e fala, aí conversa.. a gente tem um grupo de famílias homoafetivas, multiparentais... a gente marca alguns pic niques e lá as crianças convivem, os pais conversam, trocam... tira dúvidas, principalmente no contexto escolar... e aconteceu isso, aconteceu aquilo, e aí o que você fez? sabe?

R: Seria uma maneira de legitimar, para ele e também a família dele.

K: Exatamente..

B: E que existem muitas outras, não só a dele com esse formato. Existem outras famílias... então a gente procura fazer isso..

K: E até então a família... já saindo um pouquinho, mas talvez seja interessante para você saber, é.. tem uma família que tem as crianças mais velhas, tem uma que deve estar fazendo treze anos e essas crianças, tem duas mães e um pai, são gêmeas, duas meninas. Elas então, até então, antes de conhecer o grupo, falavam: nossa, achei que nós fôssemos únicas, assim, que a minha família era a estranha, e que não, que ali elas se... as duas crianças são menores que elas, mas assim, foi bom para elas verem que elas não eram únicas e exclusivas em ter duas mães e um pai não. Então... é... isso é importante, trazer não só no livro ali, mas é o encontro né... elas se fortalecem a partir do momento que elas vêem que não são únicas. Então como a gente trabalha família é dessa forma. Trazendo um cunho natural, para que ele tenha orgulho da família dele, mas... mas... são nos encontros com outras famílias que nos fortalecemos e acho que ele também. As crianças voltam mais seguras, são os relatos dos pais né.

R: Entendi. É uma idéia de legitimar mesmo para eles. Como é para vocês ter uma família homoafetiva, ou multiparental

B: Uai.. é a realização assim, completa de uma mulher, de quer ter um filho, gerar um filho ou não, mas ter alguém com quem você possa doar seu amos e o que você tem de melhor, né.. eu acho que é uma consagração assim, dessa plenitude, de realização, é... como mulher.. é isso...

K: Ter uma família, ter um filho, é hoje uma felicidade plena.

B: E a gente é muito grata por que só quando se tem um filho é que se percebe assim... a gente passa a ter outra percepção do mundo, a gente passa a olhar as nossas mães com outros olhos e a gente melhora como ser humano, por que é alguém que está te espelhando, que está te olhando e que a todo momento copia você. Então é maravilhoso... me senti assim muito plena..

K: É isso aí, a gente assim, ressignifica muitas coisas, se reeduca por que ali você tem que dar excelente exemplo perto dele por que ele te copia mesmo, sabe?

B: E essa questão de família aí que eu quis realmente ter um pai, por que eu vim de uma família que... eu tive uma base muito sólida na minha família. Eu tenho respeito pelo meu pais, pela minha mãe, com o meu pai eu aprendi determinadas coisas, com minha mãe outras. Os dois me fizeram, é.. né.. com a personalidade que eu sou... Então eu não conseguiria fazer uma coisa diferente né? Eu na verdade não pensava nem em ter filhos, por que penso que a gente não pode ter tudo no mundo, então como eu gosto de me relacionar com uma mulher e estar casado com uma mulher, é.. eu nem imaginava essa situação, mas ela (Karla) veio com essa situação e.. com essa vontade, e a gente estudou, então, acho que o pai nesse contexto também é muito importante, pensando no nosso filho, para que ele tenha também essa referência.

K: Era assim, quando eu pensava a idéia do pai, eu falei bem... eu tive que amadurecer isso. O desejo maior de ter filhos era meu, ela foi trabalhando isso, então veio a figura do pai que ela queria, então tá... aí eu me preparei para esse pai, tanto que eu falei assim: bem (Brenda) nós temos que nos preparar por que esse pai... Se vai ter um pai, é para ser uma família, para que ele esteja presente, tanto na educação... em tudo né? Tanto que eu me preparei mais que ela eu acho para com esse pai. Tanto se ele quisesse muito esse filho, ou não, não quisesse... Então nós já vivemos os dois momentos com o pai. O momento que ele quis muito estar presente e o momento que ele se afastou. Mesmo a gente se preparando a gente sofre né, com os dois.

R: Como foi lidar com isso? como é ter a realização que vocês trazem da maternidade, de ter, de educar, mas ao mesmo tempo ter que lidar com esse pai. Por que existe uma figura paterna escolhida por vocês, embora muito discutido, a realidade quando se vivencia, muitas vezes por mais que haja um desejo lá atrás, mas entre esse desejo e realmente colocar isso em prática, pode ter momentos que entre o que eu idealizei e a realidade pode haver discrepância. Como é pra vocês lidar com isso? Como vocês trouxeram, teve dois momentos, um de muita presença e outro de mais afastamento, como vocês perceberam isso, nessa dinâmica enquanto família, por que é um membro dessa família

que tem esse movimento. Vocês se mantêm e essa figura paterna que hora esteve, hora não tanto. Como foi lidar com isso?

B: É tudo muito novo, é uma experiência completamente nova, e que a gente até gostaria que fosse diferente, no sentido de haver mais presença, mais harmonia e na verdade ao longo desses quatro anos não tem sido tão assim. As vezes nem sempre a gente consegue é... estar bem por um longo tempo, é... por questões pessoais, por questões...

K: No início a gente fala assim: bem, deve ser alguma insegurança, medo por parte dele por que ele... por achar que aqui somos duas, né? então a gente tentou é... com muita paciência, com muita cautela...

B: A gente continua tentando, agente continua construindo...

K: É.. não entrar em conflito sabe?

B: Pra nunca entrar em conflito.

K: Uma coisa que eu tenho com a Brenda é... nunca bater de frente, vamos sempre é... ouvir mais, buscar entender um pouco o que é este sentimento que ele está sentindo, por que não foi isso que a gente imaginou...

B: (interrompe Karla) um exemplo... só dar esse exemplo fazendo um adendo rapidinho, o batismo do Joaquim. A gente gostaria muito que ele fosse batizado, né? eu sou católica a Karla é espírita e nós tivemos o primeiro conflito no batismo.

K: Ele não queria que batizasse, por mais que tivéssemos conversado sobre isso assim religião: ele vai ser o que ele quiser, sabe? seja católico, é... ateu, espírita... Eu sou espírita a Brenda é católica e ele (João) é Ateu. E quando chegou para batizar ele não...

B: Ele não queria

K: Aí foi o primeiro conflito, mas acabou tudo bem

B: Foi onde como nós somos duas e ele é um, nós falamos mais forte.

K: E vai ter... (batismo) isso aí a gente não abre mão.

B: E teve o batismo.

K: Outras coisas nós abrimos mão, ele queria colocar na escola com 1 ano e 2 meses por que não queria que ele não queria que ficasse com babá em casa, eu sofri, ele era muito novo, mas assim, vamos botar na escola, ele quer tanto né?

B: E foi ótimo...

K: O enfrentamento dele, por que mãe é super protetora mesmo. Por nós estaria em casa, bebezinho, cuidado por babá, é assim aquela coisa, cuidados, único cuidado pra ele, enfim... vamos para escola, vamos, então tá, não vamos com 1 ano e 2 não vamos entrar nesse conflito. Então foi ótimo, a gente reconheceu. Então assim, nesses quatro anos, teve

momentos de alegrias de conflitos, mas tudo contornado assim, sabe? tanto que a gente nunca ficou tanto tempo em conflito sabe?

B: E sempre pensando no Joaquim

K: Nele

B: Sempre pensando no melhor para ele

K: Se não fosse nele, a gente dava um “foda-se” há muito tempo, sabe?

B: Se não fosse por ele a família não existiria..

K: É, já que tem um pai, para que eu vou entrar em conflito com ele e ele vai ficar separado, por que o que a gente quer é estar junto, tanto que a gente passa natal, ano novo, viaja, férias, as vezes viaja juntos. Ainda assim viajam juntos.

R: Dentre essa idéia que vocês traziam antes, desse desejo de ter uma figura masculina e essa realidade de vocês, nesse processo do Joaquim crescendo. Essa idéia se manteve ou nesses momentos em que o João não está tão presente. Hoje, como vocês consideram a idéia de necessariamente ter que ter uma figura masculina ou hoje mudou? Como vocês consideram isso? É necessário, não é necessário.

K: Eu acho que mesmo assim, eu trabalhei assim na minha cabeça e continuo: se essa pessoa, figura paterna não quiser, pelo menos eu iria falar assim: você tem um pai, só que ele não quer estar com você. Ele preferiu ficar longe, o nome dele é tal, essa aqui é a família dele e tal... tanto que os pais dele é muito presente na vida do Joaquim, e se quisesse muito é assim oh: seu pai quer muito que ele quer guarda compartilhada e ele quer que você fique lá na casa dele. Então... até você adquirir uma idade para falar que quer ou não você vai ter que ir. Então trabalhamos para isso, eu trabalhei principalmente para isso... Mas hoje, eu falo assim: teria denovo, por que eu vejo as amigas que optaram por banco, assim, as crianças, pelas crianças, então pra nós, nós somos adultos e damos conta de enfrentar esse conflito, seja ele qual for, do querer estar muito próximo... quando eu falo querer estar muito próximo, é assim, querer estar só com ele e não em família, por que em família está tudo bem, enquanto a gente está junto está tudo bem. A questão é quando quer levar para longe né... ah vai viver, morar comigo, aí é complicado né... não falo de um final de semana, não, sabe? enfim... Mas mesmo assim, eu acho que hoje eu acho que a Brenda estava certa em ter essa figura masculina, esse pai, esteja ele presente ou não. Baseado no que a gente vê com as crianças... o conflito que está é muito maior não ter, e falar você não tem um pai. Como que não tenho um pai? eu acho que o conflito é maior do que hoje o que a gente vive. O que a gente vive hoje é... é passível de controle.

R: E não é algo que chega até o Joaquim

K: É

B: Eu a todo momento achava que era importante, continuo achando e é... sou mais sonhadora, no sentido de ter mesmo uma família, moderna onde os pais não moram todos juntos, mas que a gente é essa instituição e o quanto a gente puder fazer coisas juntos,

vamos fazer, e quando ele adquirir a maior idade, se ele quiser por ventura morar com o pai como ela já comentou, eu sou muito tranquila em relação a isso, mas não mudou nada. Talvez o que a gente tem enfrentado as vezes entristece um pouco, por que a gente gostaria que fosse mais tranquilo e as vezes é um pouco tenso, não sei se por conta de ciúmes ou por conta de que as vezes alguém fala algo que... como todo relacionamento né?

K: Toda família tem seus conflitos...

B: Então as vezes é... as vezes acontecem algumas coisas, mas eu sempre assim... to acreditando e quero continuar acreditando que vai dar certo, vai dar certo e acho que os conflitos vão existir sempre, mas tem esse momento de me arrependi, ou achei que fosse ser diferente é.. na verdade está sendo por que é uma coisa nova né? a todo momento é uma coisa nova. Mas como a maternidade veio pra mim numa idade madura, então a gente tem uma outra cabeça, jamais botar os pés pelas mãos, jamais por uma coisa a toa já: não, não vai dar certo... não calma! Vamos pensar, vamos refletir, vamos ver quem é que vai ceder, quem é que não vai, e assim a gente vai pontuando sempre para que aquele erro não se acometa mais, mas a gente continua firme aí com essa idéia...

R: E o Joaquim neste contexto, como vocês percebem ele?

B: Cada vez mais próximo do pai, até por que de uns tempos pra cá o pai tem ficado mais próximo, então tem até... já tem tido... a gente tem tentado fazer uma rotina de um dia na semana passar a tarde com o pai, o pai pega na escola..

K: É assim, por que assim Brenda... o pai pode enfim, ter os conflitos com a gente, mas a gente não deixa chegar nele... ele nunca viu a gente falando absolutamente nada de mal do pai, sabe... até por que se a gente fez uma escolha errada não foi culpa dele, né...

B: Ele teve um momento em que ele teve muito ocupado, ele teve um determinado trabalho que consumia muito, então ele se afastou um pouco...

K: A gente sempre resgata ele, quando ele vai, quando ele arruma um namorado novo, a gente vai oh... tenta resgatar. Agora a gente criou a quinta feira pra ele pegar, pra ele passear com o Joaquim, a quinta do cinema, eles vão no cinema, eles vão fazer alguma coisa juntos..

B: A gente vai criando...

K: Nós é que criamos a conexão deles, assim, seria melhor se ele fosse pra lá e ficasse distante né? mas agora ele está crescendo... como a gente já criou, já cativou, então ele quer saber: que dia que é o dia? Já teve um dia, que era o dia de buscar, ele (João) não apareceu, não falou nada e foi o primeiro dia que eu vi ele (Joaquim) sofrendo, sabe? Chorava assim... aí ele fez uma transferência sabe? ai eu fui levar ele na natação e ele: você vai me abandonar também... se sentiu abandonado sabe? E foi triste pra mim, triste pra ele sabe? pelo menos ele conseguiu falar o que ele estava sentindo: eu tô triste, você vai me abandonar também, cadê meu pai, liga pra ele, liga pra ele que eu quero falar com

ele agora. Eu ligava e ele não atendia, sabe, e falava de abandono, falava de tristeza... Doendo... doía.. doeu sabe aquilo

B: Geral

R: Até por que hoje ele já consegue verbalizar e entrar em contato

K: Então... é... enfim... acho que gente se perdeu né? no que você perguntou?

R: Não, mas é isso mesmo

K: Então o Joaquim, então é isso... a gente assim poupa ele, ele não sabe, só sabe o lado bom do pai, sabe, as vezes você vê ali as fotos espalhadas...

B: Sabe, as vezes sabe, por que a gente as vezes comenta, está com raiva, tá grilada, fala e a criança não é, né...

K: Não, Brenda, a gente poupa ele...

B: A gente poupa ao máximo...

K: Mas ele tem um percepção...

B: Inclusive nas nossas orações, nós oramos todos os dias a noite com ele, e sempre oh, vamos rezar, vamos pedir a Deus pela vida do papai

K: Saúde e tal

B: A gente sempre agradece e sempre pede pela vida do papai

K: Que a gente viva em paz e harmonia, mas ele (Joaquim) já percebeu que o pai é mais alterado, que qualquer coisinha sabe... tanto que ele já fez alguns comentários, assim, não ele não fala...

R: Mas aí já é uma relação dos dois..

K: Exatamente, então, mas ele já percebeu, ele já sabe quem é o pai... não por nós, mas por ele...

R: Pela própria relação dele... Quando a gente fala do contexto escolar, a escola do Joaquim, ela conhece? ela sabe como é formada a família do Joaquim?

B: Sim a todo momento, inclusive nós...

K: Inclusive documentos assim que quando ele chegou, não tinha o campo das duas mães, mas hoje em dia como o documento, o RG né? hoje é filiação. Então a gente deu o feedback para escola utilizar filiação, que assim você não constrange nenhuma criança que tem... não tem um pai, por exemplo, né? Hoje em dia as famílias estão...

B: Não só no nosso caso, a gente sempre procura defender a todos, com o nosso exemplo digamos assim, não só particularmente a gente... a gente quer...

K: Acho que a construção é essa né, não é só pensando no nosso, pensando em todos que vão vir e tal... inclusive a gente orienta em relação a documentos, oh... está faltando... esse ano foi o primeiro ano que veio certinho, veio o documento que tem as duas mães e o pai, profissão das duas mães, por que assim, era um campo pras duas... mãe, aí a gente tinha que botar mães, ficava espremidos nossos dados lá né... esse ano já fizeram um documento novo.

B: Veio filiação...

R: Dentro dessa realidade que vocês descreveram agora, vocês trouxeram o exemplo do documento, no contexto escolar, devido a essa configuração da família de vocês, além da questão do documento, vocês já vivenciaram ou já tiveram alguma situação explícita ou não, pautada no preconceito dessa configuração, de ser uma família homoparental. Como vocês percebem isso? Como foi a vivência de vocês?

K: Então... não foi diretamente, mas a gente ficou sabendo no início do semestre os grupos de mães né no whatsapp, aí é uma mãe entrou no grupo e tal e logo ela anunciou que na primeira semana de aula, anunciou que a filha ia trocar de sala... aí o povo, ah pena... não sei o que... tal tal tal... aí uma das mães que é uma pessoa muito bacana que quando ela ficou sabendo que o Joaquim tinha duas mães e um pai, ela ficou feliz por que falou assim: nossa que bom que minha filha vai ter contato com essa família e com o Joaquim, ela vai ter a oportunidade de conhecer mais o mundo como é que está e ter acesso essa família né? Me deu um abraço, e ela é feminista essa mãe, e essa mãe é bem bacana... e aí ela, essa pessoa...

B: Essa outra mãe...

K: Essa outra mãe que tirou, mudou a filha de sala, chegou nela... por acaso, mas porque você mudou? (a mãe simpática perguntou para outra mãe que tinha trocado a filha de sala)... Ah... lá tem uma família lá que é gay né? o menino tem duas mães... não dou conta disso não, não tô preparada, eu não quero que meu filho tenha contato tão cedo, com essa família e eu não estou preparada... (resposta da mãe que trocou de sala)... ela (mãe simpática) falou assim: então era a oportunidade para você se preparar e preparar seu filho e “descascou” essa mulher, sabe então... ela nos contou que foi isso, por isso que ela tirou a filha da sala, pediu para trocar a filha de sala, por conta disso... não foi diretamente, eu sabia quem era a pessoa, e... mas fiquei sabendo que aconteceu isso...

B: E por ironia do destino, nos outros finais de semana subsequente, estávamos em uma festa da minha família e ela era muito amiga da minha prima...

K: Não, ela não era amiga, ela é prima por parte de... é assim, é aniversário das crianças, aí a Brenda tem uma prima primeira e essa pessoa é prima primeira do marido da prima da Brenda... Eu falei pronto... não vai conviver na escola mas vai conviver nas festas de família..

B: Evitou um local, mas encontrou a gente em outro contexto né... Então a gente ficou assim... olha como são as coisas né? Do que adianta né...

K: Pou pou ali, mas..

B: Foi uma escolha dela né... ela realmente mudou a criança de sala por conta da constituição da nossa família.

K: Mas tirando isso assim... é claro que a gente foi em um aniversário recente do Márcio né? e quando nós chegamos lá a mãe dele falou assim: Ah... eu não sabia que o Joaquim tinha duas mães, então assim...

B: Sempre tem uma voadinha também né...

K: Assim, mas não foi nada... é... negativo não, mas foi uma surpresa, é... não sabia... por que ela foi e perguntou assim: quem é a mãe do Joaquim, no grupo, meu filho Márcio quer dar um recado pra ele... era convidando ele (Joaquim) para o aniversário, não iria convidar a turma inteira... aí eu falei assim: as mães do Joaquim né... aí eu marquei, sou eu e a Brenda, mas pode falar comigo, aí ela veio e me chamou e falou, aí meu filho quer convidar o Joaquim para o aniversário e tal...

B: Mas mostrou-se bem receptiva, recebeu a gente muito bem..

R: Isso no grupo da escola?

K: Sim, ela chamou no grupo e perguntou quem que era a mãe do Joaquim, eu falei: as mães do Joaquim somos nós...

B: Para fazer um convite particular.

K: Engraçado que a gente achou assim: será que o Joaquim vai ser convidado para as festas né, com o pessoal sabendo... Nossa senhora é o mais convidado... ele é muito amigo, as crianças gostam demais dele. Aqui no condomínio da mesma forma, fora do contexto da escola, mas os vizinhos aqui, antes quanto a gente mudou, os filhos aqui era território proibido, hoje está todo mundo aqui dentro.

R: Teve essa situação aqui também no condomínio.

K: É... ah não pode ir... os meninos passavam aqui na porta e os meninos falavam, ah sua casa é linda.... obrigada, vamos entrar... não, meu pai não deixa, me proíbe, me proibiu de entrar aí... é mesmo? mas por que?... Ah não sei, não entendo... coitado... mas aí depois que vai nos conhecendo, vai... aí isso tudo cai...

R: Quando vocês trazem o relato, é tudo dentro da vivência de vocês enquanto mães. Vocês já perceberam ou já tiveram algum contexto em que o Joaquim trouxesse algo no mesmo contexto? De algum questionamento para com ele, alguma experiência dele diretamente?

B: Eu não entendi muito bem sua pergunta Roberdan.

K: Em relação a preconceito...

R: Em relação a essa vivência, por que vocês relatam a experiência de vocês como mães, mas vindo do Joaquim, algum comentário em relação a algum preconceito?

B: Não...

K: Porque a criança não tem esse preconceito, o preconceito vem dos adultos né... para eles é muito....

B: A gente percebeu um dia uma dúvida, que surgiu alguma dúvida na cabeça dele, no seguinte sentido, ele falava assim: a minha mãe é a mamãe Karla...

K: Mas ele era tão pequenininho Brenda...

B: Aí a gente esclareceu né, tal... explicou, aí ele nunca mais ele falou isso... Por que na verdade assim, claro, ela passa mais tempo, sempre passou... desde a gestação... na gestação já estava dentro dela, segundo os cinco meses de licença maternidade ou seis meses né meu bem? Então assim...

K: Mas não, nunca teve... vindo dele não...

R: Vocês já relataram, apenas para complementar: quais são os principais desafios que vocês perceberam em relação à educação do Joaquim, ligados a esse formato de família?

B: A gente encara de uma forma tão tranquila e natural pra nós que a gente pensa que é natural para todas as pessoas, e as vezes a gente esquece que a gente..

K: A gente nunca falou para ele por exemplo de preconceito, quando surgir, isso acontecer, é que a gente vai trazer... agora desafios...

B: A gente nunca teve dificuldade para colocar ele... ele hoje faz aula de música, ele hoje está na natação, ele as vezes participa de atividade de férias, né... em algumas escolas como casa da árvore né... a gente nunca... em termo de educação não... tivemos um preconceito na época do batismo, que não foram todas as igrejas que queriam nos aceitar né... nós encontramos uma igreja do Padre Alcides, que foi a que nos recebeu e falou venham por que todos são filhos de Deus. Porque a outra igreja queria certificados...

K: Não, é por que eles querem certidão de casamento...

B: Eles queriam provas né... essa foi a única dificuldade que nós encontramos...

K: Mas em relação à educação não... acho que as mesmas que todos encontram por aí..

R: No grupo de pais da escola e no contato com as outras famílias, tirando esse episódio que vocês já trouxeram, os demais para convivência é tranquilo.

K: Sim

B: Sim, a gente procura ir nas reuniões de família, as vezes, assim nós já conseguimos ir nós duas e o pai...

K: Reunião pedagógica, a gente procura ir os três juntos, justamente para fortalecer essa questão da família sabe?

B: Nas apresentações vamos...

K: Ah, já teve um... lembrei da situação agora, a Fabrícia que é essa pessoa, essa família que é feminista e tal, que nos defende, quando saiu o registro da certidão de nascimento do Joaquim, por que a princípio a gente registrou eu e o João né... e depois a gente conseguiu colocar a Brenda né... esqueci o termo que usa agora... ratificar a certidão do Joaquim para ter o nome dos três, aí a Cíntia Barcelos que é uma advogada famosa né na área LGBTI, ela postou um artigo, uma coisa na página dela e aí falando né do provimento de 63 e tal, aí a Fabrícia postou no grupo das mães, essa matéria, aí o povo ficou em entender assim... como assim né? aí eu falei pronto, agora vou ter que explicar por que senão vão achar que é poliamor, aí ia piorar a situação... mas o que que é isso, esses dois, esses três vivem juntos né, poliamor, isso é suruba, isso é...

R: Existem as fantasias.

K: E pensam isso mesmo... como assim?

B: Até por que nesse grupo das mães, claro que meu nome está lá, mas eu evito participar por algumas razões: tempo e até por que tem coisas que uma mãe tem que resolver, nós conversamos e ela...

K: Uma resolve né... somos duas, mas é uma que resolve.. tipo.. convite pra festas... confirmado... não tem necessidade das duas falarem, confirmado, confirmado...

R: Até por que em família é uma decisão em conjunto.

K: Mas aí tem o que falar... como assim? que que é isso? aí eu fui e expliquei: eu e a Brenda estamos juntas a 12 anos, na época estávamos juntas a menos né bem? enfim... eu falei, eu e Brenda estamos junta a 12 anos, e aí a gente, queria formar uma família, e convidamos um amigo e através de uma inseminação artificial tivemos o Joaquim. Hoje essa é nossa família. Na matéria tinha uma foto e tal... aí parabéns, não sei o que... falei só agora conseguimos ratificar a certidão do Joaquim e acrescentar o nome da Brenda... ah tá parabéns... mas entenderam a história.

R: A matéria da Cintia era com vocês?

K: É... aí enfim, foi postado lá, então a gente viu assim, estranheza né de alguns, mas aí eu fiquei assim... será que eles estão achando que somos um triângulo amoroso, isso aqui...

R: Existem as fantasias, não tem como fugir. No contexto da escola, como vocês percebem os professores nesse processo da educação e como vocês percebem que eles lidam com o tema homossexualidade?

K: Esse ano pela primeira vez...

B: É um desafio para eles...

K: É um desafio porque eles não sabem como lidar... por exemplo, no dia das mães, a gente sempre... na escola do Joaquim não se comemora nem dia das mães, nem dia dos pais, é o dia da família... aí só que é assim faz uma coisinha para o dia das mães, dia dos pais, mas não tem aquele evento que o pai vai lá na escola, só o dia dele, o dia da mãe..

B: É por que geralmente todas as escolas tem assim: dia dos pais, tem apresentação das crianças para os pais, o dia das mães, tem a apresentação das crianças para as mães...

K: Lá não tem, lá não tem isso.

B: No dia da família tem uma apresentação para as famílias...

K: Aí eles falam, convide um avô ou avó, convide quem... o parente mais próximo da criança... só que esse ano no dia das mães, o primeiro ano, o Joaquim está na escola desde um ano e dois meses, e tem essa professora e ele não gosta dela, tem uma coisa, ele vai pra escola e diz... ah eu não quero ir, não quero ir, e eu falei, gente tem alguma coisa, a professora é simpática, é uma das professoras mais velhas da escola, ela é jovem, mas já está há vinte anos na escola. Ele estuda no Inter América. Eu falei, tem alguma coisa, aí tá, a primeira vez que a gente recebe um, um cartãozinho no dia das mães, e desde um ano e dois meses na escola a gente sempre recebeu dois, tudo era dois que ele fazia. Aí eu falei, não é nosso né... aí na reunião pedagógica eu falei com a professora ela ficou um pouco vermelha, mas ela nem se.. pediu... aí... achei muito falsa e falei pra Brenda: Brenda, essa mulher é homofóbica é difícil para ela lidar com isso, e o Joaquim sente, e ele não aceita ela, ele prefere a auxiliar, ele tem um carinho pela auxiliar, pela outra, mas por ela ele... ele fala que ela grita, ele vive falando coisas sabe? Ele já levou para coordenação e tal, mas... não tem nada a fazer né... e eu senti, eu sinto uma falsidade nela tão grande sabe? que eu acho que tem...

B: Eu sinto que é um desafio para todas as professoras, mas elas tentam fazer o máximo de que a gente não perceba e sempre receber as duas, as vezes vão as duas levar o Joaquim, as vezes vai eu, as vezes vai ela, as vezes uma vai buscar... então assim, elas tentam viver o contexto, por que nas reuniões, elas sempre nos elogiam, sempre falam que a gente tem dado uma boa educação, elas ficam admiradas de como a gente administra tudo isso, mas eu sinto assim, que há um esforço pra elas de ter que conversar com duas mães.

K: O Joaquim pra elas é um aluno exemplar, sempre muito participa super bem de todas as atividades, da roda, da psicomotricidade, da aula de música, da aula de inglês, é um menino nota 10 em tudo e se comunica muito bem, então... aí é só elogios, a ele e a nós, mas a gente vê que não é fácil pra elas.

R: Nessa percepção que vocês trazem, como vocês consideram em relação à formação e a própria capacidade de lidar não só com a idéia da homossexualidade, mas de temas como diversidade, como preconceito, diversos arranjos familiares. Neste contexto, qual é a percepção de vocês em relação aos professores, no contexto de formação mesmo, como vocês vêem isso?

B: Delas para conosco?

R: Isso, não só para com vocês, mas para discutir temáticas como estas, se isso é abordado, se isso é trago, se isso é discutido de forma tranquila, se isso não é discutido.

K: Na escola é, tanto que tem pesquisas né.. pesquisa, por exemplo, na semana da família, que era para levar uma foto da família e a criança ia apresentar em sala de aula a família dele.

Até depois disso eu perguntei para ela, como que o Joaquim apresentou a família dele.. apresentou direitinho, seguro, falou beleza... e tem uma amostra cultural também que tem um trabalho lindo que é reconhecendo seu amigo, que é um desenhando outro, então assim... ah... o cabelo dele é enroladinho, a pele dele é mais escura, sabe... é um projeto bem bacana, e o outro do espelho sabe? um auto retrato... então acho que isso trabalha as diferenças, a diversidade...

R: Então tem uma tentativa da escola

K: Tem, muito aliás...

B: Tem...

K: Porque quando se fala com a criança em contexto de sala de aula, apresentar fora da família, longe da família, apresenta sua família... minhas mães... ah você tem duas mães? tenho... ah tá... já apresenta e o colega já apresentando e ele já conhece ali fora dos pais, por que derrepente se o, mãe o Joaquim tem duas mães? não, não, não menino, ninguém tem duas mães não, e ali entre eles é tudo resolvido

R: Essa não é só uma percepção para com ele, mas uma percepção também de que os colegas legitimam, então esse olhar, não é desse olhar da criança em si mas é o adulto que traz todas essas fantasias.

B: Eles tem uma atividade lá que é interessante que é o livrão, que é um...

K: Livrão do final de semana..

B: Livrão do final de semana que passa com cada criança e aí você posta o que família fez, o que fez, o que aconteceu com a criança naquele final de semana, então assim, eu acho que isso já é uma abertura.

K: E com fotos e relata seu final de semana com fotos e aí a criança apresenta para a turma o final de semana dele e esse livro roda... então as famílias conhecem umas as outras famílias através do livrão do final de semana.

B: É uma maneira já de interagir né, por que se tem alguma família que é diferente, eles estão abrindo para todos os contextos e todas as formações de família..

K: E um vendo o outro, o que o outro faz... e eles percebem e vem que minha família é igual a deles, que o que eles fazem no final de semana, a gente está fazendo também. A gente foi pro clube...a hora de dormir...

B: Foi pro cinema, comeu pipoca...

K: Então é uma oportunidade de...

R: Não é uma idéia de configuração, mas sim de família

K: É de família

B: De estar vivendo, de estar juntos, de estar... né...

R: Em relação ao material didático que a escola utiliza, como vocês percebem? Vocês trouxeram a idéia de dinâmicas, né, ou de estratégias. Vocês percebem se tem algo que seja trabalhado em relação ao conceito de família no material didático que a escola utiliza? Como vocês percebem e se isso é discutido e trabalhado.

K: É assim, na escola, ela trabalha com projetos, então não tem assim igual a maioria das escolas que tem aquele como que fala, que chama aquele negócio? aquele negócio meio pronto assim que...

B: Ah, não sei o que você está querendo dizer...

K: A maioria das escolas tem... que a própria escola faz e vem trazendo para casa... nesta escola não, lá eles trabalham com projetos e eles trabalham por exemplo... o Joaquim ele não tem tarefa de casa, por que eles acham assim que a atividade que ele tem que fazer, ele faz em sala de aula. Na idade que ele está não tem que trazer tarefa de casa, por que o momento que ele está aqui, ele tem que estar brincando com a família, brincando, conversando e não fazendo uma atividade escolar. Mas em relação ao material, mas são os livros, os livros que ele traz, toda semana ele traz um livro, ele lê o livro, ele volta e apresenta o livro na roda.

B: Ele está perguntando do contexto.

K: Não do material didático. O livro que ele traz é o material, Então no livro a gente vê, não só em relação a família, mas em relação à diversidade, sabe... eu acho que trabalha sim..

B: Eu acho que esse livrão de final de semana é um exemplo clássico de que eles interagem com as famílias. E sem tem uma família diferente, é a hora de... eles estão abertos para isso.

K: A gente conversando com a coordenadora pedagógica, porque... depois eu vou pegar pra você ver esse livrinho que é o das famílias, ela falou assim: não a gente tem esse livro aqui, só que a gente trabalha ele em sala de aula, por que se eu mando esse livro para casa, dá o que falar..

B: Eles acham que é a escola que está...

K: Tá impondo isso e tal. Tem livros que eles trabalham temáticas mais polêmicas, eles trabalham em sala de aula, não manda para casa.

R: A escola já tem essa percepção e de certa forma ela já trouxe para vocês...

B: E até cuidadosa nesse sentido, de não achar que a escola está... né... impondo aquilo e tem que... é a escola que está assim determinando..

K: Já passaram por isso na verdade, sabe assim, de pais irem lá reclamar, de criar um motinho de pai e falar que é um absurdo... sabe, um livro tão bonito, tão simples e é polêmico, esse livro é polêmico, eu já vi várias coisas assim sobre ele, em escolas principalmente, tipo pais não aceitando eles na escola.

R: Entendi, então a escola por já ter essa percepção e essa experiência e vivência, eles fizeram uma adequação, de como trabalhar, não é uma idéia de deixar de trabalhar, mas é a forma com se trabalha atualmente.

K: Isso...

R: Bom meninas, já estamos caminhando para o final, vocês trouxeram um pouco do relato dessa experiência e da relação do Joaquim em relação à professora e a pergunta seria se vocês percebem do comportamento das professoras se tem alguma diferença para com o Joaquim e das demais crianças em função da configuração familiar.

B: Não, não percebo das três professoras dele, e todas muito amorosas com a gente também, exceto essa última que você tem essa...

K: Não, nenhuma assim, extremamente carinhoso, amoroso... humm sinto (em relação à última professora) eu sou perceptiva, sensitiva, pra mim nunca teve uma professora eu ele implicasse desse tanto que ele falasse que grita. Ele chegou ao ponto de ter uma coordenadora pedagógica que sempre fica na porta da escola que ele perguntou: mãe quem é ela? eu falei assim é a coordenadora meu filho, a gente conversa muito com ele, tudo, tudo que ele pergunta a gente responde e responde a verdade, sempre falando a verdade. O que que a coordenadora faz? A coordenadora coordena as professoras, coordena os pais... Ah! Eu quero ir lá falar com ela. O que você quer falar com ela? Eu quero falar da pro Priscila. O que você quer falar filho? fala pra mamãe. Ah! Que ele grita, grita com os coleguinhas, que os coleguinhas chora, por que ela grita muito. É meu filho? então vamos conversar com a pro Priscila. Ah eu já falei pra ela... Aí eu fui todo dia e ele chorava para entrar nessa escola, falei gente... aí ele falava: me leva na coordenadora... aí eu falei, vou levar porque eu não agüento mais... levei ele, e a escola fala que temos que ouvir a criança, que temos que dar voz, e eu morri de vergonha por que na saída a professora estava saindo da sala do lado, aí eu falei oi, ela falou oi, falei desculpa, mas o Joaquim queria vir aqui... aí ela falou não... mas vamos conversar, vocês dão atenção demais para o que ele fala... aí eu pensei, mas a escola não fala exatamente isso, que você tem que ouvir as crianças...

B: Incentivar o que elas falem se expressem

K: Que elas falem o que realmente sentem... foi isso...

R: Caminhando para o final, como última pergunta, diante desse contexto todo, vocês trouxeram muito da experiência, das diferenças, dos desafios, dessa realidade e dessa busca por tentar trazer um contexto saudável para o Joaquim, pensando não só na configuração familiar de vocês, mas da própria educação. Quais seriam as possibilidades que vocês acreditam, como sugestão, que a escola poderia trabalhar com todas as crianças em uma perspectiva que não houvesse preconceito. Essa idéia do preconceito ele existe de forma implícita, de forma explícita, mas na perspectiva de vocês, de que maneira a escola poderia amenizar ou não trazer a idéia de preconceito. Como vocês vêem isso?

K: Bem, eu acho que essa coisa de não trabalhar o dia dos pais e o dia das mães, é o dia da família, essa é uma das coisas que a escola dele no caso já faz né, é... trabalhar com livros também que apresente todas as formas de família, mesmo que seja polêmico, é... e buscar apresentar mesmo os diversos tipos de família, para as crianças, para que elas

B: Já participem deste contexto, já desde de crianças... e saber que isso existe e que isso é cada vez mais presente na nossa sociedade no nosso meio, né...

K: É uma forma de colocar o mais natural possível, por que se você coloca como um absurdo, e isso não existe, ela vai aprender que realmente é isso mesmo e preconceito, nenhuma criança nasce com preconceito né... é a partir dos pais né, que elas se tornam. Mas eu acho que poderia trabalhar....

B: Então, essa idéia dessa escola em que nosso filho estuda e quem tem esse livrão, eu acho fantástico, acho que é uma maneira que entra em todas as famílias, vem pra sua família e vai para... se são trinta crianças, são trinta crianças que vão ser abordadas e os pais, por que as crianças estão acostumadas com elas ali, mas os pais vão ver e a gente fica curioso de ver né, quando a gente vê o que está antes do nosso filho.

K: O ser humano é curioso, então ele vai ver, então eu falei Brenda, nesse livrão nossa página ela deve ser a mais surrada lá oh...

B: Eu acho fantástico isso...

R: Até pra vocês né, diante de outras famílias “ “ consideradas as famílias esperadas socialmente já tem essa curiosidade de conhecer, por que elas são as famílias de crianças que convive com o filho de vocês, e aí essa curiosidade se estende às outras famílias, principalmente quando se tem algo diferente.

B: Eu acho que essa é uma idéia bacana também né... não sei se as outras escolas adotam...

K: Eu acho que é assim, a partir do momento que conhece, deixa de ser é, aquela coisa... o que é desconhecido, lembrei do vizinho que não conhecia, nunca tinha conhecido uma família assim, era estranho, era sabe assim...

B: Não pode, é errado...

K: A partir do momento que tiver contato com a gente, deixou de ser anormal e criou-se um carinho, sabe, as crianças tem livre acesso aqui, vai e volta, a própria esposa também vem e deixa presente pra gente aqui.... mas é isso, a partir do momento que você se apresenta... é uma forma de apresentar essas famílias, e a partir que você se apresenta, deixa de ser é... desconhecido e passa...

B: Acho que se todas as escolas adotassem a comemoração do dia da família, acho que com mais naturalidade as pessoas iriam entender. Tem família que as vezes a mãe morreu no parto e quem cuida é a avó, e mora a avó e as vezes o pai né... são várias formações, então eu acho que essa idéia também de comemoração do dia das famílias, não desprezando o dia das mães, dia dos pais, que sempre as crianças fazem um cartãozinho, uma lembrancinha, mas o espetáculo, a festa, aquele teatro, aqueles ensaio é para a família que pode ser bom..

R: Que não quer dizer que possa ser também para as mães...

B: Isso...

K: E acho que livro... livro gente, tem que introduzir livro nessas crianças é assim... a gente só forma leitores se a gente introduzir literatura desde cedo e eu acho que a melhor forma é essa, é buscar livros com essa temática, diversidade, da sexualidade e é isso, de acordo com a idade.... enfim...

R: Como roteiro a gente encera aqui. Tem mais alguma coisa que vocês queiram colocar?

B: A gente fica super feliz com essa oportunidade de participar da sua pesquisa, por que é aquilo que eu já mencionei no começo, a gente fez a nossa família, pensando no nosso

filho e pensando no nosso filho e também em todo o contexto no sentido da gente ser útil para outras famílias que as vezes enfrentam essas mesmas dificuldades né... e para mostrar que a gente está aqui para fazer a diferença no sentido de ajudar outras pessoa no sentido de ajudar na sua pesquisa então a gente fica muito feliz de participar e contribuir.

R: Também quero agradecer muito a disponibilidade de vocês, de abrir as portas da cada para me receber, quando a Karla, quando a gente conversou né, que ela colocou ao formato, a configuração, eu fiquei super encantando, muito obrigado.

Apêndice C

Fernanda, Luíza e Patrícia (nomes fictícios)

R: Então, pra gente dar início, então, essa é a terceira entrevista que a gente tá fazendo, então, como prioridade, os participantes, até por uma sugestão da banca de qualificação, a gente foi trabalhando com diferentes configurações familiares até chegar essa configuração, que foi uma indicação. A técnica que a gente utiliza chama-se “bola de neve”, que, a partir de uma entrevista, quem já participou vai indicando outros participantes. É... pra gente iniciar eu queria vocês falassem pra mim o nome de vocês, a idade, a profissão e o nível de escolaridade de vocês.

F: É... sou Fernanda. Nome completo você pediu?

R: Sim.

F: Fernanda, eu tenho 36 anos, e... eu sou formada em nutrição, e atualmente eu estou socada no curso de medicina.

L: Eu sou Luíza, tenho 32 anos, sou enfermeira...

R: E é isso! (risos) Qual que é o nome, a idade e o período escolar da filha de vocês?

F: Patrícia está com 5 anos, Patrícia ela tá com 5 anos e ela tá no nível 2, a escola dela chama diferente, mas eu acho que é referente ao jardim 2.

R: Uhum. Conta pra mim, é... fala um pouco, como é formada a família de vocês?

F: Em qual sentido, somos nós 2, né? Eu, a Luíza e a Patrícia. A gente teve uma data, a gente teve a Patrícia através de um FIV, fertilização in vitro. A gente tentou muitas, muitas inseminações que não deram certo, muitas mesmo, assim, tipo, 5, 6, 7. É... e ai decidimos partir pra FIV, e ai deu certo de primeira.

R: Okay. É... nessa decisão, vocês optaram por um banco de semên, como que foi esse processo?

F: Durante essa trajetória de tentativas a gente teve vários, vários caminhos mas primeira tentativa “doador anônimo”. Ai, chegamos a tentar assim com um doador conhecido, um amigo, mas graças a Deus não deu certo! (risos) E... ai, ai é doador anônimo.

R: Okay. O que que é família pra vocês?

F: Qualquer espaço que tenha, que tem amor, né, que tem compartilhamento de vida e de sentimento é, é considerado família. Então é isso, qualquer espaço, muitas vezes, tem gente com pessoa ou animal, fala que é “minha família”, as vezes mora uma avó e um neto é uma família. Então, é o contexto de uma convivência de sentimento, de amor, pra mim é isso.

R: E como que vocês ensinam esse conceito de “família” pra filha de vocês?

L: Pra ela, a gente ensina que família não precisa ser um homem e uma mulher ou só uma mãe. Na verdade, a gente ensina que tem todas as formas, tem caso que tem só mãe, tem caso que tem só pai, várias formas.

F: Várias formas de família, né.

L: Várias formas. E até na escola, a gente acha interessante é isso, porque eles trabalham isso, né, no “dia dos pais” eles falam: Ah, né, você é avô, que tem outras crianças que, as vezes, perdeu o pai ou a mãe. Nos dias assim...

R: comemorações...

L: As datas...

F: Então é isso. Existem vários formatos, então, não tem o certo não tem o errado, ou a dela que é boa, ou a do coleguinha que é boa... Tudo é legal, todo mundo tem alguém que ama, que cuida...

L: Tem umas pegadas, assim, punk... (risos) tipo ela disse que queria um pai (falaram baixo, cochichando) a filha pergunta sobre o pai dela...

R: Como que é lidar com estes questionamentos?

F: é um desafio todo dia, é muito novo, né. Tanto que as pesquisas, os mestrados, todos os estudos que tem nesse âmbito ainda, acho que tão vindo mais agora. A geração, a nossa geração, e aí é que tá tendo mais filho agora, é praticamente essa nossa que começou a ter mais. Tem os filhos de outras gerações mas que, geralmente, eram de casamentos desfeitos, né?

R: Sim.

F: Eu acho que essa questão da reprodução assistida, ou até da adoção, acaba muito mais forte, na geração nossa aí que tá vindo. Então, ainda é muito novo. É muita novidade a gente não tem parâmetro pra poder olhar e falar “como que fulano fez”, “como que fulano”, e até porque não tem regra, não tem manual, né...

L: Você nem tem que pensar muito, se for pensar em todos os questionamentos, nem teria ela, porque é uma caixa de surpresa até quando ela questionava tinha 2 anos de idade. Assim, foi difícil pra nós até entender também...

F: E assim, mas então... eu não vejo dificuldade, eu penso diferente, eu vejo muito mais problema nisso tudo, eu acho que pra mim é natural, e é saber falar sempre a verdade, é sempre a melhor opção, ser bem claro, sem esconder, sem falar pra ela, ah é assim fica cheio de dedo quando surge o assunto, igual a gente tá falando aqui na frente dela numa boa. Porque quanto mais dedo, mais tabu ce põe no assunto pior fica. Então quando ela... aí ce dá uma travada quando tem esse tipo de questionamento mas... calma, não mas por que... é assim, eu falei. A gente trabalha de maneira diferente, também, com a questão de ter pai. Foi que eu constelei, e quando eu constelei, eu não conheço meu pai biológico, e na constelação eles me chamaram muito atenção: cuidado pra você não transferir, né, porque na constelação familiar

mostra essas repetições de signo, pra você não criar uma relação ruim da Patrícia com essa figura paterna. E a gente falava: não, você não tem pai, hoje a gente trabalha diferente, a pesar da resistência. Da Luíza eu achei que ficou muito melhor, você tem pai, todo mundo tem!

L: Não, mas eu nunca fui...

F: Mas você achou ruim, pode falar... É... todo mundo tem pai, porque todo mundo precisa dessa referência, não tem jeito, ela não nasceu do nada, ela precisa dessa figura paterna. Mas eu explico pra ela que a gente pediu a “sementinha” pra ele, que a gente não tem como conhecer ele, é um lugar onde dá sementinha, o médico foi lá e ligou, passou a sementinha pra gente, pra gente poder ter ela, que a gente queria muito ter ela e eu e a mamãe Luíza não tem sementinha, porque precisa da sementinha do homem. E aí fica assim. E a gente vai trabalhando, quando ela queria ter um, você tem mamãe, você tem, mas você lembra mamãe, a gente não tem como conhecer ele. E ele me ensinaram, também, a psicóloga que fez, que me constelô, ela falou muito dessa questão dela visualizar essa figura paterna, dela olhar no espelho e falar: que que parece com a mamãe, tem olhinho da mamãe, mas meu nariz não é da mamãe, então meu nariz é parecido com o do meu papai.

R: Fazer uma diferenciação?

F: Isso, e ela criar um vínculo com essa figura paterna mesmo sem ela conhecer pra ter uma noção de origem, então tudo que eu posso falar do doador, assim ele é descendente de libanês, daí eu falo pra ela, “mamãe eu quero ir no Líbano”, vamos! “meu pai mora lá?”, falei “não filha, papai não mora lá e a gente não tem como conhecer. Lá é a origem dele, né, a família, pode ser um vovô alguém que mora lá mas a gente vai conhecer, combinamos de levar ela lá, sabe. Mas é pra ela ter um vínculo com essa origem porque todo mundo tem a necessidade de saber suas origens. Então, é desse jeito, é um desafio a cada dia e ela vai perguntando e a gente vai rebatendo o que dá pra rebater.

R: E aí é uma construção que vocês vão tendo, né, a partir dos questionamentos dela.

F: Isso.

R: Okay. Como que é pra vocês, ter uma família homo afetiva?

F: Desafio, é isso! Eu tento não ver tanto problema em relação a isso, né, igual eu falei, tento não ver tanto problema, mas é um desafio diário, e sim, muitas vezes a gente, eu me percebo ficando as vezes constrangida em algumas situações. Constrangida no sentido de, de falar, sabe? Porque ninguém fala hoje “oi, tudo bem? sou gay, tenho uma filha. Então, as vezes você vai falar, você dá uma... parece fora do contexto da pessoa. Fala “então, seu marido?”, não... não tenho, sabe, então (risos), mas aí você fica meio sem gracinha, né. Por isso que eu falo uma espécie de constrangimento, mas eu... é isso, eu não vejo tantos problemas, fora esse tipo de situação, eu não vejo grande problema, é uma família como outra qualquer... no mesmo contexto, ela, né, teve uma entrevista que a gente fez pra clínica que a gente teve ela, e eles perguntaram, é uma família com outra qualquer, com cheia de problema, com briga, Patrícia tem a atividades dela, vai pra escola, a gente vai trabalhar todo dia, então é os desafios da vida, né, da homo afetividade, não é o que todo mundo passa independente de ter filhos ou não, no mais...

L: No mais é tudo igual...

F: desafio de qualquer outra família (10 min)

R: E como é que vocês percebem a filha de vocês nesse contexto, dessa família homo afetiva em casa, como que é a percepção de vocês em relação a ela diante desse quadro de família?

F: Eu acho que ela percebe que é diferente, né, até porque ela, na escola dela ela deve entender que ela é a única que não convive com o pai, com a mãe, com os primos. Primeiro bullying que ela sofreu foi dentro da minha própria casa, foi do meu sobrinho: “ah, você não tem pai...”, Ai eu cortei na hora, corriji meu sobrinho e tal, corriji da seguinte maneira: ela tem 2 mães, você só tem uma, e aí? Eu quero ter 2 mães! Eu falei: tá vendo, você só tem 1! Azar o seu (risos)

L: Tem situações que a gente tá junto ela vem chamar só a Fernanda de mãe...

F: e ela perceber que tá constrangida...

R: vocês percebem essa tensão dela e o cuidado dela?

F: No parquinho do prédio. Ela não gostava que estivesse nós 2, ela queria uma ou a outra. Pela dificuldade de falar das 2 mães, ai... mas, melhorou, acho que vem melhorando. Essa semana, ela pegou meu celular, tem uma foto na frente do meu celular, nós 3, né, ela pegou meu celular e mostrou pros amiguinhos de música dela, “olha aqui ó, tenho 2 mães”, e ela nunca fez isso, então, geralmente ela evita falar porque, pra evitar. Ai todo mundo: “mesmo?, sério tia ela tem 2 mães?” eu falei: “sério, ela tem!”. Então, eu sinto que pra ela também não é fácil, né, não é fácil mas conversando, falando das qualidades, deixar ela expor. Meu medo é isso se tornar um tabu e ela não poder compartilhar, isso que treme a base, essa que é a básica pergunta. Falei: relaxa, respira e responde...

L: Não fica com medo... eu fico muito mais tranquila...

F: Imagina quem não é, então (risos), você imagina o que era antes, porque não pode tremer nas bases, tem que e fala, e fala porque se ela percebe nossa tensão, ai ela começa até evitar de falar, né, se ela evita de falar do assunto ai cresce aquela do assunto, fica guardando aquilo, acho que é bem pior. Então, prefiro que ela fale mesmo. Mas percebo a tensão dela, mas acho que ela vem melhorando, sim! Com o tempo, também, amadurecendo também, né?

R: Ai a ideia de vocês é criar um contexto em que ela possa ter liberdade de questionar e de perguntar de forma mais tranquila. Vocês já começaram a falar um pouquinho, mas, e ai a gente entra nesse contexto, a escola, né, que ela estuda, ela sabe como que é formada a família de vocês?

F: Sabe, sabe desde quando ela entrou. Ela tá na mesma escola desde os 2 anos de idade.

R: E dentro dessa escola, né, dentro dessa experiência com a formação escolar. É, vocês já perceberam que, de alguma maneira, né, ela já vivenciou alguma situação de preconceito por ter essa família homo parental?

F: Preconceito, não.

L: Nem por parte da escola, nem por parte de pais.

F: Tenho muito medo é na fase que ela começar a dormir na casa das colegas, e as colega começar a perguntar, sabe? E os pais... meu medo maior não é a escola, a escola é preparada e outra é escola privada, então eles são cheio de dedos, se disser então que não tem hipocrisia no meio, junto, e aí, disfarça e mente e vai tudo bem.

L: É até uma escola católica...

F: Então, eu não queria de jeito nenhum que ela fosse pra lá, queria, inclusive, que ela fosse pro logossófico. Não se se você conhece, logossófico tem uma pegada espiritualista que fica pra lá, a escola não tem nada a ver, e... eu falei, não, vamos pro logossófico que eu acho que tem um equilíbrio melhor, e só que eu não consegui vaga, e ela foi pra essa escola que é perto de casa, e a gente foi gostando da escola, da pegada da escola, a coordenadora conversou com a gente abertamente, ela, não é que ela adulou a gente, falou: “não, família maravilhosa”, não é isso, ela só falou assim que ninguém tem nada a ver com esse fato dentro de casa, a escola está aqui pra acolher sua filha independente de qualquer coisa, é tranquilo. Agora, as professoras sempre foram as melhores, sempre, todas, muito abertas tratam as 2 mães, né, de maneira igual, recebe sempre muito bem, então as professoras, não, o corpo pedagógico de maneira geral sempre foi muito bom.

R: E aí vocês trazem um dado, né, que a ideia de religião, não só no contexto escolar mas vocês, como é que vocês percebem, como é que vocês vivenciam essa ideia, esse olhar religioso, né, não só no contexto escolar mas como que vocês percebem isso nessa realidade da família de vocês? No dia a dia ou no contexto escolar, como é que vocês lidam com isso?

F: Bom, por ela, né, a Luíza vem de um lar evangélico (risos), criada como evangélica, e eu estudei minha vida inteira no Agostiniano, escola católica também, então, de fato, Deus tá nesse contexto religioso, tá muito presente e a gente gosta. Eu tinha muito medo pelo fato das pessoas confundirem religião com o fato que eu não queria que ela fosse pra escola, pelo fato de misturar, ter 2... estudar religião, estudar religião com a... com essa questão, né, de preconceito. Então, o meu pé atrás era isso, mas a gente gosta e acha necessário. Então, a gente reza todos os dias, é a gente não frequenta nada (risos), deveria tá um pouco melhor...

L: frequenta as vezes o centro...

F: É mas é muito raro, eu tô indo mais tomar um passe de vez em quando, e... vai tudo na verdade, se chamar até pra igreja evangélica, se brincar a gente vai também. Você disse que tava querendo ir no louvor de não sei quem aí...

L: Igreja que eu já critiquei mas é que as músicas são muito boas, e eu gosto...

F: Então, eu gosto, a gente gosta disso, e reza e tal, mas sem impor uma religião, a pesar da escola ter uma pegada católica e eu vir de uma criação católica, então, a gente acaba indo mais por esse lado, que ela reza quando ela aprende, ela reza todos os dias na escola, então, ela reza da mesma maneira em casa. E a gente todo dia, todo dia na sequência que ela escolhe, quem rezou ontem? Hoje é você, aí ela vai falando (risos).

R: Então vocês criam esse espaço da discussão da religião também com ela?

F: Isso.

R: É... vindo dessa realidade escolar...

F: E até porque a gente... (risos) ela vai e ainda toca uns tambor de vez em quando (risos).

R: Dentro dessa diversidade, né, que vocês promovem e discutem com ela, é... vocês já perceberam alguma indagação, tanto dela ou dos colegas, ou dos professores, dentro dessa realidade que ela vivencia, que é a segunda socialização, né, é... vocês já vivenciaram alguma situação dentro disso, algum questionamento, algo nesse sentido?

F: não... (explicando para Luíza) é de religião nesse segundo espaço, de socialização, ele fala fora de casa, se alguém já questionou, se é pecado, se é isso...

R: Não só da religião, mas desse contexto da família.

L: Na frente dela, na verdade, não, né.

F: Nem na nossa (risos), eu falei, a questão, existe muita hipocrisia, é claro. Quem teve muita dificuldade foi meu sogro e minha sogra no começo, né, então, até pela questão da religiosidade da igreja, mas, entendo eles, eles... isso foi passando, aí ele ainda falou “foda-se a igreja”, né Luíza? “foda-se a igreja, foda-se todo mundo” (risos)

R: Mas aí vocês vão conseguindo lidar, né, com... é, e quando eu pergunto pra vocês, porque tem muito olhar da vivência dela e a vivência de vocês diante dessa escola, né. Vocês, enquanto mães, já vivenciou alguma situação de conflito ou preconceito, seja ela direta ou indireta, né, porque tem, quando a gente trabalha o preconceito a gente tá falando de várias formas de preconceito. Tem aquele que chega de forma direta e tem aquele que vem de forma sutil, né, por ter essa configuração familiar, no contexto voltado pra escola, como é que vocês vivenciam, já perceberam, não perceberam?

L: Eu não falo, nem questão, eu não sei se é preconceito, é que a pessoa às vezes, quando a gente fala sobre família, né, eles mandam alguma coisa no grupo, faz alguns comentários, né, às vezes a Fernanda até me segura, olha não fala nada, porque eu fico indignada, né, com algumas coisas, porque às vezes é preconceituoso mas a gente não fala nada porque é família, não pode questionar muito....

F: Mas você perguntou da uma família em maneira geral ou só no contexto escolar?

R: Da vivência de vocês, da escola e da sociedade, também.

F: Porque da escola é complexo, é a gente não tem tanta ligação, né, aquele convívio de tá muito próximo com as mães, tem algumas que, às vezes, né, mais próximo e essas já marca de sair, enfim, de ir no cinema com as outras mães que sempre, foi muito bem colhida mas que não são com todos que existe essa convenção que, então eu não posso afirmar. Mas aí tem o grupo das mães da escola, sempre rola um bolsomunion jogando um vídeo idiota, né, de contexto de família. Teve já no grupo de família, essa questão de... é teve recentemente o negócio do Felipe neto, queimar os vídeos lá, e a gente foi defender, gente é tudo distorcido o negócio, não é bem assim, tem hora que a gente tem de se colocar assim, mas... eu falo, mas

sem levantar muita bandeira, sempre há muita polêmica ainda mais em grupo do what's app. Não tem necessidade. Então, assim, sempre tem isso que, assim, de verdade, é ...assim tem que falar, inclusive, na minha família, também, a visão que eles têm do casamento homoafetivo não é a mesma visão do casamento heterossexual.

L: É assim ó, meu cunhado não pode separar o quarto, mas a gente pode ou dividir o quarto, mas a gente pode dividir o quarto...

F: A ideia de a gente de poder enxergar a gente como um casal é mais difícil, sabe, então, querendo ou não é uma maneira de preconceito, se sente assim, não, melhorou muito, mas já senti antes, alguns anos atrás. A dificuldade de viver assim, se vai levar, vai falar o que? Que é amiga? Sabe, essa coisa... (risos) a gente tem filho...

L: Hoje em dia ainda acontece de a gente sair, a gente sai com sua mãe, falo assim: “essa é amiga da minha filha”, aí tipo assim, sabe, acontece, distorce...

R: Essa é amiga da minha filha?

F: Não, a amiga da minha mãe não fala mais não... mas dá aquela enrolada... passa logo, passa logo...

L: Uma pessoa que me surpreendeu nesse tempo todo é minha mãe..minha mãe, nossa, já sofri demais, ela chega, ela pergunta, olha essa aqui é minha nora, não sei o que...

F: A minha mãe ela não fala nora... e olha que a minha mãe a aceitação foi desde o começo, assim, muito mais tranquilo do que aqui, mas a mãe dela depois quando resolveu mudar os 2 (risos), mudaram mesmo.

R: Como que vocês pensam, né, fazendo um paralelo com essa vivencia que vocês trazem da família, é, situações semelhantes a essa, vocês já perceberam, vivenciaram no contexto escolar?

F: Se a gente já percebeu?

R: Isso.

F: Não. No contexto escolar, não.

L: Quando foi escolher a escola, a gente, eu nem pensei em religião e a Fernanda focou mais nisso... mas, Fernanda, o colégio é pequeno, vai dar mais atenção pra Patrícia. Porque eu acho que um colégio maior dá mais polêmica, sabe. Igual, a gente tem outro casal de amigas que a filha estudava num colégio, chegaram, e a mãe chegou, né, a ir na escola pedir pra tirar a menina porque ela era filha de casal homoafetivo. Então, assim, acho que a gente foi muito bem acolhida, sabe. Ai eu fico até com dor no coração, ela vai sair de lá? (risos)

F: Não, ela tem até o quinto ano pra isso (risos)

R: Quando vocês discutem, é, essa realidade da educação da filha de vocês, vocês percebem, como que vocês percebem, quais são os principais desafios que vocês encontram em relação a essa educação dela, né, é relacionados a essa configuração familiar?

F: Os principais desafios são esses de, realmente, poder, poder ser ela quem é sem vergonha, sem tabu, sem problema, poder falar abertamente, igual, ela pegou o celular e falar: “olha aqui!”, ter orgulho disso, né, ela não ter vergonha, então, é isso. Porque a gente sabe da sociedade que a gente vive, né, da cabecinha aí de muita gente, então, é, você falou da questão, complementado um pouco da questão anterior, né, da escola a gente não percebe tanto porque a gente num cria esse excesso. Tudo que tem excesso de convivência tem problema, né, então a gente vai ali ó, ela tem uma melhor amiguinha, aí a gente sai com essa melhor amiguinha e com a mãe dela quando a gente percebe que tá tudo bem. Se a mãe já não dá tanta intimidade, é fechada, a gente já não consegue, já não compartilha tantos momentos. A nisso você cria uma distância onde você não vai viver sem esse tipo de situação. Então, a gente vive muito mais isso dentro de casa porque eu tenho outros irmãos e muitas cunhadas, né, com criações diferentes, então, assim, por mais que todas se dizem apaixonadas, a gente convive, né, mas se vê que tem preconceito de criações, assim, o tempo inteiro, o tempo inteiro do tipo, é... mas... a não tem diferença demais dos meninos que tem pai, a hora que o pai fala, sabe, esse tipo de... isso não é coisa de falar, não é bem assim, então, esses são meu medo... então, acho que o desafio, a pergunta foi essa, né, os desafios que ela vai encontrar nesse contexto, é isso, é ela poder ser o que ela é, e poder, que é uma coisa que eu vou ter que trabalhar nela. Ela é muito sensível (risos). Falo: “pelo amor de Deus, se ela puxar essa moleza sua aí tá lascada... vai chorar atoa, não chora, vai resolver? Enfrenta, resolve a situação. A gente foi pra um baile esses dias, normalmente, vai com alguma amiguinha ou a priminha dela, e a gente foi só com uma amiga que não tem filho e nesse dia tinha crianças maiores nos brinquedos, e as crianças começaram a tirar ela, ela não conseguiu se enturmar, normalmente, ela enrola bem, enturma, brinca e antes, nesse dia ela veio chorar, aí ela veio chorar, falei: “hum, hum, vai lá e resolve”. Essa aqui levantou e foi lá ver comigo, eu falei: “calma”, eu fui também, fui ver, não tá batendo, não tá judiando, deixa ela resolver com as crianças, né, deixa. Porque ela precisa, o mundo vai bater nela, né, ela vai, as pessoas, ela vai conhecer, vai viver com diversos tipos de pessoas, então, ela tem que, ela tem que aprender a conviver, a lidar com isso sozinha. Então, porque ela vai ter esses desafios, e não só esses, vão ter pessoas preconceituosas, pessoas que vão ser sutis no preconceito, o preconceito velado, né, nas entrelinhas e ela poder argumentar. O fantástico tem feito um quadro que eu achei muito interessante, que é aquele assim ó: “o meu filho nunca faria isso”, né, tem um formato até de de fora. E... todas as vezes que ela assistia comigo, eu dizia: “minha filha tá vendo?”, de trabalhar isso nela, poder enfrentar. Foi tão bacana hoje com uma menina aqui que começou a falar de racismo na última... outra coisa, também, que eu falo muito com ela, fazer identificação dela de origem negra, também, sabe, de entender que ela tem mamãe negra porque isso não é um problema, né, (risos). E... dela poder trabalhar, então, tudo isso (27 min), dela poder conseguir enfrentar independente de qualquer coisa, inclusive, se caso precisar, dela ver uma situação injusta com a outra pessoa poder se posicionar. Então, é uma questão de trabalhar o posicionamento, porque ela vai ter desafio.

R: Sim. Vocês já falaram um pouquinho, né, já trouxeram mas só pra gente dar continuação ao roteiro. É, como é que é essa convivência, né, de vocês com os outros pais, é, e outras famílias no contexto escolar, dela, é, se vocês têm essa convivência, se vocês estão presentes nesse sentido de grupos ou da convivência mesmo, e se sim, né, na sua opinião, como é que

eles lidam com essa relação, com essa configuração da família de vocês? Na percepção de vocês.

L: As vezes eu tenho vontade, as vezes eu falo chama vamos... será? Ah chama, vamo pra fazenda, vamos chamar os pais, a gente fica meio sem graça, não sei...

F: É, é diferente isso aí, né...

L: Mas, eu acho que eles iriam tranquilos. Hoje os pais que a gente tem convivência, dos amigos da Patrícia, num tem problema não e todos sabem, né.

F: Bom, eu vivo mais no contexto escolar da Patrícia do que a Luíza. Eu tenho um grupo de what's app, onde só eu faço parte, a Luíza não tá. A gente nunca, eu tenho, a gente tem amigas, as vezes você ia perguntar depois, a gente indicaria as meninas também. A Júlia e a Rafaela, as 2 tão no grupo, e as 2 convivem, e as 2 viajam, tipo, com os pais da escola e tá tudo certo, a gente não tem esse acesso ainda, tem um pesinho atrás, então, a gente vai conforme a gente vai se sentindo essa segurança. É, então, eu nunca cheguei, igual eu falei, né, "oi, tudo bem? Eu sou casada, não sou heterossexual, né, não fico falando do contexto familiar. Então, a gente não sentiu necessidade de reunir com os pais e falar: "olha... a Carla fez isso no grupo da escola do Joaquim e teve uma mãe que pediu pra trocar de turma porque o filho ainda não tava preparado ainda pra enfrentar esse tipo de situação, né, então, tem gente que já trabalha assim, impõe, né, eu não acho que nada funcione impondo, enfiando goela abaixo, cada um tem seu tempo, sua maneira de aceitar e nosso jeito é assim também, a gente vai apalpando e sentindo a segurança. Então, eu acredito que nem todo mundo saiba, a pesar que a gente não esconde, a Patrícia vai, se chega uma mãe junto vê as 2 mães; dia das mãe, eu e Patrícia damos 2 presentes, vê a gente tirando foto como 2 mães; a escola postou no instagram no dia das mães a primeira foto do dia das mães, tá a nossa foto. Nós 2 sentadas, a Patrícia, a comemoração do dia das mães nós 2, então, não é escondido mas, também, não vou me apresentar: "oi, tudo bem..." então, não sei se todo mundo sabe, também não me interessa, não me interessa saber, e é isso a gente mantém essa linha de segurança e vai até aonde a gente vê que é bem recebida, e até hoje a gente tem tido sucesso (risos).

L: Perguntam: "a e seu marido?" Meu marido, não, eu tenho minha esposa.

F: É, foi engraçado onde, a priori, até o ano passado, mamãe só que tinha tido essa convivência, e aí quando foi esse, não, até o ano retrasado, aí o ano passado foi aniversário de uma das amiguinhas, e a gente foi pra um aniversário, a Luíza não foi porque tava trabalhando, foi só eu, aí nessa mesa todas as mães sentadas, na festa dessa criança, sentaram numa mesma mesa, aí, calhou, e eu de falar, não sabia se elas estavam na mesa, e falei, né, "ah, Patrícia tem 2 mães, minha esposa não pode vir.. aí mesmo, aí eu falei, eu peguei e falei porque a gente é complicado, por que eu não vou chegando e falando sou gay e a Patrícia tem duas mães, e ela (outras mãe) falou: é ninguém fala isso mesmo, é, é porque a gente não sabe da vida das pessoas, comentei com eles que esses dias conheci uma criança que, ah, por exemplo, é tinha uma restrição do pai, então, cada um tem sua história, ela (outra mãe) falou: é, por exemplo, esse aqui não é o pai da Marcela, o pai da Marcela nem pode chegar perto de mim tem uma linha de distância, e eu falei, pois é, cada um tem sua história e ninguém chega

contando e apresentando o seu formato familiar, essas coisas são convivências, e acho que desse jeito tá indo.

R: Quando você fala: “um limite de segurança”, mas é um limite de segurança diante da percepção de vocês, uma segurança pra vocês, num é que, num é que essa necessidade, ela, ela vem de forma que os outros imponham esse limite, isso é de vocês?

F: Não, não, isso é nosso.

L: É nosso, tipo, eu senti que não era pra falar, né.

F: Não, num tem isso “não era pra falar”, eu não vou chegar me apresentando, é isso, a gente vive a nossa vida e se, igual eu falei, no dia das mães, porque se tivesse essa restrição, igual, a gente tem uma pessoa próxima também que já tem essa restrição, ela nem tá ensinando as meninas, os meninos chamarem a outra mãe de mãe, chama de Zizi, a Fernanda conversou comigo e eu fiquei chocada com as coisas que acontecem lá na escola, sou de Anápolis, Anápolis é muito religioso, né, todo mundo evangélico diz que foi na escola, ela, a mulher foi não sei o que, a escola, a cidade é evangélica, não tem como, uma coisa assim, não tem como comprar 2 presentes do dia das mães, sabe.

L: Mas eu acho, assim, que é um pouco de resistência da Fernanda...

F: Enfim, eu acho que é um limite de segurança pra gente, sem a gente se boicotar, a gente não se boicota de nada, mas eu não chego querendo empurrar nada goela abaixo. Agora, tem gente que já tem essa postura, né, ah quem quiser que me aceita que não quiser que sai de perto, não, não é assim.

R: Entendi, é o espaço que vocês vão conquistando.

F: É.

R: É, vocês já falaram também um pouquinho, mas em relação aos professores, não é, como é que vocês percebem que os professores lidam com essa temática da homossexualidade?

L: Ah, não tenho nem defeito pra colocar, todas, até hoje todas...

F: Muito tranquilas.

L: E disseram na rede social, até uma já saiu. Essa desse ano a gente achou que ia ser “nossa”, mais velha, mais brava, melhor ainda...

F: A melhor de todas. Ai ela não sabia como falar, assim, que ela usou um termo muito engraçado: “seu bem já teve aqui já” (risos). Seu bem já teve aqui, ela não sabe se são 2 esposas e falar “companheira”, tem gente que tem essa dificuldade, né, não sabe como é que fala, se é esposa se é mulher, se é companheira, e daí, ela “seu bem já teve aqui, já e já falou comigo”, então, é isso. Essa aí é mais as claras porque tem dificuldades, né, a gente sabe que pra elas também é novo, né, então elas vão apalmando, também, aprendendo conforme o humano vai fluindo elas vão, vai desenvolvendo melhor. Sem problemas nenhum. E com essa desse ano, especialmente, por ser mais velha a gente ficou meio assim, nossa como é que será que vai ser? Primeiro dia de aula ela já falou: “Já sei!”, a gente já foi conversar com ela um

dia depois da apresentação dela, que tem uma reunião antes de começar o ano, a gente sempre vai em todas, a gente percebe que tem mães que não vão, a gente vai em tudo, acho que a escola também admira muito isso na gente, não falta em nada, é, da escola dela, aí a gente foi nessa reunião, aí apresentou: “essa vai ser a professora da filha de vocês”, né, a gente foi se apresentar pra ela, olha somos as mães da Patrícia, “Ah, já sei”, acho que a escola já tinha falado, não, que ótimo, eu achei ela muito espontânea, muito comunicativa, e trata isso de uma maneira, de todas, né, da maneira mais natural como se fosse alguém...

L: Mas não deixa de dar um frio na barriga, né, ano que vem, já é professora nova, já...

F: Eu acho que a escola vem trabalhando, por mais, a gente acredita que, que uma escola pequena, é mas sejamos as únicas, né, família homo afetiva da escola. E, mas a escola é boa, a partir do momento que ela tem uma, ela tem que trabalhar essa no corpo docente dela, né, então, ela deve ter, deve, tanto que a tia Jaldete, né, assim que a gente foi conversar com ela, ela disse “já sei”.

L: Eles fazem questão, eles conversaram, se quiser fica, se não quiser... ou fazer de tudo pra sair né... (risos).

R: Quando vocês falam nessa perspectiva, é, que também vocês percebem como se fosse um tudo é novo pra elas, também, né, nesse processo de ter que lidar, de aprender, qual a melhor forma, também, se é “bem”, se é “a esposa”, se, né, são as dificuldades com as nomenclaturas, como é que vocês percebem a, em relação aos professores, né, como é que você, como é que vocês consideram a ideia da própria capacitação deles na ideia da formação deles, pra que eles estejam ali enquanto educadores quando se trata da ideia de ter que trabalhar com o temas como diversidade, igualdade, preconceito, diversos arranjos familiares. Como é que vocês percebem isso, como é que é a visão de vocês em relação a isso?

F: Mas é muito isso, todo mundo tentando se adaptar, né, hoje você, o assunto diversidade vem sendo cada dia mais discutido, e não só, né, de falando de arranjos familiares aí, formatos, de homoafetividade, mas ainda tem, ainda até pra gente pra você ver o tanto que isso é muito novo, a gente enquanto, enquanto gay a gente tem dificuldade as vezes de, de ver um trans, né, e como falar. Mas ele é uma mulher, eu falo o quê? Eu falei, não, com qual gênero que se identifica? É homem, fala então homem trans, né, e a gente vai aprendendo, aí gente é homem trans que gosta, que fica com homem também, mas como assim, ele virou homem porque não queria ficar com mulher, aí a gente descobriu que tudo é, e a pessoa pode ser um homem trans e ficar com homem, então, tá todo mundo, é uma chuva de informação, mas a partir do momento que tem aí, as pessoas precisam melhorar isso e trabalhar isso na formação desses profissionais.

L: Mas na escola acho que eles trabalham bem isso, igual hoje, tem escola, tem, não, mas hoje tem escola que tem o dia da família, né, lá já não, é dia dos pais e das mães. Teve até um ano, não sei se foi ano passado, que tinha até um coleguinha que tinha perdido o pai, né. Aí pra elas foram explicando, olha você tem 2 mães mas fulano só tem a mãe, não tem o pai, então, assim, acho que lá eles trabalham bem essa questão de diversidade. Eles não falam, mas fica, assim aí ali é um trans, mas acho que eles tão tratando de uma forma que impõe respeito.

F: É, mas assim, eu acho que ele falou como que as escolas precisam trabalhar. Eles precisam se adaptar, né, então, essas pessoas que eles já tão vindo de formação antiga, precisa ter ai ter curso, enfim, né, qualquer capacitação pra poder lidar com essas novidades ai, que são muitas.

R: Entendi.

L: Mas eu acho que as pessoas mais velhas são mais problemáticas do que as novas...

F: Depende, depende, não dá pra generalizar isso não, e a formações de quem tá formando agora precisa trabalhar cada vez mais, né.

R: Quando vocês trazem a ideia de como a escola trabalha, é, tem uma discussão da escola, dos professores em relação a como é ensinado, como é ensinado família na escola, né, é, e se vocês se sentem contemplados nessa forma de ensinar família?

L: Sim. Da forma que eles tratam a gente.

F: Sim, e eu falo eu sinto muito mais lá na escola que é pequena, eu acho que tem, juntando manhã e tarde tem mais ou menos 4 turmas de cada série... se ela é do “E”, então, se ela é do E... isso, então, isso falando de educação infantil, eu não sei como é com o fundamental, se é melhor ainda. Mas, é uma escola, são 2 senhores que são donos da escola, ela tá lá todo dia... (para Patrícia) pera ai filha, só um pouquinho, brinca lá perto do vovô, o moço tá gravando aqui e você tá cantando, vai ficar ouvindo a mamãe falar e você, e você cantando, tá? Então, se quiser ficar aqui pode ficar mas sem cantar. E a dona Jacinta e o marido dela são os donos da escola. Ai ela tem uma, uma filha que coordena essa escola, e ai a gente tem, até, esses 3 ai pra cima a gente não tem contato, a gente tem contato da coordenação pedagógica pra baixo, né, então é essa, é esse pessoal, né, a coordenadora pedagógica e os professores completamente contemplados. Eu falei, eu falo pra Luíza desde o começo, então, não gosto da cara da véia, não gosto, eu acho que ela não engole a gente não, sabe, então, mas ela não fala nada, é simpática, sabe, é simpática com a gente. Eu vejo o povo “ai que meu marido, meu marido”, mãe comigo ela nunca foi, então, porque que... mas tô cagando pra ela.

L: O povo puxa o saco.

F: É. E, mas o que importante pra gente tá tudo certo, então, a gente, sim, se sente contemplada, né, na questão do trabalhar família, ela sempre faz os desenhos dela com as 2 mães. Tem essas crianças que já convivem mais, num vê problema, criança num vê problema nisso, né, quem vê problema nisso é adulto mesmo, então, sim. Mas igual eu te falei, da, dos novos caminhos (risos).

R: Quando vocês, vocês já falaram também, né, mas em relação as datas comemorativas, em relação ao material didático utilizado, em relação a agenda, em relação as atividades enviadas pra casa, no sentido de cabeçalho, é, pai, mãe, ou pais, ou filiação, como é que vocês percebem a ideia de como se essa realidade ela é contemplada no material didático utilizado pela escola, como é que vocês percebem isso no contexto?

L: Não, é usado hoje, igual, no aplicativo a gente tem da escola cadastrado como mãe, no formulário, porque você fala que lá tá escrito “pai” e “mãe” ...

F: Ué, então, não contempla, que é isso que ele tá falando, porque, por exemplo, passaporte hoje em dia, hoje em dia, não tem, mentira tem no passaporte pai e mãe, e eles tavam querendo mudar, né, o passaporte da Patrícia já tá escrito “filiação”, né, mas no campo quando você vai preencher tem... não tem que ter “pai e mãe”, porque tem formatos. Nós temos um casal no grupo que tem os 4 pais registraram as crianças, elas tiveram gemelar, elas são casadas e pegou o sêmen de 2 amigos, de um amigo que ele é casado também, então, Deus é tão bom que mandou 2 bebês, né, veio gemelar, e eles 4 registraram. E ce imagina, precisa de espaço, então, não me sinto contemplada no material didático, nem na agenda, eles precisam melhorar isso ainda, é, isso aí é questão do aplicativo, eles só dão 2 acessos, independente, se ser pai ou mãe ce tem os 2 acessos.

L: Ó pra você ver, as escolas, se não fosse ela não pode ter acesso, não pode dar 2 presentes do dia das mães, mas ai escola é escola, num tem nada a ver não.

F: Mas, o material didático ainda tem aquelas coisas, aquelas pegadinhas, né, de pai. Seu “papai”, como é, como foi a rotina? É, na, trabalho, tarefa do dia dos pais, por mais que a professora maravilhosa tenta trabalhar isso com o aluno... faz pro seu avô, faz pra alguém que, se você quiser pode dar, faz pra quem você quiser. Ela já fez pro avô, ela já me deu, ela já fez pro outro avô, mas tem intimidade, então até que ponto isso é interessante.

R: Isso é muito mais uma ideia de tentativa de adaptação que começa inicialmente com uma ideia de discutir família, né, então, só...

F: Existe uma tentativa de adaptação, exatamente, mas não é, uma tentativa de adaptação sem mexer no contexto tradicional...

R: Mantem-se aquele e tenta ...

F: Até porque, escolas que realmente estão tentando adaptar já não tem dia dos pais, dia das mães, né, então isso é uma resistência do tradicional, né, manter o dia dos pai e o dia das mães, o certo é ter dia da família porque ai não tem essa, ninguém sofre e existe perto do dia das mães e do dia dos pais, tem na tarefa de inglês, ah “vamo fazer um cartão pro pai”, na atividade de sala, “fale do dia do seu pai”, e ela é obrigada a fazer esse tipo de atividade.

R: E ai, já entrando na próxima pergunta, é, diante dessa forma de trabalhar, né, dos professores, dessa tentativa de adaptação, vocês percebem que de alguma maneira, é, os professores para com a filha de vocês, em relação as demais crianças, é, tem um forma diferente de lidar?

F: Tem. Trata de uma maneira especial até pra entender o contexto familiar dela quando vai dar uma tarefinha de dia dos pais que tem que escrever já fala pra ela, igual eu falei aqui agora, ah ce quer fazer um cartão...

L: Olha, eu falei que era pra fazer pro avô pra quem elas quisessem do dia dos pais... não falou pais...

F: É, isso que ele falou, né, tem que, se trata ela de maneira especial, sim, mas...

L: Mas não foi só ela, tem os outros também que não tinha uma pai, outro a mãe...

F: Sim.

R: Mas é o que ela falou, tipo assim, mantem-se a ideia tradicional e faz uma adaptação aos outros que não se encaixam. Pegue uma vez que ela não se encaixe, assim, a esse padrão esperado acaba tendo que ser... entendi.

F: Tratada de uma maneira especial (risos)

R: Meninas, já caminhando pra última pergunta, né, diante de todo esse contexto de diferentes de família que hoje existe, porque é uma realidade social, né, a gente não pode fechar os olhos pra isso, é, quais são as possibilidades que vocês acreditam que a escola tenha de trabalhar com as crianças em relação ao preconceito, como é que vocês, se fosse uma ideia de sugestão, como é que vocês veem isso?

L: Eu já pensei em levar um livro pra eles trabalharem, por exemplo. Eu vejo escola que já trabalha, não sei se foi a escola da Ket e da Mariane, que elas fizeram isso, elas levaram o livro pra trabalhar, elas ficaram super felizes que a escola acatou o livro, meu sobrinho já trabalhou na escola dele, com esta questão dos formatos familiares também, bem bacana e... um livro especificamente, que chama "Olivia tem 2 papais", é, eu vi na internet, e pensei, eu vou levar esse livro pra escola, porque a escola consegue trabalhar com as crianças isso, né, também, e, assim, pensei em fazer essa sugestão porque ele, realmente, nenhum, nenhum livro tem essa pegada, inclusive, deram um livro péssimo pra ela esses dias, cheio de preconceitos nas entrelinhas, mais social e racial, sabe, e...

R: Dentro da escola?

F: Dentro da escola, dentro do contexto escolar... achei um absurdo o livro, né, mas... e mesmo assim tentamos ver a parte lúdica com ela, e, mas eles precisam melhorar, de fato, a gente gosta da escola, né, da parte pedagógica de ensino, se senti acolhido por parte dos professores, como a gente falou, mas eles precisam melhorar, precisam evoluir..

R: Entendi.

F: Inclusive, eu pensei em fazer a sugestão, eu preciso fazer isso mesmo porque é uma maneira da gente ajudar também...

R: Sim.

F: Como eu disse, eu entendo super que é tudo novo, né, que existe até uma dificuldade onde buscar, o que fazer mas, enfim, aí é uma participação nossa também, né, uma via de mão dupla.

R: Beleza. Em relação ao roteiro a gente esgotou, né, as perguntas, a única coisa que eu deixo aberto é, vocês querem fazer mais alguma colocação, falar mais alguma coisa em relação a esse contexto todo que a gente discutiu, tá tudo, ou se não a gente já esgotou, né, agora eu abro pra vocês.

L: Não sei, eu acho que é isso mesmo, só se, num sei, a gente falou até demais, né (risos), a gente acabou extrapolando...

F: Falando, mas, é isso, igual eu falei, a gente não tenta impor nada, é uma convivência relativamente boa, mas igual eu falei, deixando meio claro que existe uma segurança pra gente, a gente vai apalpando aí onde a gente vai, até porque a gente é mãe, a gente tenta pra ela não sofrer, e sabe que tem gente de tudo quanto é jeito, tem gente que tem preconceito e não sou eu que vou mudar uma cabeça fechada agora, né, e aí as pessoas, as vezes, com a convivência, que tem muito disso, né, aí convive e depois fala: “nossa, mas ela é tão bacana, né?”, se descobre que é gay antes não... descobre que são bacana... É, existe um monte, né, tem gente que ... sapatão não pode usar um rosa, eu já ouvi esse tipo de frase, “você é gay, eu não sabia que sapatão usava rosa não” a não por que eu achava que sapatão era tudo feia...

L: “você é tão feminina”...

F: é. “você é tão feminina” (risos)

R: São os estereótipos

L: Então, é, mas tá dando pra ir, tá indo, mas é isso mesmo (risos)